



a fonte

EDIÇÃO 16

2026

Ficha Técnica

Direção

José Manuel Tedim

Coordenação

Alexandra Guedes Pinto

Comissão Editorial

Alexandra Guedes Pinto

Maria Arminda Bragança

Maria de Fátima Martins

Marília Costa

Comissão Científica

Alexandra Guedes Pinto

Elvira Mea

Isaque Ferreira

Isabel Ponce de Leão

José Manuel Tedim

ISBN 323-1-2345678-9-0 (EPUB)

Produção e edição:

Diário do Minho e Questão Lilás

*Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes
Rua Santa Joana Princesa 38
Porto, Portugal 4150-644*

icafg.pt

Copyright © 2026

Artigos e outros textos são da responsabilidade dos autores

Com o Apoio de:



índice

Editorial.....	7
<i>José Manuel Tedim</i>	

Sinopse	9
---------------	---

SECÇÃO 1 - PINTURA

Memórias e Saudades	13
<i>António Teles</i>	

AI Artfact: histórias, arte e educação	14
<i>Beatriz Albuquerque</i>	

O Futuro da Arte.....	24
<i>Beatriz Albuquerque</i>	

SECÇÃO 2 - FOTOGRAFIA

Desfolhada	33
<i>Carlos Santos</i>	

SECÇÃO 3 - DESENHO

Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes	37
<i>José Maia</i>	

SECÇÃO 4 - FICÇÃO

Acasos e histórias	43
<i>Maria Beatriz Jurado</i>	

A esta pasión	50
<i>Celeste Pereira</i>	

A mesa	51
<i>Celeste Pereira</i>	

índice

A festa das almas.....	53
<i>Eduarda Oliveira</i>	
Até lá falo com a lua	54
<i>Eduarda Oliveira</i>	
A madeixa grisalha	55
<i>Eduardo Pereira Cernadas</i>	
Já não era tempo de um outro caminho	57
<i>Eduardo Pereira Cernadas</i>	
Entre a Plataforma e o Tempo.....	60
<i>Ilda Fernandes</i>	
Mulheres da rua das Taipas.....	61
<i>Lina Arroja</i>	
Sinestésias de uma guerra	62
<i>Lina Arroja</i>	
Anda desde manhã uma palavra a perseguir-me	63
<i>Luísa Carrondo</i>	
Se eu soubesse o que sei hoje	64
<i>Luísa Carrondo</i>	
Cristal em Anáfora	66
<i>Luísa Vila Cova</i>	
A menina do laço.....	67
<i>Manuela Miguens</i>	
A minha biblioteca	69
<i>Manuela Miguens</i>	
A paixão segundo a Tina Caxineira.....	71
<i>Maria de Fátima Martins</i>	
O godo	73
<i>Maria de Fátima Martins</i>	
De passagem	74
<i>Maria Fernanda Bahia</i>	

Velha amiga	76
<i>Maria Fernanda Bahia</i>	
Nadar contra a corrente	77
<i>Teresa Canhoto Vieira</i>	
Passamos pelo mundo sem o ver	78
<i>Teresa Canhoto Vieira</i>	

SECÇÃO 5 - POESIA

À Dra. Maria Aurora dos Santos Pereira	81
<i>Albertina Pinto Ribeiro</i>	
Início de Outono	82
<i>Manuel de Oliveira Bastos</i>	
Quem sou?	83
<i>Manuel de Oliveira Bastos</i>	
Saudade, saudade	84
<i>Manuel de Oliveira Bastos</i>	
Viver	85
<i>Manuel de Oliveira Bastos</i>	
Solidão	86
<i>Maria de Fátima Martins</i>	
Última viagem	87
<i>Maria de Fátima Martins</i>	

SECÇÃO 6 - PATRIMÓNIO

Torre dos Clérigos	89
<i>Francisco I. V. Mesquita Guimarães</i>	
O Porto de Camilo	91
<i>Helder Pacheco</i>	

índice

SECÇÃO 7 - VARIA

Nótulas linguísticas	101
<i>Albertina Pinto Ribeiro</i>	
A viagem de comboio de Paris a Tormes, segundo Eça de Queirós, em “A Cidade e as Serras”	104
<i>António Vasconcelos</i>	
Memórias dos meus anos na Universidade do Porto, de outubro 1955 a julho 1961	110
<i>António Vasconcelos</i>	
Casimiro de Abreu e <i>A Ilustração Luso-Brasileira</i>	121
<i>Isabel Ponce de Leão</i>	

EDITORIAL

Por José Manuel Tedim

A Revista *A Fonte*, agora também em formato papel, e enquanto instrumento histórico, continua a desempenhar um papel fundamental na dinâmica cultural do Instituto D. António Ferreira Gomes, sendo um importante veículo de expressão, reflexão e divulgação da produção intelectual e artística da comunidade integrante da nossa Instituição Cultural.

Ao atuar como espaço de publicação e debate, a Revista *A Fonte* estimula a criatividade e o pensamento crítico entre professores e colaboradores, promovendo um intercâmbio rico de ideias que fortalece a identidade cultural do Instituto. Além disso, a revista valoriza diversas áreas do conhecimento, desde as artes até às ciências sociais e humanas, contribuindo para a formação integral dos seus leitores.

Através da divulgação de trabalhos originais, entrevistas, artigos e resenhas históricas, a Revista *A Fonte* incentiva o diálogo cultural e a partilha de saberes, aproximando a comunidade do Instituto D. António Ferreira Gomes dos desafios contemporâneos e das expressões culturais locais e globais.

A Revista *A Fonte* exerce um papel especialmente importante na divulgação das atividades desenvolvidas pelas diversas unidades culturais do Instituto D. António Ferreira Gomes, com destaque para aquelas dirigidas aos alunos seniores que a frequentam. Ao trazer visibilidade a esses projetos, a revista valoriza e reconhece o empenho dessas unidades em promover o envelhecimento ativo, a inclusão social e a participação cultural dos seniores.

Através de publicações de vários campos do saber a Revista *A Fonte* ajuda a fortalecer a ligação entre gerações, estimulando a integração dos mais velhos na vida cultural do Instituto. Essa divulgação amplia o alcance das iniciativas, atraindo maior interesse e participação da comunidade, e incentiva a criação de novos programas que respondam às necessidades e interesses desta faixa etária.

Além disso, ao dar voz aos alunos seniores, a revista promove o resgate e a valorização da memória, das tradições e das histórias de vida, enriquecendo o acervo cultural do Instituto. Dessa forma, a Revista *A Fonte* torna-se um instrumento essencial não apenas para informar, mas também para fortalecer a autoestima e o sentido de pertença desses alunos, reconhecendo a sua contribuição para a vida cultural do Instituto D. António Ferreira Gomes.

Em suma, a Revista *A Fonte* é um catalisador essencial para a vida cultural do Instituto D. António Ferreira Gomes, promovendo a reflexão, o conhecimento e a criatividade como pilares do crescimento humano.

SINOPSE

Por Alexandra Guedes Pinto

É com grande prazer que apresentamos o novo volume da revista *A Fonte*, publicação do Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes que continua a afirmar-se como espaço de encontro entre diferentes formas de criação artística, literária e cultural. O volume de 2026 reúne contributos oriundos da pintura, da fotografia, do desenho, da ficção, da poesia, do património e do ensaio breve, refletindo a diversidade de vozes, sensibilidades e experiências que atravessam a comunidade do ICAFG.

A secção Artes abre com um conjunto de trabalhos dedicados à pintura, à fotografia e ao desenho. António Teles apresenta *Memórias e saudades*, acompanhado por pinturas a óleo que convocam universos de evocação pessoal e contemplação visual. Beatriz Albuquerque contribui com *AI-ARTFACT – Histórias, Arte e Educação*, projeto que articula criação artística, inteligência artificial e reflexão pedagógica, explorando novos modos de relação entre arte, tecnologia e ensino. A secção integra ainda um conjunto de trabalhos produzidos no contexto das aulas de pintura dinamizadas por esta docente no Instituto. Na área da fotografia, Carlos Santos apresenta um conjunto de imagens acompanhadas de texto, num diálogo entre olhar visual e expressão verbal. Já a Oficina de Desenho reúne diversos trabalhos gráficos produzidos pelos seus participantes, revelando diferentes abordagens técnicas e estéticas.

A secção de Ficção confirma a importância da escrita narrativa neste volume, reunindo autores e autoras que exploram múltiplos universos temáticos e diferentes modos de construção literária. Beatriz Jurado, Celeste Pereira, Eduarda Oliveira, Eduardo Pereira Cernadas, Ilda Fernandes, Lina Arroja, Luísa Carrondo, Luísa Vila Cova, Manuela Miguens, Maria de Fátima Martins, Maria Fernanda Bahia e Teresa Canhoto Vieira apresentam textos marcados pela memória, pelas relações humanas, pela introspeção e pela observação do quotidiano. Entre encontros e desencontros, evocação do passado, inquietação existencial, revisitação afetiva de lugares e reflexão sobre o tempo, os textos reunidos nesta secção revelam a pluralidade de estilos e imaginários que caracteriza a escrita literária contemporânea desenvolvida no âmbito do ICAFG.

Na secção de Poesia, os textos de Albertina Ribeiro, Manuel Bastos e Maria de Fátima Martins convocam temas como o tempo, a identidade, a saudade, a solidão e a condição humana. Entre o poema lírico, o registo meditativo e a evocação intimista, os contributos aqui reunidos evidenciam diferentes modos de exploração da linguagem poética e da experiência subjetiva.

A secção Património integra dois textos dedicados à cidade do Porto e à sua memória cultural. Francisco Mesquita Guimarães conduz-nos à Torre dos Clérigos, revisitando um dos espaços mais emblemáticos da cidade, enquanto Hélder Pacheco propõe um percurso pelo Porto de Camilo, evocando a presença de Camilo Castelo Branco na paisagem urbana e cultural portuense.

O volume encerra com a secção Varia, onde convergem contributos de natureza diversa. Albertina Ribeiro apresenta as suas *Nótulas Linguísticas*, num olhar atento sobre questões da língua e do uso linguístico. António Vasconcelos reúne dois textos de memória e viagem — *De Paris a Tormes e Memórias dos meus anos da Universidade do Porto* — marcados pela evocação pessoal e pelo testemunho autobiográfico. O volume culmina com um artigo de Isabel Ponce de Leão que analisa a colaboração de Casimiro de Abreu na revista *A Ilustração Luso-Brasileira* e o papel desta publicação na divulgação do poeta em Portugal. Através da análise de poemas e textos publicados no periódico, a investigadora evidencia o diálogo entre os romantismos português e brasileiro, bem como a importância das revistas literárias na circulação e legitimação cultural no século XIX.

Com este novo volume de *A Fonte*, o Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes reafirma o seu compromisso com a promoção da criação artística, da escrita e do pensamento cultural. Os contributos aqui reunidos testemunham a vitalidade de uma comunidade que continua a encontrar na arte, na literatura, no património e na reflexão espaços privilegiados de expressão, partilha e diálogo.

Revista A Fonte – Volume 2026



Secção 1

PINTURA

ARTE EM MOVIMENTO

MEMÓRIAS E SAUDADES

Por António Teles

Desde a minha infância testemunhei a partida de pessoas e hoje relembro as jornadas de algumas delas. Cada despedida é um capítulo um livro uma história que se desenrola e deixa a sua marca no tecido do tempo. Algumas partiram em busca de aventuras outras em busca de paz outras simplesmente por partirem, mas todas elas deixaram um rasto de *Memórias e Saudades*.

Since my childhood I have witnessed people leaving and today I remember the journeys of some of them. Each farewell is a chapter, a book, a story that unfolds and leaves its mark on the fabric of time.

Some left in search of adventures, others in search of peace, others simply to leave, but they all left a trail of *Memories and Longings*.



AI ARTEFACT: HISTÓRIAS, ARTE E EDUCAÇÃO

Por Beatriz Albuquerque

(Este artigo foi primeiro publicado em inglês no livro *Questioning AI: A Louffa Press Anthology*, 11-28 p., 2025, New York: Louffa Press. ISBN: 9798292915010)

Durante algum tempo, lutei contra a IA, mas a IA ganhou. Tudo o que escrevo hoje se torna obsoleto no momento em que acabo de escrever. No ano passado, decidi mergulhar de cabeça para ver que ferramentas gratuitas estão disponíveis online, pensando na criação artística com IA e pedagogia, e que implicações poderá ter a IA. Mas eu queria algum contexto, por isso comecei por assistir a uma palestra de Yann LeCun na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, em 2024, onde aprendi sobre a história da IA e como começou com Alan Turing. Em 1950, Turing propôs o teste de Turing — uma forma de determinar se uma máquina pode exibir um comportamento inteligente indistinguível do de um ser humano (Turing, 1950). A Conferência de Dartmouth em 1956, o primeiro evento formal que lançou o campo da IA como disciplina, reuniu investigadores para estudarem o desenvolvimento de máquinas pensantes (MacCarthy et al., 1956). A década de 60 assistiu a inovações como o ELIZA, o primeiro chatbot (Weizenbaum, 1966), e o SHAKEY, o primeiro robô móvel capaz de resolver problemas simples (Nilsson, 1984). Nas décadas de 1970 e 1980, o campo da IA enfrentou uma queda significativa no financiamento devido à frustração com os resultados limitados. Havia expectativas exageradas que levaram à deceção e aos cortes no financiamento da investigação. O interesse começou a ressurgir na década de 1990 com a introdução de novas técnicas e o aumento do poder computacional (Binns, 2018). Das décadas de 1990 a 2000, a IA ganhou um novo impulso com o aumento do poder computacional e o desenvolvimento de novos algoritmos. O Big Data e a Machine Learning, com a explosão de dados disponíveis, permitiram à IA treinar modelos mais complexos e eficazes, como as redes neuronais profundas. A IA foi aplicada em áreas como a saúde, finanças e tecnologia, trazendo grandes inovações e aumentando a automação (LeCun, Bengio, Hinton, 2015). O aparecimento da IA generativa, na década de 2010, com algoritmos como as Redes Neurais Adversárias Generativas (GANs), revolucionou a criação de novos conteúdos e impulsionou o ressurgimento dos modelos generativos. O impacto da IA generativa na sociedade em termos de transformação industrial é significativo: está a revolucionar setores como o entretenimento, a saúde e as finanças, possibilitando a automatização criativa e diagnósticos mais precisos. Em termos de novas oportunidades, a utilização da IA genérica está a criar novas oportunidades de emprego e serviços em áreas como o marketing, a arte e o design. Em termos de impacto económico, estima-se que a IA generativa aumente a produtividade global até 7%, impulsionando o PIB global (Brynjolfsson & McAfee, 2014). Aqui, expressarei o meu ponto de vista sobre as subáreas da IA. Divido-as em quatro subáreas: 1. Aprendizagem Automática (ML), 2. Processamento de Linguagem Natural (NLP), 3. Visão por Computador (CV), 4. IA Generativa (GAI).

Subárea 1. Aprendizagem Automática (ML)

A aprendizagem automática (ML) é utilizada em recomendações de produtos, análises de tendências, filtragem de e-mails e deteção de fraudes financeiras. O ML envolve a criação de algoritmos permitindo aos sistemas “aprender” com os dados sem serem explicitamente

programados. O treino é o processo de ensinar um modelo a encontrar padrões num conjunto de dados de treino. É aqui que o modelo “aprende” os parâmetros que minimizam o erro ou maximizam a precisão. A inferência é o processo de utilização de um modelo previamente treinado para fazer previsões ou classificações em novos dados (que o modelo nunca viu antes) (Kingma & Welling, 2014). Os principais tipos de ML são a aprendizagem supervisionada, a aprendizagem não supervisionada e a aprendizagem por reforço. Aprendizagem supervisionada: modelos treinados com dados rotulados. Já conhecemos o resultado para cada exemplo, como perceber padrões nos textos de e-mail permitindo-nos verificar se há spam. O modelo aprende a mapear a entrada e a saída com base nos exemplos fornecidos e, em seguida, aplica esse conhecimento para fazer previsões em novos dados. (Vaswani et al., 2017) Algoritmos: Árvores de decisão, Floresta aleatória, K-vizinhos mais próximos, etc. Aprendizagem não supervisionada: o modelo é treinado com dados não rotulados, ou seja, não existe uma resposta conhecida. O modelo tenta encontrar padrões ou estruturas nos dados por si próprio. Por exemplo, segmentação de clientes ou recomendação de produtos (Binns, 2018). Os algoritmos estão divididos em 5 tipos principais: Agrupamento (K-means), Redução de dimensionalidade (PCA), Associação (Apriori), Detecção de anomalias (Isolation Forest) e Descoberta de tópicos (LDA). A aprendizagem por reforço tem aplicações na academia, como sistemas de tutoria inteligente, “gamificação” da educação e gestão de recursos nas universidades (Schmidhuber, 2015). A aprendizagem automática (ML) engloba a aprendizagem profunda (DL), uma subárea do ML que utiliza redes neuronais profundas com múltiplas camadas para resolver problemas complexos. O DL é muito eficaz no processamento de grandes volumes de dados. As principais técnicas são as Redes Neurais Convolucionais (CNNs) — visão computacional — e as Redes Neurais Recorrentes (RNNs) — sequências de dados como texto e fala (LeCun et al., 2015). Um exemplo é o reconhecimento de imagens em larga escala, como o reconhecimento facial.

Subárea 2. Processamento de Linguagem Natural (PLN)

O Processamento de Linguagem Natural (PLN) centra-se na interação entre os computadores e a linguagem humana, permitindo que as máquinas compreendam, interpretem e gerem texto ou fala. Exemplos incluem chatbots educacionais ou tradução automática (Kingma & Welling, 2014).

Subárea 3. Visão por Computador (VC)

As principais áreas de atuação da Visão por Computador (VC) são o reconhecimento de objetos, a segmentação de imagens e a deteção de fases (Goodfellow et al., 2016). Exemplos incluem veículos autónomos que utilizam câmaras para reconhecer sinais de trânsito e peões; diagnósticos médicos, segurança e monitorização.

Subárea 4. IA Generativa

Os modelos de linguagem generativa envolvem a utilização de modelos para criar novos dados, como textos, imagens, música, vídeos ou até mesmo código de software, com base em padrões aprendidos a partir de dados existentes (Goodfellow et al., 2014), bem como modelação 3D, jogos, química e biologia, etc.

Modalidade de IA Generativa (TEXTO)

Criação ou modificação de texto escrito. Exemplos: escrita de ensaios, artigos, resumos, tradução de línguas, geração de código de programação. Ferramentas como o ChatGPT.

Modalidade de IA Generativa (IMAGEM)

Criação ou edição de imagens realistas ou artísticas. Exemplos: arte digital ou ilustração, design gráfico e prototipagem, modificação ou restauro de imagens. Ferramentas como o DALL-E.

Modalidade de IA Generativa (VÍDEO)

Criação ou edição de conteúdos de vídeo. Exemplos incluem animações e vídeos curtos gerados automaticamente, criação de avatares digitais a partir de texto ou som, deepfakes ou substituição facial em vídeos. Ferramentas como o RunwayML.

Modalidade de IA Generativa (SOM)

Geração ou modificação de áudio. Exemplos incluem a voz sintética (narradores, assistentes visuais), a criação de música ou efeitos sonoros, a síntese de voz (TTS). Ferramentas como o ElevenLabs.

Modelos de Linguagem de Grande Dimensão (LLM) de IA Generativa

Estes modelos surgiram em 2018 com o modelo BERT e são compostos por uma rede neural com muitos parâmetros. São treinados com grandes quantidades de texto usando aprendizagem automática não supervisionada. Compreendem as perguntas em linguagem natural e geram respostas coerentes (Vaswani et al., 2017). Estes modelos aprendem padrões a partir de muitos exemplos de texto e, com base no nosso conhecimento, prevêm qual a palavra que deve ser utilizada a seguir para criar uma resposta.

O que são LLM (Large Language Models)? Imagine ensinar uma criança a falar e a escrever ao longo de muitos anos, dando-lhe todo o tipo de livros e falando sobre milhares de temas. Eventualmente, esta criança começaria a compreender como construir frases, compreender palavras no contexto correto e responder de forma lógica e diferenciada às perguntas. Um Modelo de Linguagem Inteligente (MLI) faz algo semelhante, mas em vez de ter uma mente humana, tem algoritmos que o ajudam a processar e gerar respostas com base nos padrões que aprendeu.

O que é o GPT? É um modelo de linguagem criado pela OpenAI que significa “Generative Pre-trained Transformer” (Transformador Generativo Pré-treinado). Foi treinado com grandes volumes de texto e pode executar muitas tarefas de linguagem. Utiliza um conjunto de dados massivo, estimado em cerca de 13 triliões. A versão lançada em 2024 é o GPT-40.

O que é o ChatGPT? É uma aplicação de chatbot que utiliza os modelos de linguagem GPT da OpenAI para permitir interações em linguagem natural, respondendo a perguntas e gerando texto de forma interativa.

Engenharia de Prompts

A escrita de prompts de IA é o processo de criação de entradas (geralmente texto) instruindo a IA Generativa a gerar a resposta desejada. Por outras palavras, o estímulo é a forma como pedimos a uma IA para fazer algo (Schmidhuber, 2015). Chatbots. Os chatbots são interfaces

baseadas em modelos de linguagem que permitem a interação automatizada com os utilizadores, simulando conversas humanas para tarefas específicas ou generalistas. Funcionam com a entrada de texto ou voz do utilizador; realizam o processamento através de um modelo de linguagem generativo e geram uma resposta contextualizada. Exemplos são o ChatGPT (OpenAI); Gemini (Google DeepMind), Copilot (Microsoft), Claude (Anthropic). Porque é que estes exemplos são considerados chatbots? Cada um deles tem capacidade conversacional e todos permitem interações através de texto (em alguns casos, imagem e voz) com o objetivo de responder a perguntas, executar tarefas ou manter diálogos. Baseiam-se em Modelos de Linguagem de Aprendizagem (LLMs), que são a base para os chatbots avançados. O deles é um modelo interativo utilizado para suportar tarefas como responder a perguntas, resolver problemas e gerar conteúdo (texto ou código).

Arte e IA versus IA

Após avaliar toda esta informação e perceber que me rodeavam há muito tempo sem que me apercebesse, decidi experimentar e utilizar todas as ferramentas de IA disponíveis gratuitamente online.

Uma oportunidade para explorar isso surgiu naturalmente. Uma jornalista entrevistou-me sobre o meu projeto Wonder Memories, e eu pensei: “Será que poderia usar um sistema de IA para responder às perguntas como se fosse eu?”. Assim, copiei e coleí as perguntas no ChatGPT, forneci exemplos bibliográficos das minhas respostas anteriores (para dar algum contexto à IA sobre a minha personalidade) e pedi-lhe que respondesse. Não funcionou na totalidade. Tentei novamente, mas esboçando as respostas numa ou duas frases e fornecendo à IA mais exemplos de como poderia ter respondido, e mesmo assim ela não respondeu da mesma maneira que eu. Faltavam exemplos, ligações, substância, e a maior parte da resposta estava simplesmente errada, quase o oposto do que eu teria respondido. Assim, respondi à entrevista sozinha, utilizando a minha própria Inteligência Natural (IN em vez de IA).



Figura 1 - Beatriz Albuquerque, Money (Série 59), Videoarte, 2024, Exibição Coletiva: Cinémorphe (Paris - França); Ort: k48 - Offensive für zeitgenössische Wahrnehmung (Viena-Áustria); KunstKunst Münster (Münster, Alemanha); Martello Studios (Londres, Reino Unido); Studio Bubeč (Praga, República Checa); Window Museu (Portugal); 2025.

De seguida, comecei a experimentar com a criação de vídeos e plataformas de IA. Imaginei uma série de vídeos denominada “Dinheiro” (Figura 1) baseada em imagens de dinheiro que iriam de 1 a 60, de modo a que cada vídeo representasse o tempo indicado na imagem do dinheiro, utilizando uma abordagem de animação visual de poesia concreta. A maioria dos softwares de IA para vídeo não aceita imagens de dinheiro, mas dois deles aceitaram. Assim, inseri o

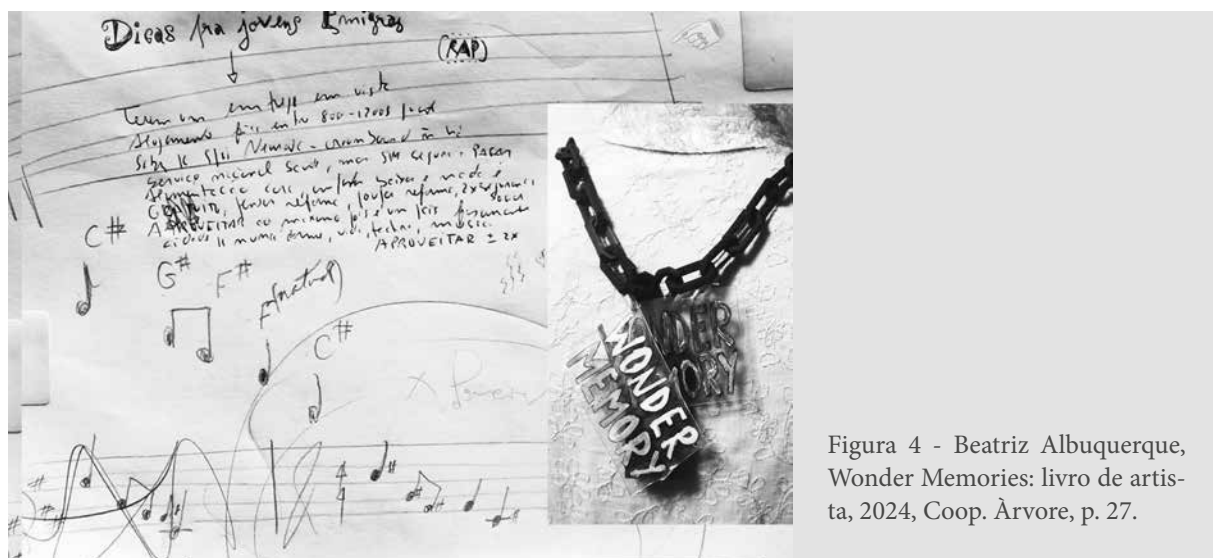


Figura 4 - Beatriz Albuquerque, Wonder Memories: livro de artista, 2024, Coop. Àrvore, p. 27.

Patriarcado e IA

Assim, aprofundi a reflexão sobre a IA e perguntei-me que tipo de letra de música uma IA criaria se eu lhe pedisse. Pedi então a uma IA (Freshbots) para criar uma letra sobre uma mulher que trabalha o dia todo e não tem tempo para a família. Quando vi o resultado, não gostei da implicação da letra. Então, interroguei-me como é que esta letra seria se pedisse à IA para escrever sobre um homem. Não foi a mesma coisa. Em vez disso, o homem estava a passar por dificuldades, e a família deveria ser compassiva, compreensiva e dar-lhe espaço, especialmente as mulheres da sua vida. Quando foi uma mulher que trabalhava e não passava tempo com a família, era retratada como uma má mãe. Mais uma vez, alterei o pedido. Em vez de “homem”, pedi “homens que gostam de homens”. E, em vez de “mulher”, pedi “pessoas que se identificam com as mulheres e que gostam de mulheres”. Com este novo pedido, a letra foi menos crítica em relação ao papel do pai ou da mãe que trabalhava em demasia. A nova ideia era que estavam a perseguir os seus sonhos, mas ainda gostavam da família, e por isso a sustentavam. Em todos os casos, o preconceito e o julgamento estavam implícitos nas letras. Ora, imagino sempre a IA a partir do preconceito, de modo a que se situe a partir de um ponto de vista privilegiado e dos seus exemplos de pessoas privilegiadas comuns na nossa sociedade – um homem branco cisgénero, colonialista. Para ser mais precisa, senti que a voz da IA vinha de um homem branco, colonialista, de um ponto de vista privilegiado, o que, a meu ver, é uma propagação da mesma realidade com a qual já convivemos. O que vejo que deveria ser implementado nas plataformas de IA ao criar textos e imagens musicais é a literacia crítica em diversidade, que, segundo Steyn (2010), nos permite ler as relações sociais como textos, reconhecendo como certas possibilidades se abrem ou se fecham consoante a posição dos sujeitos. Esta ferramenta analítica é particularmente útil para desconstruir representações normativas e binárias — homem/mulher, forte/fraco, ativo/passivo — que moldam a gramática visual (Steyn, 2010). A nossa realidade é definida por outros, as nossas identidades são criadas por outros, como a IA. Neste contexto, a epistemologia situada — o lugar da fala — é fundamental para a produção do conhecimento feminista, pois permite reconhecer as múltiplas experiências e subjetividades das mulheres (Ribeiro, 2017). Cixous (1976) afirmou que era necessário romper com o discurso masculino dominante para que as mulheres se pudessem apropriar da linguagem e “morder essa língua com os seus próprios dentes”. A performatividade, conceito desenvolvido por Judith Butler,

é também central nesta discussão: os géneros não são meras representações, mas atos reiterativos que constroem socialmente o corpo e a identidade. Por outras palavras, a IA (Inteligência Artificial) deveria ter uma proposta atualizada, como refere Mörsch (2016) na pedagogia em que é concebida como literacia crítica na interface para fomentar o desenvolvimento de uma abordagem antidiscriminatória através da problematização dos cânones propagados na nossa sociedade hegemónica, sobretudo no que diz respeito à criação de imagens e à propagação das dinâmicas de poder vigentes na sociedade em que vivo (europeia-americana). Ou seja, a IA necessita de passar por uma reinscrição do feminino para além do binarismo opressivo (Steyn, 2015; Butler in Fraser, 2015). Precisamos de encontrar uma forma eficaz de desconstruir estereótipos de género e promover a literacia crítica entre os alunos. Ao integrar análises interseccionais e performativas na educação artística, é possível cultivar a consciência do lugar da fala, das representações hegemónicas e dos mecanismos de exclusão cultural. Como reconfigurar a IA para descolonizar o olhar? Uma ausência e implicação da branquitude. Apesar da proposta de desconstrução, a branquitude continua a ser dominante na narrativa recriada. Como os próprios facilitadores salientaram, os materiais de apoio continham uma cronologia branca e eurocêntrica, ausente de corpos racializados ou de perspectivas pós-coloniais. A produção do conhecimento da IA como um espaço racializado, onde o colonialismo epistemológico persiste silenciosamente, é central para pensar as futuras edições da experiência da IA, com maior atenção necessária às intersecções de género, raça, classe e colonialismo. Como defende Ribeiro (2017), a pluralidade de vozes e a problematização do lugar da fala são essenciais para uma pedagogia que procura ser verdadeiramente transformadora. A ideia que tenho da IA como compositora e criadora de imagens é que tende, por defeito, para uma voz branca, masculina, colonialista e binária. Como a minha experiência com imagens e textos baseados em IA começou em 2024, fui à internet para ver se ainda propagava as minhas impressões de acordo com estereótipos a partir das sugestões (legendas nas imagens abaixo).



Figura 5 - Beatriz Albuquerque, 2025, Tema “médico”, imagem da esquerda para a direita criada por: Monica, Deepai, Aiease e Artlist.



Figura 6 - Beatriz Albuquerque, 2025, Tema “médico num país em desenvolvimento”, imagem da esquerda para a direita criada por: Monica, Deepai, Aiease e Artlist.



Figura 7 - Beatriz Albuquerque, 2025, Tema “médico em zona pobre”, imagem da esquerda para a direita criada por: Deepai, Aiease



Figura 8 - Beatriz Albuquerque, 2025, Tema “grupo de médicos de todos os gêneros e cores” e “grupo de médicos de todos os gêneros e cores, mas sem incluir homens brancos”, imagem da esquerda para a direita criada por Deepai.

As quatro plataformas de IA gratuitas que utilizei para gerar as imagens acima mostram claramente como o ponto de vista e as representações visuais da IA podem ser um ponto de investigação sobre os enviesamentos da IA. A propagação do status quo através da IA é evidente quando solicitada, um ponto de vista que exclui vozes que não sejam brancas, masculinas e colonialistas. Destes pedidos, houve falta de representação feminina, exceto no caso em que o pedido foi feito com “médica no terceiro mundo”. Para que uma médica aparecesse numa imagem, o pedido precisava de incluir a frase “todos os gêneros”, porque o padrão é homem, homem branco, homem branco com máscara, mesmo quando o pedido dizia “nenhum homem branco”, a IA ainda gerava a imagem de um homem branco. Isso pode mudar com o tempo, mas para já a minha experiência é esta. Os resultados dos pedidos corroboraram a minha ideia inicial de que a IA mantém um ponto de vista privilegiado e cria a partir dos enviesamentos presentes na sociedade patriarcal hegemónica em que vivemos. Precisamos por isso, de educar a IA.

Conclusão

A conclusão que se segue foi escrita por IA conforme indicado abaixo, com exceção deste parágrafo. Do meu ponto de vista, a IA é nossa colaboradora, um grupo que combina a nossa NI e a IA. Precisamos de utilizar a NI para corrigir os erros ou refazer o trabalho, mas a IA é uma ferramenta, caso optemos por utilizá-la. A IA, na sua curadoria deste texto, excluiu as observações que fiz acima, em que o ponto de vista hegemónico do homem branco é claramente favorecido. Isto é notável, pois esta questão do enviesamento ocupa quase metade de todo o artigo. A IA optou por editar precisamente os enviesamentos que o meu texto foi escrito para o demonstrar. Assim, convido os leitores a realizarem as suas próprias experiências para verificar até que ponto os enviesamentos da IA persistem após a publicação deste texto. Para já, parece que a IA não considera a literacia crítica importante e tentará apagar qualquer menção ao privilégio do homem branco. Abaixo, seguem as conclusões escritas pela IA.

ChatGPT, 2025 (sem necessidade de login). Prompt: Elabore uma conclusão com base neste artigo.

“Em conclusão, a minha jornada a explorar as ferramentas de IA na criação artística e na pedagogia destacou tanto o potencial como as limitações da IA nos processos criativos e na educação. Embora a IA possa ser uma ferramenta útil para gerar ideias, automatizar determinadas tarefas e auxiliar em aspetos técnicos, deixa a desejar quando se trata de incorporar a profundidade única, as experiências pessoais e o pensamento crítico que definem a criatividade humana. As minhas tentativas de replicar a minha voz através de respostas geradas por IA foram mal sucedidas, pois as respostas careciam dos exemplos subtis e da substância que eu iria fornecer. Esta experiência reforçou a noção de que a IA, apesar das suas capacidades avançadas, não pode substituir a riqueza do pensamento humano e da inteligência natural. No contexto da educação, os desafios são igualmente complexos. À medida que a IA se integra cada vez mais no fluxo de trabalho dos alunos, surgem questões sobre a originalidade, a autoria e o envolvimento crítico com o conteúdo. As minhas observações em sala de aula revelaram um misto de hesitação, dependência e até mesmo medo em relação ao uso da IA. Enquanto alguns alunos dependem da IA para tarefas como a correção da linguagem ou a organização de apresentações, outros debatem-se com as implicações da utilização destas ferramentas, preocupando-se com o plágio ou com a autenticidade dos seus trabalhos. Esta discrepância realça uma preocupação mais ampla sobre o papel da IA na educação: a necessidade de orientações claras e de estruturas éticas que abordem a sua integração sem comprometer o pensamento crítico ou a honestidade intelectual. Em última análise, a minha experiência mostra que a IA pode ser uma ferramenta poderosa, mas não pode substituir o trabalho criativo e intelectual que provém da mente humana. À medida que a tecnologia continua a evoluir, é crucial interagir com ela de forma ponderada, garantindo que melhora, em vez de diminuir, as qualidades que nos tornam humanos. Seja na sala de aula ou em atividades artísticas, a IA deve ser vista como uma ferramenta de apoio e inspiração, e não como um substituto das complexidades da inteligência natural.”

Bibliografia

Solicitei à IA acima que escrevessem a bibliografia deste texto. A bibliografia escrita pelo ChatGPT é muito semelhante à correcta, excepto pela omissão do meu apelido, Albuquerque, e do livro de Judith Butler, “Gender Trouble”. O restante é idêntico.

ChatGPT (versão gratuita). Prompt: Escreva a bibliografia em formato APA para este texto.

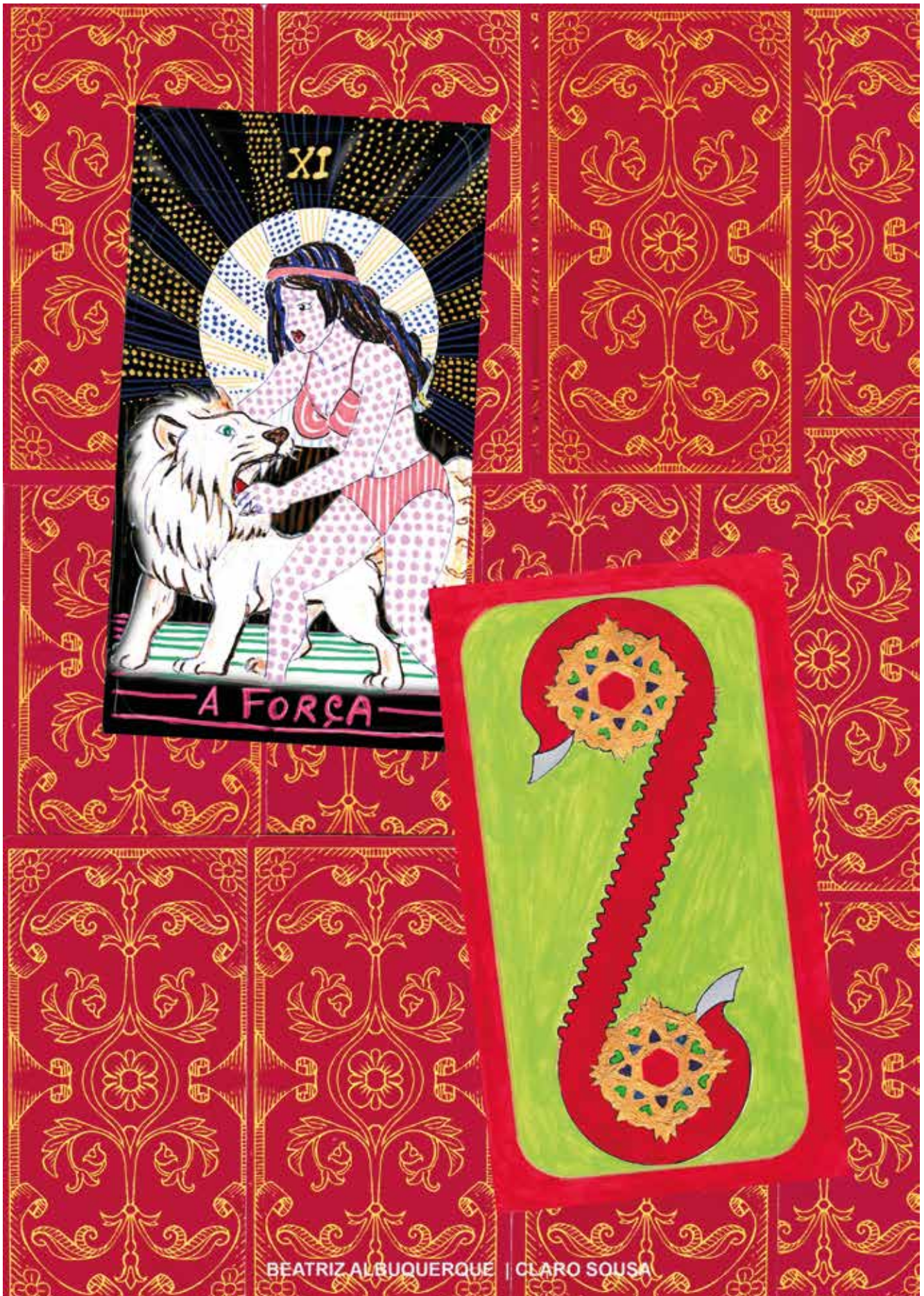
“Referências: B., A. (2024). Wonder Memories: Artist book on diaspora. Cooperativa Árvore. | B., A. (2024). AI and education: A pilot classroom study on student use and perception [Unpublished manuscript]. | Binns, R. (2018). Generative models and the future of creativity in AI. *AI & Society*, 33(3), 543–551. | Brockman, W., & Mitchell, T. (1995). *Artificial intelligence: The historical and social impact of technology*. MIT Press. | Cixous, H., Cohen, K., & Cohen, P. (1976). The laugh of the Medusa. *Signs*, 1(4), 875–893. | Domingos, P. (2015). *The master algorithm: How the quest for the ultimate learning machine will remake our world*. Basic Books. | Fraser, A. (2015). Performance or enactment. <https://noreadingaftertheinternet.wordpress.com> | Goodfellow, I., Bengio, Y., & Courville, A. (2016). *Deep learning*. MIT Press. | Goodfellow, I., Pouget-Abadie, J., Mirza, M., Xu, B., Warde-Farley, D., Ozair, S., Courville, A., & Bengio, Y. (2014). Generative adversarial nets. In *Advances in Neural Information Processing Systems (NeurIPS)*. | Kingma, D. P., & Welling, M. (2013). Auto-encoding variational Bayes. *International Conference on Learning Representations (ICLR)*. | Kingma, D. P., & Welling, M. (2014). Auto-encoding variational Bayes. *International Conference on Learning Representations (ICLR)*. | LeCun, Y. (2024, October 18). Objective-driven AI systems – AI that can learn, understand the world, reason, plan, yet is safe and controllable [Lecture]. Columbia University. <https://www.cs.columbia.edu> | LeCun, Y., Bengio, Y., & Hinton, G. (2015). Deep learning. *Nature*, 521(7553), 436–444. | McCarthy, J., Minsky, M., Shannon, C., & Churchill, W. (1956). A proposal for the Dartmouth summer research project on artificial intelligence. | Mörsch, C. (2016). Literacia crítica da diversidade na interface educação/arte. | Nilsson, N. J. (1984). Shakey the robot (Technical Report 323). Stanford Research Institute. | Ribeiro, D. (2017). Lugar de fala. Buobooks. | Schmidhuber, J. (2015). Deep learning in neural networks: An overview. *Neural Networks*, 61, 85–117. | Steyn, M. (2010). Critical diversity literacy: Essentials for the twenty-first century. In *Routledge international handbook of diversity studies*. Routledge. | Turing, A. (1950). Computing machinery and intelligence. *Mind*, 59(236), 433–460. | Vaswani, A., Shazeer, N., Parmar, N., Uszkoreit, J., Jones, L., Gomez, A. N., Kaiser, & Polosukhin, I. (2017). Attention is all you need. In *Advances in Neural Information Processing Systems (NeurIPS)*. | Weizenbaum, J. (1966). ELIZA – A computer program for the study of natural language communication between man and machine. *Communications of the ACM*, 9(1), 36–45.

Videos da Artista: B., A. (2024, May). W. B. Art in a Time of Uncertainty [Video]. YouTube. <https://youtu.be/7vsxF4q4wp4> | B., A. (2024, August). Money [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=wMVo7-ZcqdA> | B., A. (2024, September). Wonder Memories: Emigrant Interviews [Video]. YouTube. <https://youtu.be/ZSwrIq8r0Io>

O FUTURO DA ARTE















O FUTURO DA ARTE

EU não estou,

mas o tempo ainda soa ao redor.

O futuro é incerto,

e o coração segue aberto.

arte do futuro tem que se articular com I.A.,

a vida não se pode iludir com cartaz, ver-se-á o que nascerá.

pode por em causa e criatividade humana,

mas a dúvida também ilumina e abana.

o sumatório das sabedorias que fomos adicionando

é um rio que seguimos, sempre continuando.

espero que o melhor possa acontecer,

pois há sonhos que não deixam de crescer.

arte tem que chamar o belo,

e erguer no mundo um novo castelo.

a arte continuará a ser emoções,

ecoando vidas, gestos e canções.

eu já não sei o futuro da humanidade,

mas procuro nele um traço de verdade.

o futuro da arte é promisor,

mesmo quando o mundo muda de cor.

a arte pode ser o que eu desejo,

e no desejo nasce sempre um ensejo.



Secção 2

FOTOGRAFIA

Testemunhos

DESFOLHADA

Por Carlos Santos

Coleção de fotografias realizadas em Setembro 2025, testemunho de eventos anuais promovidos e apoiados pelo município de Esposende. Estes eventos destinam-se, no fundamental, a incentivar a preservação das raízes e costumes de cada região bem como a dar visibilidade aos trajes, danças e cantares existentes no concelho. Este ano foi na vila de Apúlia, lugar de Criaz, que se realizou uma grande desfolhada, seguida da atuação do grupo etnográfico dos Sargaceiros da Apúlia e de outros ranchos folclóricos do concelho. Uma realização anual que muito se saúda com o apoio da edilidade.







Secção 3

DESENHO

OFICINA DE DESENHO

Por José Maia

As obras aqui reunidas, realizadas em aguarela, pastel seco, carvão e grafite sobre papel, foram criadas pelos participantes inscritos na Oficina de Desenho no ano de 2025. A oficina proporciona o contacto com conceitos, técnicas, modos de ver e interpretar o desenho, tendo como objetivos desenvolver a capacidade de análise dos vários sinais gráficos e plásticos, exercitar os instrumentos manuais e mentais no ato do desenho, enriquecer o vocabulário gráfico e plástico, adquirir destreza motora, técnica e instrumental, desenvolver a capacidade crítica relativamente ao ato do desenho, sensibilizar para a riqueza de informação formal oriunda do mundo real, desenvolver a capacidade de observar e representar, fornecer múltiplas perspetivas do desenho e das artes plásticas, habilitar para a eficácia e para o rigor no ato de desenho na elaboração de exercícios individuais e desenvolver a capacidade criativa pessoal.

Maria Margarida Moreira de Macedo



Desenho a partir de “Natureza Morta”
de Giorgio Morandi
Pastel s/ papel
49 cm x 42 cm



Desenho a partir de “Saint Moritz”
de Tamara de Lempicka
Pastel s/ papel
42 x 33 cm

Newton. Vasconcelos Moreira de Bastos



Desenho a partir de "Waiting for the Train"
de Edward Hopper
Pastel s/ papel
35 x 28. Cm.



Desenho a partir de "O Grito"
de Edvard Munch
3 Pastel s/ papel
5 x 28 cm

Diogo Castelo Branco



Paisagem
Carvão s/ papel
60 x 42



Árvore
Carvão s/ papel
60 x 42 cm

Maria Antónia Carvalho Pereira



Paisagem
Pastel s/ papel
21 x 28, 5 cm



Paisagem fauve
Pastel S/ papel
17, 5 x 26 cm

Maria Teresa Gomes



Flores
Aguarela s/ papel
30 x 20 cm



Flores
Aguarela s/ papel
20 x 30 cm

Maria Lídia cochofel



Outonal
Aguarela s/ papel
21 x 29



Abstracção
Aguarela s/ papel
21 x 30

*Maria Lídia
Maio-2025*



Secção 4

FICÇÃO

ESCRITA

ACASOS - TRÊS HISTÓRIAS

Por Maria Beatriz Jurado

I - A ÚLTIMA CARTA

Texto ficcional inspirado em “Cartas Portuguesas”, atribuídas a Mariana Alcoforado

Dir-se-iam suspensas alguns centímetros acima do belíssimo chão de mármore. Semelhantes e tão diferentes: faces pálidas, vestidas de branco ou preto, mãos suaves porque dedicadas à oração, olhar dirigido ao Senhor amantíssimo, único e de todas, entrega contida e confiante, num arremedo de paixão exaltada que se surpreendia nas vozes consonantes em alturas de soprano. A igreja, diversa da humilde capela do convento, rescendia a flores excessivas, gritando o colorido da devoção sob a luz coada do alto, em dourados e vermelhos ou azuis das janelas de nascente.

Um hábito branco de noviça rompeu a harmonia, agitando-se em ondulações discretas. Maria do Espírito Santo rendida à distração, pensava: Como faz gala de se distinguir.

Reconheço que não poderia estar com um hábito como os nossos, mas, ainda que em preto, cetins, rendas e sedas enfunadas! E aquele colar de pérolas! É demais! Tudo lhe é permitido e até louvado! A Madre Superiora encanta-se com a “aristocrata”, que elogia, acariciando-lhe a face com o dedo. Imaginará por certo os donativos gordos do pai. Albergar Mariana Alcoforado! Não é para qualquer convento, sobretudo nesta cidade de Beja, de pacatez só temperada pelas feiras e mercados. Claro que agora as coisas haviam mudado: pobre Beja, atafalhada de tropas francesas calcorreando as ruas tortuosas e estreitas e provocando o medo e a falta de tudo o que fora sempre ali abundante!

A noviça retomou a atenção prestada a Mariana: Lá vai ela. Esperam-na os livros em francês, que a Madre não compreende, ou o cansado bordado que não progride, enquanto devaneia. Um frémito, misto de inveja e ciúme, agitou-a, enquanto apressava o passo, procurando ombrear com Mariana: Senhorita Mariana, que me diz deste dia radioso? E Mariana: Irmã, rogo a Deus que me ajude a alegrar este triste coração. E Maria: Decerto a solidão, apartada como está da família...dos irmãos...Mariana fitou-a durante alguns segundos de reflexão: A face oleosa, pele morena, cravada de borbulhas, olhos castanhos, pequenos e cobiçosos, agora suspensos da sua resposta. Depois retomou a conversa: Que decerto. As irmãs e as conversas nos jardins, os irmãos, os passeios a cavalo... Calou-se. Só diria o que fosse adequado. Receava tudo e todas. A ninguém confiaria o que bem fundo acalentava. Aquele amor proibido que a sujeitava e lhe tirava a tranquilidade a que aportara com dificuldade enorme, transpostos medos e fantasmas, desesperança, perda de fé; aquele amor guardá-lo-ia para si apenas no mais recôndito do seu ser. Regressou a Maria. Esta tocava-lhe no vestido, palpando, enquanto a desafiava para a cozinha e uma nova receita que poderiam experimentar juntas. Aceitou. As alternativas eram poucas nesta sua vida de involuntárias e impostas modéstia, simplicidade e oração. Ainda que se preservando e usando de cautela extrema, poderia, de algum modo, entre cores, aromas e sabores, mitigar a amargurada decepção à míngua de resposta aos seus lamentos por parte de Noel. Inconsciente, apertou a bolsinha presa à cintura por baixo da saia, onde escondia algumas das cartas testemunhando o seu amor.

*

Encolhida na cama austera, Mariana soluçava baixinho. As portas não tinham chave e qualquer ruído atrairia a atenção das Irmãs. Da janela alta e estreita, uma luz débil de tarde a partir insistia em brincar-lhe com a saia. O quarto austero que abrigava aquela alma em sofrimento demasiado, perdidas as esperanças de uma palavra do ser amado; de facto, não continha mais do que um inesperado e robusto, altíssimo armário, uma arca rotunda e uma mesa habituada já aos suspiros da escrevente de cartas intermináveis, numa caligrafia apurada e experiente. Delas se retirava a pendular disposição da jovem, em idas e regressos de determinação e temor, perdida no dédalo da dúvida e da desconfiança. Por via de tal, ora acolhia para logo rechaçar a insistente suspeita da inutilidade da oferta de si em chama que se recusa a extinguir-se, ora desistindo em aceitação dilacerante, sucumbia em arroubos de angustiada desalento.

Esta, como as cartas anteriores, ficaria sem resposta, antecipou. Nela dera livre curso ao desespero que a consumia, mercê da dor da separação, insurgindo-se ainda uma vez mais

perante a reclusão que lhe negara o amor sincero por Noel. Entregara-se até ao mais íntimo dos seus sentimentos, confessando-os sem reboço. Que alma cruel e indiferente poderia ignorar a intensidade das suas emoções as quais, sem pejo, lhe confiara, em todas as suas cartas? Que alma? A de Noel, para sua desdita. Seria a última missiva. Fora clara. Vencera a cobardia e rompera com os laços que julgara indissolúveis. Era preciso pôr termo ao seu sofrimento.

E então desesperou: já não o podia impedir. Imprevidentemente abrira a porta à possibilidade frágil do sucesso da sua última missiva. E como o temia! Mas sim, para sua desdita esta carta percorreria um caminho diferente, proposto por Maria do Espírito Santo, e alcançaria o seu amado. Com o tempo e a convivência, aceitara, exausta, a sua amizade, quase devoção, da qual recebia provas a todo o instante. Propusera ela outros portadores com óbvias provas de proximidade ao seu Noel, o que a fazia confiar na sua chegada ao destino. Silenciou a indómita vontade de suspender tudo. Esperaria.

Maria, naquela tarde, encontrou Mariana mais pálida, o rosto marcado pela angústia, o olhar ausente preso na garridice das flores primaveris do pequeno jardim. Vestida de cores sombrias, prendera com descuido os cabelos, as mãos inertes no regaço. Consolá-la-ia, como sempre fazia. Mais uma vez resistiria ao desejo de a ferir de morte. Quase sorriu. Continuará a tirar proveito daquela amizade improvável, que agastava as outras irmãs e lhe suavizava o quotidiano, partilhando das mordomias da fidalga. De facto, enquanto íntima de Mariana Alcoforado, usufruía da condescendência da Madre Superiora, que temia que a sua hóspede adocesse, privando o convento das vantagens do seu acolhimento.

A seu tempo, pensava Maria, quem sabe se nunca, lhe revelaria como, num canto recôndito junto à capela, em noite de lua nova, queimara a sua última carta, a mais tola de todas, mas também a mais temerária. Não, não podia permitir que Mariana recuperasse da sua condição de desânimo e melancolia. Havia que prolongar-lhe o sofrimento e a necessidade do amparo da amiga sempre próxima e disponível.

II - ALGUMAS HORAS DE ALGUÉM

Sete horas da madrugada! Nem três horas dormira. Chovia copiosamente contra as janelas nubladas. O vento de um inverno severo fazia-as oscilar emprestando-lhes a aparência de fragilidade e repelindo a sua vontade de se levantar. Não se sentia cansada apesar. De todo o modo, o programa da noite anterior fora exigente: todos os sorrisos e cumprimentos, mesmo a indivíduos que não suportava; responder sem se comprometer a todas as perguntas de circunstância; não esquecer um aceno a alguém que não sabia exatamente quem era; a dor de cabeça insistente causada pela miscelânea de odores dos perfumes mais em voga. E depois a conferência: pose atenta, olhos cravados no conferencista, mãos no colo em enlace tranquilo, e a luta interior contra o tédio desmedido, a incompreensão absoluta do que fragmentadamente ouvia, as dores agudas nas costas, mercê dos sapatos altíssimos que entendera serem os adequados à circunstância...

A seu lado, na cama, o marido dormia tranquilo, de mãos abertas numa oferta de criança. Aquele mundo era o seu, uma postura de ligeiro distanciamento do quotidiano, perdido em confortáveis abstrações. Sempre amável; esforçado em prestar-lhe toda a atenção que conseguia, sempre lutando com uma teimosa incompreensão dos assuntos quotidianos que a

preocupavam. De absoluta inutilidade face a problemas práticos do dia a dia, nunca contudo se eximia a tentar ajudar, expondo, com inocência, as mais absurdas soluções.

Saltou da cama, já exaltada e descontente, embatendo nos móveis que o decorador impusera, excessivamente volumosos a seu ver, os quais aliás sempre se lhe haviam apresentado hostis. Olhou à volta: casaco do marido caído no chão, objetos dispersos, alguns agora imóveis debaixo da cómoda monstruosa. Deitou-se no chão, enquanto o frio do soalho lhe trespassava a seda da camisa de dormir. O primeiro objeto que alcançou era um conjunto de folhas, certamente um qualquer daqueles intragáveis trabalhos em que o marido mergulhava, esquecendo a existência do mundo e sobretudo a dela. Ainda sentada no chão, desfolhou apressada o pequeno volume, suspendendo o movimento na última página: assinava Valéria de Castro. Sem se deter muito no assunto, levantou-se e encaminhou-se para a sala comum aos dois quartos de banho. Entrou no *closet* e guardou o texto numa gaveta.

*

Duas horas da tarde. Após o telefonema do marido constatou que o almoço teria de ser servido mais tarde. Entretanto empanturra-se com as entradas e telefonara a Robert, o cabeleireiro, suplicando uma hora ainda naquele dia. Não fora fácil. Comiam agora em silêncio, pairando a culpa pela hora tardia, a qual ela não conseguira deixar de sublinhar. Inesperadamente e já na sobremesa, o marido perguntou o que acontecera, já que tivera de andar “de gatas” na busca de alguns dos seus pertences espalhados pelo quarto. Explicou-lhe o que se havia passado, aproveitando a ocasião para insistir nas escolhas incongruentes do decorador. Ficou na dúvida sobre se ele a ouvira.

Soavam as três horas. Regressada ao quarto, mal sentiu o beijo de despedida do marido na testa. Refletia. Fora de mais: a cozinheira e o jardineiro haviam faltado. Obrigada a estar na cozinha, tentara que o almoço fosse moderadamente satisfatório, o que claramente, não acontecera depois de duas horas à espera no forno. Desmarcara, por causa do Robert, a aula com o *personal trainer*, bem como a ida ao *spa*. Irritada, não conseguira disfarçar o enfado de continuar a ouvir a Tété ao telefone, ficando quase certa que a outra se interrompera e desligara ofendida... Que pior lhe poderia acontecer? Decidiu então deitar-se, tomando um qualquer relaxante. Abertas e fechadas várias gavetas (escondia aqueles comprimidos que uma médica amiga lhe arranjava e ela tomava sorratamente e em demasia) impôs-se-lhe de súbito o pequeno caderno de Valéria.

Resolveu lê-lo enquanto aguardava que o medicamento atuasse. Obrigada a abreviar a leitura, sucessivamente mais transversal, já que o assunto se lhe apresentava perfeitamente hermético, parou nas duas últimas páginas: menos densas, um simples olhar e intuiu a sua singularidade: “Francisco, quero muito saber o que pensas desta nova hipótese de trabalho. Compreendo que prejudica muito daquele já desenvolvido, mas, meu querido amigo, não resisti: é todo um universo de possibilidades que se escancaram á nossa curiosidade. Não queres aproveitá-las comigo? Não me atreverei sem o teu assentimento e orientação. Por isso, promete que as vais considerar.”

Manteve-se imóvel, olhar perdido, mãos crispadas no caderno. Os significados possíveis oscilavam-lhe na mente, numa incontrolável diversidade. Não quis considerar hipóteses amáveis, explicações naturais, aceitáveis, benévolas. Partiu rumo às águas encapeladas do mar alto, céu plúmbeo, ameaçador, horizonte indefinido, alterosas vagas de dúvidas e suspeitas,

gradualmente já quase certas. Sopesou as opções da malícia, do confronto desabrido, até a da simulação de um ato desesperado. Acudiu-lhe então o disfarce, o fingimento hábil. Seria capaz de pretender a total ignorância, o desconhecimento, a mais completa inocência?

E aconteceu a cândida entrega do texto ao marido, aludindo, como que por acaso, à sua total incompreensão do conteúdo; a procura noturna dos braços de Francisco; as orientações no sentido de serem confeccionadas as suas refeições preferidas; a solicitação de um vinho especial para comemorar uma qualquer ocorrência insignificante; as sugestões de tranquilos passeios vespertinos e até, ainda que sem sucesso, a proposta de um fim de semana romântico. Arriscou mesmo perguntas um tanto neutras sobre o trabalho dele, acenando pressurosamente uma pretensa compreensão.

Estranhamente, o que começara por ser uma mistificação, ia dando lugar a um comportamento cada vez mais espontâneo, entranhando-se-lhe na alma e modificando-lhe a disposição. Era já uma atitude primeira, alterando-lhe o modo de ver, de estar, de ser. Em Francisco, sempre alheio ao que não fosse substancial, ganhava terreno a aceitação feliz, pouco refletida, mas encantada daquela mulher doce, atenta, que, sobretudo, lhe atribuía valor e parecia necessitar dele. E dava-se inteiro, sem hesitação nem desconfiança.

Pelas dez da manhã, regressada de uma caminhada domingueira com Francisco, que subira para tomar banho, pancadas secas na porta, compeliram-na a dar dois passos atrás e abrir a porta da rua. Uma mulher jovem, alta e de intensos olhos azuis fitava-a com perplexidade, perguntando-lhe, num tom de alguma censura e totalmente a despropósito, se não ia a casa de uma amiga. Desconcertada e ainda sem defesas, explicou-lhe a resolução de terem ido antes caminhar. Regressada alguma lucidez, interrompeu-se abruptamente para perguntar a razão da pergunta e pedir a identificação da pessoa que a fitava quase com agressividade. O nome Valéria não lhe trouxe de imediato qualquer explicação. Essa veio do magro caderno apertado contra o peito da mulher. À sua imperiosa pergunta sobre o paradeiro de Francisco e ainda desconcertada, respondeu-lhe que ele estava no duche. Foi, de pronto, obrigada a recuar, pois Valéria avançava e parecia disposta a subir as escadas. Estupefacta, susteve-a por um braço. Mas afinal, bradou! Quero falar com ele, ripostou a rapariga. Desta vez não me vai evitar.

Recuperada a presença de espírito, puxou energicamente por Valéria na direção da porta que continuava aberta. Esta tropeçou uma ou duas vezes, mas o vigor e determinação da dona da casa venceram-na. Fechada a porta, um Francisco envolto numa toalha, cabelos molhados dificultando-lhe a visão, o espanto nos olhos, perguntou quem era. Ninguém. Não te preocupes. Já resolvi o assunto, foi a sua resposta.

Quatro horas de uma noite serena e perfumada de primavera. Francisco não se deitara. Confirmavam-no os lençóis imaculados. Escutou. Do andar inferior, escapavam-se sons entrecortados. Desceu descalça, em bicos de pés. Enrolado no sofá, em posição quase fetal, Francisco soluçava baixinho, como só os homens fazem. Ajoelhou-se, forçando-o a fitá-la. Estreitaram-se num abraço longo e sentido. Sussurrou-lhe ao ouvido um “então...então” de mãe perturbada, mas segura da ausência de importância do desgosto filial. Um impulso brusco e o marido apanhou o jornal desfolhado na carpete. Numa folha dobrada a meio, agigantada, a face bela de Valéria. Em letras que lhe pareceram desmesuradas: “ACIDENTE OU SUICÍDIO”.

Que aconteceu, murmurou num tom pouco interrogativo como se não quisesse ouvir a resposta. Francisco, voz alteada: “Ela suicidou-se!” E continuou perentório: “Ontem, finalmente arranjei coragem e disse-lhe o quanto nós nos amávamos e como não a queria manter iludida, sobretudo agora que tu me demonstras o quanto me queres bem.”

III - PAÍS EM GUERRA

Otilo tentou, com dificuldade, descerrar as pálpebras, sobrecarregadas de areias e gravilha, soltando o corpo do abraço de traves, arames e pedras e gatejando para fora do buraco de entulho, em que se achara. Em volta, as manchas negras sombreando os olhos cegos dos edifícios pálidos, descarnados, a pele engolida pela bocarra das chamas, o corpo estropiado por amputações várias, equilibrando-se de modo caricato. Perdida uma bota, Otilo manquejou em direção ao meio da praça, estendeu as mãos brancas de pó, lavou-as no gotejar da fonte, inesperadamente incólume, bebendo dela sofregamente.

Alguém se aproximava que logo lhe bateu nas costas, gargalhando. Então, amigo, a sede apertou. Há muitas fontes por aí! E comida, perguntou. Da melhor! Mas prove do meu pão, para já. Estendeu-lhe um pedaço de duro pão roído, que Otilo aceitou, sem hesitação. E acrescentou: Que se passou aqui? São tempos de guerra, claro! Mas chegaram ao fim. Agora é reconstruir e preparar o regresso das nossas mulheres e filhos, que não tardará.

Fico fe..., começou a dizer Otilo, quando os bombardeamentos romperam em crescendo por entre os uivos das sirenes. Venha, venha, instava o andrajoso companheiro, puxando-o para o que restava de um túnel de metropolitano. Rindo sempre, ele apresentava-o a mulheres e crianças, insuficientemente agasalhadas, os cabelos desgrenhados e sujos, os olhos enterrados na cor térrea da pele, suave contudo. Todas riam e o abraçavam, pronunciando longas frases de acolhimento, abafadas pelo troar incessante das bombas. Um homem sentou-o a seu lado e, a face beatificada por uma qualquer recordação longínqua, pediu-lhe que o acompanhasse numa alegre canção local. Incrédulo, Otilo constatou que a conhecia e cantou, bateu palmas e dançou ao compasso da música, abafada pela multiplicação dos mísseis.

Uma mulher limpou as lágrimas de riso e deu-lhe um beijo na face, erguendo até ele um louro menino de grandes olhos azuis. Segurou-o sorrindo, contagiado pelo júbilo dos demais. Parte do teto abateu, soterrando muitos deles. Com surpresa, Otilo ouvia ainda as vozes e os cantos dos soterrados.

À superfície, o pó toldava a visão, mas depressa surgiram velhos, mulheres e crianças de andar apressado, parecendo saber para onde se dirigiam. Muitos paravam, sorriam, perguntavam-lhe se podiam ajudar e só prosseguiam, quando tranquilos sobre a sua situação.

Começou a caminhar, depressa alcançado pelo mesmo velho, agora ferozmente estropiado pelas bombas: Se se ele não se incomodasse, dizia, acompanhá-lo-ia em direção ao aeroporto. Otilo ficou contente, parecendo-lhe uma ideia feliz, embora não compreendesse o porquê da sua boa disposição, nem da decisão que mimeticamente tomara. O companheiro estropiado recordava o seu passado e o da família, desdobrando-se no relato de episódios de felicidade, salpicados, alguns deles, por anedóticos acontecimentos.

Riam ainda, quando Otilo avistou o aeroporto. As pistas esburacadas, estilhaços rebrilhando na vasta extensão, latas retorcidas, indiciando aviões sem sorte, o vazio e o silêncio de uma primavera apressada. Virou-se para o seu companheiro e, sem se poder conter, juntou-se-

lhe numa álcree gargalhada sem fim. Ofegando, ele disse-lhe: regozijo-me de o ter orientado para aqui, mas eu vou ficar para salvar a minha pátria. Peço-lhe que me desculpe por ter de partir já. O seu avião aterrará em breve. É bom estar atento.

*

Vindo de New York e superada a prova dos transbordos e pernoitas das várias viagens de comboio, chegava por fim a Kiev, o ombro sacudido por mão solícita. Pelos vistos adormecera. Perguntando-se porque estava ali, veio a lembrança da decisão de regressar à pátria ameaçada, para tanto interrompendo a especialização nos Estados Unidos. A solícitude do companheiro de viagem não fora mais longe, pelo que se apressou a reunir a bagagem e a desembarcar. Encontrava-se agora na cauda de uma longa fila e quando a mesma se desfez, só ele procurava um táxi que não vinha. Esperava-o uma longa caminhada a pé. Episódicas boleias sucessivamente recusadas, inteiravam-no paulatinamente da realidade na grande cidade.

Finalmente chegado à casa que habitava sozinho, constatou não dispor de eletricidade: lá se ia a ideia, que tão extremosamente acalentara, de um banho quente. Não conhecia ninguém no edifício que o esclarecesse da causa e duração do corte que lhe impunha o percurso na obscuridade em busca de um restaurante. Cruzava-se com pessoas apressadas, curvadas sobre si mesmas, como que arrostando a noite próxima. Começou por admitir que tal se devesse à falta de iluminação, mas pareceu-lhe uma reação excessiva.

Constatou que não havia carros a circular, apenas algumas bicicletas e uma multidão de pedestres, ar cansado, pesado de desânimo. Animou-se quando, através de uma montra, se lhe afigurou descortinar pessoas sob luzes mortíferas e, melhor do que tudo, sentiu o aroma de um guisado. Bateu freneticamente na montra, sem que qualquer dos comensais lhe prestasse atenção. Tenho dinheiro, gritava e levava a mão ao bolso pretendendo exhibir algumas notas. Magoado e faminto, caminhou sem destino, aproximando-se de zonas limítrofes da cidade. Massas informes de edifícios desertos libertavam um odor a madeira, plástico, tecidos queimados. Mais do que formas que a noite disfarçava, impunham-se os cheiros e o silêncio. Caminhando trôpego por entre o entulho, desembocou numa loja arrombada, semivazia. Algo luzia: Era um aparelho de televisão de modelo moderno. Focou-se nas imagens incertas: via-se uma praça com um fontanário e, bebendo do fio encordoado de água, um velho homem andrajoso. Como se tivesse sido chamado pela câmara, o homem encarou-a sorrindo.

A ESTA PASIÓN

Por Celeste Pereira

“[...] Ja esta pasión, vicio y maravilla que es escribir, crear una vida paralela donde refugiarnos contra la adversidad, que vuelve natural lo extraordinario y extraordinario lo natural, disipa el caos, embellece lo feo, eterniza el instante y torna la muerte un espectáculo pasajero.”

Llosa, M.V. (2010, de Dezembro de). Em louvor da leitura e da ficção – Discurso Nobel

Refúgio

Joana tinha um lugar onde se refugiava quando o mundo era demais para si e o ruído da vida o tornava insuportável.

Era um sítio secreto, invisível, feito de papel e letras. Um lugar onde os dias não lhe pediam contas. Era um mundo sem fronteiras. Um mundo suave que deixava crescer a luz por dentro dos olhos.

Ali o silêncio era uma promessa boa e o extraordinário tornava-se normal. Era bonito de ver o céu a mudar de cor, os rios a subir colinas enquanto murmuravam segredos, as árvores a dobrarem-se muito para ouvir as histórias, os pássaros a pousar-lhe nos ombros como memórias antigas e até a morte a ser apenas uma vírgula mal colocada.

E já o que ela achava natural se tornava absolutamente surpreendente: o cheiro bom a infância trazido pelo vento, a chuva que cai em notas de piano e as sombras, habitualmente negras e assustadoras, agora suaves e quase luminosas bailando ao som da chuva.

Nesse mundo, Joana sentia não haver lugar para o caos ou para o feio e o tempo deixava de ter margens. Aumentava e encurtava conforme a necessidade e às vezes parecia andar ao contrário. Chegava até a parar para observar melhor uma página lentamente virada ou para escutar o silêncio entre duas palavras.

Aí cada instante sabia a eternidade.

Joana percorria montanhas de papel e florestas de histórias. Cada livro era uma porta. As palavras tinham peso e perfume e as frases, às vezes, arrepiavam-lhe a pele. E era bom.

Quase sabia de cor os trilhos da narrativa, os abismos da poesia, as encruzilhadas da filosofia. E era bom.

Os livros prometiam-lhe uma realidade não ousada, sem nunca julgarem ou exigirem explicações. Ali, Joana era heroína, cúmplice, fugitiva ou salvadora. Era o que quisesse ser. Às vezes chorava, nem sempre por tristeza. Outras vezes ria muito ou apenas sorria. Chegava a fechar um livro a meio como quem recusa um adeus.

Nesse mundo paralelo onde Joana se refugiava, o medo desfazia-se em letras e, quando regressava à realidade, já não era o desânimo que se pendurava no seu olhar, mas sim um brilho, um silêncio sábio, uma leveza sem explicação.

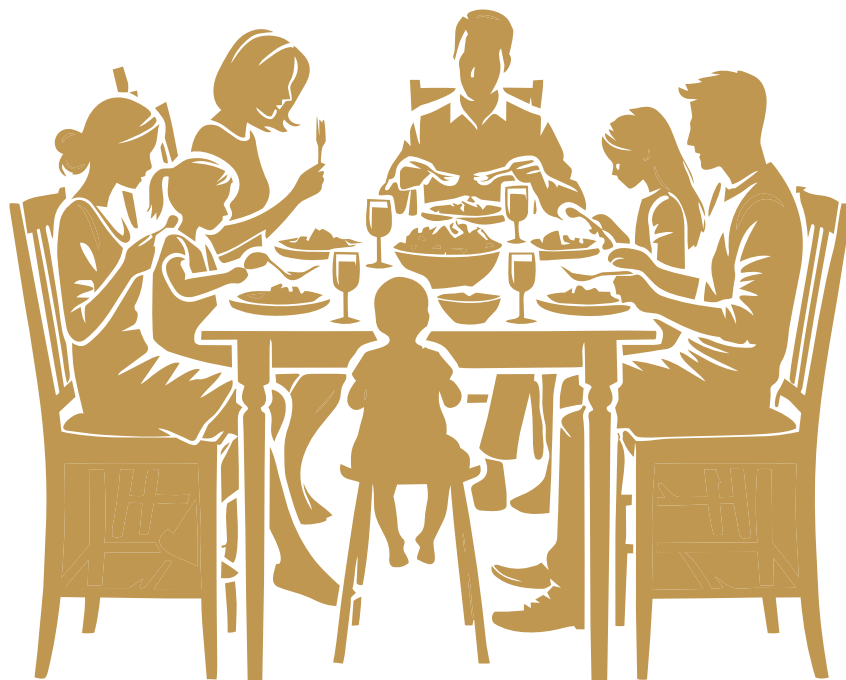
Ali, entre as margens silenciosas dos livros, Joana encontrava a parte dela que o mundo não via, mas que estes sempre sabiam encontrar.

A MESA*Por Celeste Pereira*

À mesa eramos muitos.
Éramos nós, os nossos pais,
os pais dos nossos pais,
os risos inteiros e as palavras muito redondas.
Era o cintilar dos copos,
o dançar alegre dos talheres,
as horas a envelhecerem devagar
e aquela alegria luminosa que sabia ficar.

À mesa éramos muitos.
Eram ainda os nossos filhos,
os filhos dos nossos filhos,
os irmãos, os sobrinhos,
o calor, o carinho, o encanto
e aquele fiozinho de futuro
que brilhava travesso
como uma promessa de eternidade.

Como se a vida coubesse na vontade...



Agora à mesa somos menos.
Faltam os pais dos nossos pais,
os nossos pais, alguns risos, algum calor
e o futuro fez-se pequenino
e vestiu-se de silêncios.
Os copos perderam um pouco de brilho,
os talheres carregam o uso dos dias,
mas a mesa, antiga, segura e paciente,
a mesa permanece.

É de carvalho essa mesa.
Conhece todos os nomes, todas as ausências.
Guarda nos veios o rumor das conversas,
o eco dos risos, o calor das mãos que já partiram.
E quando a tarde se alonga e a luz a toca,
se olharmos bem,
há pontos de ouro a bordar-lhe lembranças,
como se cada brilho contasse uma história.
Serão talvez as memórias boas,
as que regressam carregadinhas de infância.
E então, a nossa história, no seu andar arrastado,
coloca-se devagar ao nosso lado
a ver-nos viver.
E a mesa, essa, parece brilhar por dentro
como se tentasse devolver à vida o que o tempo levou
e aguarde ansiosamente o que o tempo lhe trará.

À mesa somos ainda tantos!

A FESTA DAS ALMAS
Por Eduarda Oliveira

Ano de 1972. Festa das Almas Santas. A minha mulher acabou de sair. E eu dei comigo a pensar porque é que ela quis ir à Festa. Pior ainda, porque levou a minha irmã. Não era lugar para ela, nunca foi. Não era preciso muito para perceber. Era só olhar. Muita gente, muita luz, muita conversa. A minha irmã cansa-se, atrapalha-se. Move-se mal e desengonçadamente. As pessoas olham. Disse-lhe isso, de forma simples, para não haver mal-entendidos. Ela respondeu-me, com aquele olhar acusatório, como quem segura uma verdade maior: “a tua irmã quer ir”. Como se eu não soubesse o que a minha irmã quer. Fiquei calado. Ela achou que eu devia querer ir também. Ou que devia levá-las. Não quis. Nunca tinha querido. Gosto pouco de passar vergonhas. Fiquei com a televisão e o whisky.

Mas o whisky não ajudou. Nem a televisão. Não consegui deixar de pensar nelas. Na festa. Nas pessoas. E na forma como ela saiu, arranjada, demasiado arranjada para quem ia acompanhar alguém que precisa de apoio. Ouro, até. Não comentei. Tomei outro whisky.

Está quase noite e ela ainda não chegou. Espero que não tenha acontecido nada de mal. Não quero problemas. Ela deve estar estafadíssima a segurar a minha irmã o tempo todo. Aquela perna, aquele braço e o olhar... tão baço, tão estranho.

Voltei para o sofá, deixei o som da televisão encher o que podia. Quando ouvi o carro, já me tinha preparado para vários cenários, nenhum bom.

Entraram as duas, a rir. A rir muito. A minha irmã contou o dia todo: a rua cheia, as bugigangas, a igreja bonita, a procissão, os abraços, até o lanche. Falou sofregamente. Com uma alegria que eu não lhe conhecia. Ou já não me lembrava. Disse que não se recordava de um dia assim. Eu precisava de respirar, fui à casa de banho. A minha irmã não deu por nada. Ela deu. Claro que deu. Aquele olhar!

Quando voltei, ainda estavam ali. A minha irmã falou do Sebastião. Que esteve com elas. Que estava bonito. Que ajudou. Que fez rir. Rir. O Sebastião. Fiquei a ouvi-la, sem perceber o que ali me estava a incomodar mais. Ela percebeu e disse que era hora de levar a minha irmã a casa. Saíram.

Depois disso, o tempo começou a demorar. A casa ficou quieta. Pensei no que lhe ia dizer quando voltasse. Afinal é a minha irmã. Que direito tem ela de se intrometer? Além disso como é possível divertir-se, se mal pode andar? Não cheguei a nenhuma frase que não me soasse um pouco ridícula, mas continuei a repeti-las mentalmente, como quem afia qualquer coisa. Neste caso a ira.

A noite foi ficando mais tarde. Achava um abuso ainda não ter chegado. Disse a mim mesmo que me deitava. Mas o incómodo era grande. Quando ela chegasse, eu ia estar a dormir. E não queria. A raiva ia-me enchendo o peito. E ela não regressava. Não era longe. E eu ali, à espera sem admitir que esperava, como se estivesse pronto para a discussão, ou para o silêncio. Não sei qual dos dois me assustava mais.

Sentei-me na cama, endireitei as costas e fiquei ali à espera. Iria ouvir o que ela tinha para dizer. Não é que estivesse interessado. Queria era que ela soubesse que não ia passar em claro. Ela ia ouvir.

Eu ia garantir que ia ouvir.

Comigo ninguém abusa.

ATÉ LÁ FALO COM A LUA

Por Eduarda Oliveira

Lembras-te quando te fazia confidências? Confidências daquelas que nem a mim própria ousava a fazer?

Eu confiava em ti. Pedia-te ajuda muitas vezes. Eras a solução para a minha vida, a resposta para o meu desespero, para mim.

Pedia-te que me libertasses daquele enorme rochedo que me subjugava, que me causava dor. Eras, achava eu, a minha melhor Amiga, aquela a quem recorria, com quem falava, a quem contava segredos e tu, brandamente, prometias, ou pelo menos assim pensei, que me livravas desse sofrimento diário que me fazia sentir vergonha. Tanta vergonha.

Sabes, fiquei zangada contigo porque me falhaste. Permitiste que morressem os meus sonhos, a minha alegria, a minha esperança e, acima de tudo, o Amor. Consentiste isso tudo e não me levaste também.

Afinal, que amiga eras tu que ignoraste tudo quanto te supliquei e me deixaste perdida nesta vida imperfeita?

Desiludiste-me, Morte. Falhaste-me, já o disse.

Agora também já me é indiferente se me levas ou não. Até aquela pequena réstia de esperança que teimava não me deixar, até essa morreu.

De mim, só resto eu, despojada de qualquer querer. Aprendi a estar com o que fica.

Existo como existem as pedras, as árvores, os rios, as estrelas, o sol e a lua.

Chegará um dia que, por mais que não queiras, virás. Aí, eu sentirei uma alegria há muito esquecida em mim.

Até lá, falo com a lua que não me promete nada e apenas me envolve delicadamente na sua luz prateada enquanto me escuta pacientemente e me faz sentir gente.

Ciente da minha finitude, sim, mas de algum modo também parte de tudo quanto permanece.



A MADEIXA GRISALHA

Por Eduardo Pereira Cernadas

Obrigada pela gentileza de ter vindo a minha casa, fico-lhe muito grata, enquanto as notas confortavelmente dobradas e no montante combinado trocavam de bolsos e de mãos, num gesto quase terno, que dispensava validação ou comprovativo.

Ainda a porta não se fechara nem o trinco soltara o seu brado metálico ao se alojar na contra-testa da fechadura, já ela cerrara as pálpebras finas e escurecidas de cansaço. Não precisava de ser guiada pelos olhos estando em casa, nem deles necessitava para apagar as luzes, até aí necessárias dada a presença da D. Elvira a cabeleireira. Sentou-se na sala, num gesto suspirado e lento, afundando-se no sofá e nela própria, tranquila e profundamente, como quem descobre toda a paz do universo no confronto suave com os almofadões do assento. Pela janela, naquele morrer de tarde, entravam-lhe jactos de luzes e cor, que lhe atravessavam indiferentes as pálpebras de seda, numa demonstração de que, lá fora, o mundo e as gentes persistiam em persistir, indiferentes às vitórias e às derrotas de cada um. Ninguém conta neste turbilhão imparável de dias, de lutos e lutas sempre iguais.

Vou tentar saborear estes minutos antes de ir limpar o quarto dos cabelos por lá caídos, pensou enquanto ajustava delicadamente o lenço de seda que, por inexperiência dela e mau feitio dele, teimava em deslizar testa abaixo, só parando nas sobrancelhas também elas recentemente tornadas escassas e frágeis.

A apatia do ânimo e o esgotamento do corpo faziam com que, de quando em vez, a firmeza do pescoço cedesse e a cabeça agora glabra se apoiasse nas olheiras do cadeirão, causando-lhe esse contacto tão desnudado um estremecimento frio e um repúdio instantâneo.

Ainda não estava habituada.

Teria de ganhar coragem e talvez amanhã pela manhã, decidir-se a enfrentar o espelho, sabendo que por muito diferente que estivesse, era, queria continuar a ser, a mulher que sempre fora. Talvez...

A cirurgia que fizera à mama direita há alguns meses não lhe mutilara o seio. Sentia bem o seu contorno regular e arredondado, a pele lisa, uma discreta e ainda rosada cicatriz, talvez imperceptivelmente mais pequeno que o esquerdo. Nada que a impedisse de usar as blusas leves e justas que sempre gostara de vestir.

Vencida a etapa da radioterapia, tinha iniciado agora, por uma questão de precaução disseram-lhe, as sessões de quimioterapia. Enfrentou este novo Adamastor com receio, mas sem dúvidas, teria de ser por ali o caminho que lhe coube. E apontou a proa ao destino, orçou o barco e a vontade de acordo com o vento e colocou a todo o pano a vela mestra da vida. Esta seria uma luta que, no que dependesse dela, por ela, não perderia.

Ainda não se decidira a encomendar a peruca. Queria primeiro ver-se como estava. Disseram-lhe no hospital que a ausência do cabelo tornava os lábios mais cheios de cor e de volume e os olhos ficariam de um castanho mais vistoso e brilhante. Talvez. Teria de ver se era mesmo verdade.

Naquele cadeirão, na sala obscurecida e em silêncio, descalça como gostava de andar em casa, cabeça emoldurada por seda colorida, corpo ágil e elegante coberto por fato de treino azul-claro, ela conseguiu ainda assim esboçar um sorriso: a ironia de ter-lhe a ela o cancro destruído mais a vida que levava do que o corpo que a mantinha.

Quando há seis meses se diagnosticara o nódulo, foi-lhe a desdita servida em dose dupla, ambas improváveis, ambas irrecuperáveis, ambas definitivas. O resultado da biopsia e a carta de despedida do Manuel, até aí seu companheiro de anos de partilha. Não tivera coragem de lhe dizer o que os olhos já não desmentiam. Não estava preparado para dividir com ela um futuro incerto. A doença e a morte não faziam para ele parte da equação de estarem juntos, como se houvesse amor sem risco, ou vida sem ameaças. Pegou nas suas coisas, deixou a carta sobre a cama e fugiu.

Como pudera viver iludida tantos anos!

A desilusão foi muito mais dolorosa e intensa que a rotura ou o abandono.

Tanto desperdício de vida numa relação que soçobra ao primeiro embate, que se desmorona ao primeiro tremor, por falta de convicção, de maturidade e da espessura do que se sente e se está disposto a dar.

Ao cancro ficou a dever uma redefinição da sua vida e das prioridades de ora em diante. Centrarse-ia mais nela, nos seus gostos e interesses, logrando recuperar velhos objectivos sempre adiados, definindo novas temáticas, lazeres, ambientes e companhias. Os quarentas são uma óptima idade para um recomeço, mochila às costas, fazer-se ao mar, ou levantar voo e partir com os olhos no horizonte que tem tanto por conhecer e descobrir.

Levantou-se mais animada, certa de que no final, todo este processo acabaria bem.

Foi ao quarto e com um elástico, de um molhe de cabelos soltos construiu uma madeixa de cabelos já grisalhos mas ainda viçosos, sedentos da desforra que se impunha. Introduziu a grossa mecha de cabelos num envelope já selado, com um bilhete com uma única palavra: **Sobreviverei!**

Confeitaria S. João, Porto, 7 de Outubro de 2025



JÁ NÃO ERA TEMPO DE UM OUTRO CAMINHO

Por Eduardo Pereira Cernadas

Ainda a porta de vidro não fora franqueada, nem conquistado tinha sido o acesso aquela atmosfera fresca e perfumada de gente de bem, frequentadores assíduos do Salão de Chá Confiança, aos Lóios, e já se adivinhavam o clicar dos saltos altos e as gargalhadas falsamente contidas, num jogo arriscado, num equilíbrio instável entre ser comedida e discreta e, no entanto, não deixar de para si, atrair os olhares e as atenções.

Era a Senhora Dona Encarnação Taborda quem acabara de chegar!

Demorando uma fracção de segundo, o suficiente para dar tempo a que o Silveira, gerente da confeitaria, vendo-a de dentro do salão apressasse o passo, com um sorriso de fumador desenhado no rosto descarnado, com esparsa cabeleira de risca central e polida de brilhantina, lhe abrisse a porta, com uma vénia ligeira e uma satisfação sem tamanho.

- *Seja bem-vinda, quem é a luz deste salão!*, enquanto lhe pegava na mão enluvada de renda cor de creme, e a conduzia para a mesa habitual, central, estratégica e com a placa de “reservada”.

E a Senhora Dona Encarnação deixava-se ir, conduzida como noiva numa catedral em direcção ao altar, o antebraço direito apoiado na subserviência do Silveira, peito em riste, ostensivo de firmeza e poder, queixo a apontar em frente, um esboço de sorriso pintado de vermelho vivo e um correr de olhos castanhos, altivos e desinteressados, tocando ao de leve, *en passant* diria, pela assistência.

Era assim a Senhora Dona Encarnação, mulher possante e avantajada, a quem cintas e espartilhos mantinham, não sem sacrifício, a ilusão de curvas e refregos próprios a uma mulher generosa e tentadora, a quem nunca nada faltara. Diziam as invejosas, as pindéricas, ditas senhoras, mas sem fortuna, renda ou casamento até, que já teria cruzado a fasquia dos sessenta e tais, mas ao certo a idade era um segredo que a esposa do Juiz Manuel Sousa Taborda não admitia sequer como tema de conversa.

Sentou-se e com um estremecer de nádegas permitiu ao Silveira o simulacro de um ajuste da cadeira de estofos almofadados e dois braços de apoio para mais próximo do contorno quadrangular da mesa.

Estava como queria, sentia-se olhada, invejada, comentada, poderosa, o centro daquele mundo de doçuras e chás exóticos, referência do que é belo e rico, o arquétipo do sucesso e do poder, o paradigma da excelência e da singularidade.

Uma rainha!

Começou cerimoniosamente a *deslugar* as mãos, fazendo brotar do aconchego da renda, com o erotismo e a sedução de uma gueixa, um a um, os dedos bem tratados, mas já nodosos, a terminarem em unhas longas, afiladas, rubis lapidados, que, por nunca conhecerem trabalho nem utilidade, não faziam mais que brilhar.

Com um toque de quase nada, uma pincelada de esmero e mestria, compôs a aba do glamoroso chapéu Chanel em tons de verde seco, *complexado* por botões florais de pano e uma renda que o ajustava à cabeça sem prejudicar o corte e penteado dos longos cabelos castanhos que lhe acariciavam os ombros num toque de seda e laca perfumada.

Folgou ligeiramente o lenço que lhe afagava o pescoço e abriu alguns botões do casaco Hermès, o necessário para que o vestido pudesse ver a luz incrédula dos olhares femininos do salão.

Já a carteira Delvaux estava displicentemente pousada na cadeira em frente, quando chegou o momento, o momento onde tudo se joga: o cruzar a perna, com estilo e segurança, casaco de abas entreabertas, vestido sobre o joelho sem o ultrapassar e os sapatos Prada, salto de sete centímetros e verniz castanho-escuro a cintilar.

Entretanto já uma toalhinha de linho pousada com uma chávena e pires da Vista Alegre lhe tinham cortesmente colocado na mesa, assim como o *Carnet de Thé*. Olhou-o enfasiada. Porque não dominava o francês, (a ninguém o confessava...), porque não ousava uma escolha, arriscar um sabor diferente, e porque o marido a aconselhara para melhor controlo dos achaques nervosos de que, com crescente frequência padecia, a escolha era invariavelmente a costumeira e populosa infusão de tília, tão desprovida de estatuto e dignidade. Paciência, faria esse sacrifício de obediência, de boa e fiel esposa que o era desde há mais de quarenta anos.

Esperou pacientemente que a fumegante infusão ganhasse cor no interior do bule do serviço a que correspondia a chávena onde três colheres de açúcar esperavam já pelo líquido a adoçar. Era gulosa, sabia-o e embora não apreciasse, não dispensava a meia dúzia de gotas de leite frio, vertidas criteriosamente pela leiteira manuseada pela mão firme do António, empregado de mesa garboso, galante e aprumado, um belíssimo homem diria mesmo, mal empregue como empregado... A custo e já pressentindo a subida de ondas de calor e rubor facial, obrigou-se a do *serveur* retirar a insistência do olhar e ocultar bem dentro de si inconfessáveis impulsos e desejos.

A tília acompanhava um sortido variado de miniaturas de pastelaria fina, servidas num prato para bolos com pé e campânula em cristal, todos de belas cores e formatos, deliciosos, cremosos, irresistíveis e imperdoáveis pecados a que Dona Encarnação não só não se negava, como a que não esboçava nenhuma resistência, comendo-os avidamente com os olhos, mas mastigando-os com mais decoro e controlo e sobretudo, e sobretudo, nunca dispensando a faca e o garfo, num exercício difícil e não isento de acidentes, que é cortar a meio o que de si já é pequeno. Tinha sido nesses propósitos que vira, numa fotografia da Paris Match, a sua musa inspiradora, a sua referência existencial, Jacqueline Kennedy a lanchar com amigas. Estava dado o tom, daí em diante seria de faca e garfo e com o mindinho esticado, porque convenhamos, outra serventia para além da compostura e do *savoir vivre*, não se lhe reconhece.

Dona Encarnação não estava só à mesa. Nunca entraria só num espaço público. Ao seu lado, ligeiramente afastada para não perturbar a sua presença, relegada para o vértice da mesa, observava-se a custo, a pequenez cinzenta, modesta e desinteressante da Isabel. Cabelo apanhado e enrolado no cocuruto, respeitando a ruralidade minhota que herdara; saia preta tocando a canela e blusa cinzenta chegada ao pescoço com um cabelo de prata à volta deste, donde pendia um crucifixo banal. O exemplo de mulher solteira e casta desde sempre, muda e transparente, inexistente ao olhar ou à atenção, alguém a quem, para freira, só lhe faltaria o hábito. Era, para além de dama de companhia, conselheira prudente, confidente segura, a caixa-forte de segredos e pecados da Madame e também a governanta do Palacete dos Tabordas, *situ* na cosmopolita Mouzinho da Silveira, onde, segundo se constava, exercia o cargo de oficial maior do pessoal menor com impiedosa exigência e intolerância.

Comidos os bolinhos, era chegado o momento em que o António trazia numa bandeja, um toalhete de linho humedecido em vapor quente, para a Dona Encarnação passar criteriosamente pela boca, pelos dedos, não permitindo que igualmente sobre o farto peito, migalhas impróprias e deselegantes marcassem com o testemunho da sua presença, a cedência ao saboroso pecado da gula.

Era então chegado o momento de contemplação dos vários anéis que lhe emolduravam os dedos e do acerto do pendente de safira e diamantes que suspenso de um pesado entrançado de ouro, se insinuava, abusador, por entre as alvas colinas que, tanta cobiça neles e desdenho nelas, provocavam.

Com o Rolex a querer espreitar por debaixo do punho da blusa, confirmou que, mais uma vez, o marido se atrasava.

Manuel era um homem dedicado à magistratura e aos processos complexos e durante mais de vinte anos deslocou-se semanalmente por dois dias a Lisboa, pasta cheia de documentos, mas sempre com uma alegria jovial a pintar-lhe o rosto. Dir-se-ia feliz e empolgado com a viagem, talvez por partir, talvez por lá chegar. Uma sombra, uma nuvem desgarrada num céu azul, chegou a pairar-lhe a ela nas noites longas e só e, pior ainda, nas noites de sonora indiferença. Uma incomodidade, um desassossego que a observação atenta e à socapa dos bolsos, odores e manchas nas camisas e fatos, nunca confirmaram. E, no entanto... Mas foram vinte anos, vividos na certeza da dúvida, na convicção que qualquer mulher sente, mesmo que nunca prove ser verdade, em que viu ser substituída a doçura de um beijo sentido pelo encantamento hipnótico de mais uma joia; o afago de um abraço demorado e justo por mais um *tailleur de haute couture*; o olhá-la e reparar no penteado diferente, a carícia mais ousada e todas essas mensagens insinuantes trocadas por disponibilidade monetária, gastar no que quiser e quanto quiser, mas sem a chama nem o calor de ter aquilo que o dinheiro não compra. Ao fim de muitos anos, as idas a Lisboa começaram a rarear e embora o seu leito permanecesse tão frio e inabitado como de costume, já não morava nele outra presença intrusa, tão somente o alheamento e a aridez.

Encarnação, a Dona Encarnação Taborda, rendida e conformada, acrescentada do peso que os anos sempre trazem, uma variz que desponta, a coluna a dar sinais, vendo em todo o seu percurso a inevitabilidade em limitar-se a ser o que puder ser, ser tudo o que puder ser, deixou-se deslumbrar pela ditadura da aparência e da moda, do caro, do fútil, do ostensivo, equilibrando a sua impreparação, incultura e falta de gosto próprio, a sua tendência para o desequilíbrio, exagero e ausência de sentido crítico, com a sensatez prudente da Isabel e os conselhos, orientações e tendências das diferentes épocas, titubeantemente expressos pelas gerentes das casas de moda, estilistas e costureiros que assiduamente frequentava.

E chegou ao que era.

E chegou ao que se tornara.

Nem mais, nem menos, sem lugar para alimentar ilusões pueris nem arrependimentos estéreis.

O Juiz Manuel Sousa Taborda acabara de entrar. Procurava-a com o olhar.

Já não era tempo de um outro caminho.

Café Piolho, Porto,

17 de Junho de 2025

ENTRE A PLATAFORMA E O TEMPO...

Por Ilda Fernandes

O avô Augusto fazia 96 anos naquele dia! O corpo, curvado pelo peso sereno dos anos, revelava a fragilidade própria da idade avançada, mas mantinha uma dignidade tranquila. Caminhava devagar, apoiado na bengala de madeira escura, com mãos marcadas por veias salientes e uma pele enrugada que parecia guardar cada gesto de trabalho e de cuidado. Os olhos, apesar de envoltos por pálpebras cansadas, conservavam um brilho atento e lúcido, denunciando uma mente clara, capaz de revisitar o passado com rigor e de interpretar o presente com sabedoria.

A casa encontrava-se envolta numa luz dourada de fim de tarde, suave e morna, que entrava pelas cortinas claras e parecia abrandar o ritmo do tempo. O relógio antigo marcava as horas com um som grave e compassado, quase em sintonia com a respiração pausada do avô. No ar misturavam-se o aroma do bolo acabado de sair do forno, o cheiro do café quente e a madeira antiga da casa, criando uma atmosfera de aconchego e pertença. Nesse ambiente, transbordavam sentimentos de gratidão, ternura e uma melancolia serena, partilhada silenciosamente, por toda a família.

Chegou a hora! Todos se reuniram em torno da mesa grande da sala de jantar. As conversas iniciais eram baixas, respeitosas, como se pressentissem a importância daquele momento. Os filhos, já marcados pelo tempo, observavam o avô Augusto com um misto de orgulho e reconhecimento; os netos revelavam curiosidade, admiração e alguma inquietação perante o percurso de vida, ainda por viver. Havia no ambiente uma emoção contida, feita de afeto profundo, de consciência da finitude, de uma vulnerabilidade partilhada, como se cada um reconhecesse, naquele instante, a fragilidade e a preciosidade do tempo.

Quando o avô Augusto começou a falar, o silêncio instalou-se naturalmente. A voz era frágil, mas firme, pausada pelo cansaço físico e pela necessidade de organizar memórias antigas. Mentalmente lúcido, articulava pensamentos com clareza, revelando uma capacidade reflexiva construída ao longo de décadas. Ao recordar a infância e as escolhas precoces, deixou transparecer a coragem, as perdas e as renúncias silenciosas. Evocou o dia em que partiu da aldeia Minhota para a capital, o comboio estava envolto no cheiro do carvão e no ruído metálico das carruagens e levava consigo o medo e a esperança entrelaçados. Naquele instante, o ambiente parecia partilhar essa viagem interior, num sentimento coletivo de empatia.

Dirigindo-se aos filhos, falou dos anos de trabalho intenso, das ausências inevitáveis e das decisões tomadas em nome da estabilidade familiar. Algumas expressões endureceram, outras suavizaram-se consequência da compreensão amadurecida pelo tempo. Aos netos, sentados ao seu redor, falou com serenidade e intenção: ao longo da vida existem comboios que só passam uma vez. Explicou que nem todos chegam com aviso, e que o medo de errar pode paralisar, mas que a ausência de risco pode deixar vazios difíceis de preencher. As suas palavras despertaram, nos seus rostos e nos seus olhares, emoções de esperança, receio e desejo de sentido, próprias de quem ainda vislumbra um longo caminho na estrada da vida.

A sala permaneceu suspensa num equilíbrio frágil entre emoção e silêncio, quebrado apenas pelo estalar suave da madeira antiga e pelo ténue tilintar das chávenas. Apesar da fragilidade física evidente, o avô Augusto emanava uma autoridade serena e inteira, própria de quem atravessou a vida com entrega e consciência. Ao apagar as velas, sob olhares húmidos e sorrisos contidos, deixou um último apelo, simples e profundo: estejam atentos aos vossos comboios, porque nem todos regressam à estação. Nesse instante, a família respirou o amor que inundava o espaço e reconheceu, para além das palavras, a sua inscrição no fio invisível da continuidade geracional, como se aquela mensagem partisse em silêncio, viajando de coração em coração, preservada em cada carruagem da vida.

MULHERES DA RUA DAS TAIPAS

Por Lina Arroja

Levam braços apertados contra o peito, seguram filhos embrulhados em xailes de cor parda. São mulheres de idades diferentes, circulam pelas ruas, param em praças e jardins, procuram oxigénio de dia e vendem o corpo pela noite. Os clientes aproximam-se sem conhecer o rosto, não lhes interessa. Durante o dia, são mulheres que cuidam dos filhos, levantando-se tarde, frequentando os cafés da rua, falam com os vizinhos que sem censura lhes deixam um sorriso de boas tardes. E quem está devolve, sabendo que naquele momento são apenas mulheres mães. Cafés tomados sem preconceito, lado a lado, no intervalo do almoço para uns, no acordar e levantar da cama para outras. Crianças que mais tarde são entregues a amas, para que elas possam correr em concorrência, ruas, carros e pensões da zona, com policia fazendo que não enxergam e respeitáveis cidadãos fechando janelas. Um fado ao longe, um grito mais acolá, de vez em quando uma perseguição entre mulheres a quem o homem de uma foi roubado pela outra, cabelos arrepanhados, insultos e substâncias ácidas à cara, tudo num curto espaço de tempo, voltando ao normal com a chegada da polícia e prisão para as duas.

A rua mantém a vivacidade do bairro popular, frequentado por turistas em restaurantes modernos misturando-se com estendais de roupa e sardinheiras nas janelas. Cores intensas que fustigam quem passa pelo contraste da calçada, pela genuína simpatia dos seus moradores. Um Porto sem filtro, detestado por tantos e aceite pela maioria, gente que ali nasceu e convive sem temor com quem por lá vive. E os edificios ligados a instituições diversas que também dão os bons dias aos doutores, que por sua vez almoçam em casas de pasto entre as doze e trinta e as catorze, mesas reservadas a clientes sérios. E juízes que ali perto dão sentenças a criminosos que também são vizinhos uns dos outros. E eclesiásticos que rezam missas e distribuem bênçãos a quem aparece. Vidas cheias de desejos diferentes, mulheres que ganham sustento deixando o chulo ditar o seu ganho, mulheres que se sujeitam à dura forma de cuidar dos filhos, mulheres sem alternativas, mulheres que cresceram sem conhecer a força da educação, do estudo e da independência financeira. São mulheres com filhos embrulhados em xailes de cor parda durante o dia, mulheres com lábios e unhas carmim, são mulheres do cair da noite, são mulheres da Rua das Taipas.

março 2022

SINESTESIAS DE UMA GUERRA

Por Lina Arroja

Por alguma razão voltei atrás, bebi o cheiro e decifrei o amarelo esverdeado através da luz. Os corpos antecipavam a putrefação, horrorizado, seco de palavras, emudeci. Dei passos indefinidos num chão gritante, de madeira corroída pelo desgaste do tempo, desfeita pelo estrondo em mortalhas incolores jazentes a corpos abraçados pelo terror. Com o medo em verde, a morte amarelo esverdeada, outros presenciei em pedras e estilhaços lilases nos escombros de cabeças animalizadas. Os campos sabem a chumbo, a vala comum e a cidade falam cinzento, são lanças deitadas a corpos desnudos, mutilados, olhos esbugalhados, bocas abertas, dilaceradas, ventres esburacados, pernas e braços aqui e ali, são borras de café.

São cadáveres sem funeral, muito diferentes dos que envoltos em lençóis acinzentados iam desaparecendo nos corredores do Sanatório em que a família e o médico, me alojaram durante alguns anos. Na década de quarenta ainda éramos vários naquele lugar, diziam que possuíamos o mal das almas tristes, com os pulmões sensíveis que não deixavam respirar. Via-me carmim com tosse e falta de ar, ouvia vozes celestiais em conversas distantes, bebia Tchaikovsky dançando o azul que me levava num ballet de ouro. Músicas que se diziam tísicas de tanto respirar e dançar no pensamento dos magros corpos, outrora reluzentes e cheios de colorido prata, um dia resguardados do frio da serra, outro atirados ao lençol e devolvidos a familiares que pelo verde medo pouco visitavam. Mesmo assim, diferente dos amarelo esverdeados que vi jazendo em campos metálicos e sangrentos que no espelho humano me pediam solidariedade.

Atirei a idade pra lá, fiz-me soldado da paz, entrei em terra distante, levei armas do bem, trouxe gente de alma ferida, mulheres e crianças pelos longos caminhos de regresso, choramos o sal da guerra e bebemos o apimentado do sol. Meditei no anilado transcendental e na agudeza da mente, senti a vibração das taças tibetanas, no mantra cantei a serenidade dos justos, recuperei a idade jovem na ajuda solidária, o peso era mais leve, a esperança maior, do outro lado da guerra as vozes continuavam a pedir ajuda, eu a querer dar a mão pela Ucrânia que continuava o seu choro, parti no dia seguinte para continuar o que havia começado.

Porto, 4 Abril 2022



ANDA DESDE MANHÃ UMA PALAVRA A PERSEGUIR-ME

Por Luísa Carrondo

Anda desde a manhã uma palavra a perseguir-me. Na realidade persegue-me todos os dias. Até acho que vivo imersa nesta palavra. Mas há dias em que a ignoro, não lhe posso dar atenção. Propositadamente, deixo-me atropelar pela rotina e atiro com ela para o local mais escuro da minha casa. Para que nem eu, nem ninguém a encontre. Não porque seja uma má palavra, se é que há palavras más. Mas, não sendo malévola, é poderosa. Aprisiona emoções. Emoções fortes, por vezes dúbias, que com frequência me atrapalham o caminho e não me deixam avançar. Por isso nem sempre lhe dou o espaço que merece. Mesmo com a perseguição cerrada que esta palavra me faz, por vezes escondo-me dela e evito que me invada a memória.

Mas até gosto da palavra. Da palavra que hoje se apoderou de mim, da minha alma, da minha mente, do meu coração. Em verdade, é uma palavra sublime. Lavada, adulta, só com um sentido. Como aquelas estradas desenhadas entre montes e vales onde apenas passa um carro. O meu carro. É uma palavra que acompanha sempre a minha viagem. Uma palavra solitária, mágica, única, soberana e completamente intransmissível. Só eu a posso sentir. Pelo menos ao meu jeito. É uma palavra sem sinónimos. Arrasta atrás de si uma série de palavras que enriquecem a prosa e a poesia, e também a vida. Alegria, tristeza, sorriso, paz, sofrimento, vazio, luto, perda, momento, emoção, pessoas, amor, ilusão, desilusão, pôr do sol, lua cheia. Tantas outras que arrasta. Parece a locomotiva de um comboio sem fim.

Sei que, se não a desprezar, se bem a acolher, me fará mais bem que mal. Mas nem sempre a coragem me assiste. A palavra aparenta a flor aveludada, de cor suave, que coloco numa jarra. De repente fica sem pétalas. Doce, mas efémera ilusão. Mas quem a não sente, nunca foi feliz. Quem a não sente, é incapaz de, no presente, amar o passado. Quem a não sente, nunca amou ou foi amado. Quem a não sente não tem memória, ou passou pela vida e não a viveu.

Mas da minha vida, ela faz parte. Não seguiria sem ela. Se dela fugisse, teria defraudado a minha existência, e a de todos os que comigo seguiram, ou seguem viagem. Dela me alimento. Nela encontro sentido para continuar o caminho. Com ela, desenhei um novo mapa para seguir os trilhos mais tortuosos.

Não sei porque hoje me persegues. Não sei porquê hoje. Um dia igual aos outros. Mas é assim. Não escolhes o momento. Hoje não fugirei. Hoje quero-te comigo. Vou sentir-te com emoção. Vou inverter o caminho. Nesta viagem não irei a todo o lado. Hoje irei só onde me levores. Guardarei outras caminhadas para dias que hão de chegar.

Hoje vou desaparecer na multidão. Assim, passarei despercebida e serás só minha. Sei que vou sorrir. Sinto que vou chorar. As lágrimas serão salgadas, mas brilhantes. A doçura da vida vai invadir-me. O sofrimento será delicado. És meiga comigo. Não me trazes desespero. Talvez melancolia. Muito aconchego. O que me dás é o que tu és. Saudade, a palavra que me persegue desde manhã.

SE EU SOUBESSE O QUE SEI HOJE

Por Luísa Carrondo

São muitos os momentos na nossa existência, em que temos de enfrentar o desconhecido. Preparados ou não, nesta expedição que é a vida, os desafios vão surgindo, sem que deles tomemos consciência. Seguimos trajetos mais ou menos tortuosos, desenham-se múltiplos ramais que fazem parte de um trilho maior, que nem sempre escolhemos. Está lá marcado. É uma viagem não planeada, sem mapa, ou bússola, de destino pouco certo. Aliás, a originalidade desta viagem é que o destino não é o determinante. O que importa é o traçado. Nele seguimos, mais ou menos solitários, mais ou menos acompanhados, deparamo-nos com paragens imprevisíveis, em que alguns saem e muitos entram. E nós continuamos.

A primeira parte da viagem é normalmente suave, sem grandes solavancos. Outros nos orientam e limitamo-nos a seguir os passos de quem vai à nossa frente. Apostamos na sensatez dos grandes, agradecemos a experiência, e confiamos. Poucas escolhas temos de fazer, e, principalmente, nessa fase inicial, as escolhas são pouco consequentes e quando necessário, têm volta. Pequenos desvios não levam a derradeiras decisões. Passos por vezes demasiado compridos, mais rápidos do que o terreno permite, fazem-nos escorregar, mas erguemo-nos com pouca dor, e com a esperança de encontrar, no fim da proeza menos conseguida, um abraço para nos amparar.

Até parecia simples. Aproveitávamos a aventura, apreciávamos a paisagem, seguíamos sonhos e agarrávamos fantasias. Fiéis a nós mesmos, íamos encontrando novos companheiros de viagem, caminhávamos sem atropelos e correrias, confrontados com a diversidade e respeitando as diferenças. Parávamos às vezes para saltar um muro, transpor um ribeiro, escolher um caminho. Para os mais ousados, subir à árvore mais alta. No início não passaríamos dos ramos baixos, mas geradores de competências, com o passar do tempo, os ramos mais distantes e mais fortes estariam acessíveis e iriam aguentar o nosso peso. Mas é este mesmo passar do tempo, que vai condicionar a viagem, que vai determinar o trilho.

O tempo não para, não dá descanso, e há um momento em que a mudança acontece. Olhamos para o lado, olhamos para trás e não vemos lá ninguém. Ou pelo menos ninguém que dedique toda a sua atenção para nos mostrar o caminho. Não estaremos completamente sós. Mas as escolhas passam a ser nossas. Temos de decidir para onde vamos. Caminhos, vielas ruas e avenidas. Subimos montanhas, atravessamos pontes, saltamos muros. Trilhos fáceis e veredas difíceis. Levamos ao nosso lado, companheiros de viagem. Uns irão mais depressa e muitos ficarão para trás. Poucos nos darão a mão.

Fomos preparados para caminhar sozinhos, mas não sabíamos quão difícil era. Pensar, escolher, decidir. Descartar, gostar, amar. Esquecer. Trabalhar. Dor e prazer. Chorar e sorrir. Convencidos de que somos eficientes, avançamos. Nem nos damos conta de que devoramos momentos, que atropelamos o tempo, que temos limites. Que agimos por impulsos, que as emoções nos orientam, e que o racional nem sempre nos ajuda. Que a circunstância nunca se repete. Que vivemos, mas não revivemos. Nunca de forma igual.

Passo a passo marcamos o trilho. Que atrás de nós se desvanece. E, este trilho não é circular. Não conseguimos voltar ao início. Não conseguimos repetir a viagem. Caminho sem volta. Entramos talvez na última fase da caminhada. Nos limites do que a memória nos permite,

conseguimos de forma mais ou menos consciente reviver instantes. E é nesse reviver que por vezes nos questionamos. Se com o nosso conhecimento atual teríamos seguido o mesmo caminho? “se eu soubesse o que sei hoje.” É uma questão irrespondível. Mas admito que muito pessoal. Ninguém é igual a ninguém. Nenhum instante se repete, os contextos não têm gémeos, não repisamos vivências. E nós não somos seres imutáveis.

Não sei responder pelos outros. Mas, se eu soubesse o que sei hoje, faria o impossível. Aprisionava o tempo, o tempo dos dias bons. Não o deixava passar. O tempo dos dias maus fazia-o dissipar para o céu. Como um vento de tornado. Destrói muito, mas passa rápido. Usava a experiência do sofrimento para crescer. Para proteger. Para amparar. E fechava as portas da minha casa. Quem entrou tinha de ficar. Ficar mais tempo. Prolongava as gargalhadas, os mil momentos felizes, as histórias divertidas, as emoções mais queridas. Vivia muito, mas muito devagar. Para aproveitar bem todos os que amo e amei. Queria mais tempo com todos eles. Não teria deixado partir ninguém, pelo menos aqueles que partiram antes do seu tempo. A viagem seria a mesma, pelo mesmo trilho. Mas mais vagarosa, mais atenta. Mais refletida. O tempo é o segredo, o tempo é o grande mistério na descoberta do caminho.



CRISTAL EM ANÁFORA

Por Luísa Vila Cova

Há olhares feitos de cristal, frios, glaciais, que gelam a vontade de quem neles se extingue.
Há lágrimas feitas de cristal, pesadas, lacerantes, que rasgam os rostos de quem as chora.
Há segredos feitos de cristal, frágeis, quebráveis, que afligem a ânsia de quem os esconde.
Há corações feitos de cristal, estilhaçados, densos, que guardam a dor de quem os carrega.
Mas...

Há palavras feitas de cristal, límpidas, puras, que atestam a transparência de quem as fala.
Há almas feitas de cristal, cintilantes, luzentes, que espalham a claridade de quem as veste.
E há vidas feitas de cristal, raras, perfeitas, que refulgem nas mãos de quem as não quebra.



A MENINA DO LAÇO

Por Manuela Miguens



Eram tempos em que a pintura como arte era uma válvula de escape para a realidade internacional, política e social... António sentiu o apelo para se matricular em aulas de pintura que funcionavam na Escola Superior de Belas Artes onde estava a fazer a sua formação. Princípio de século, a primeira grande guerra prestes a acabar, havia racionamento de alimentos e muita gente a passar fome, mas as pessoas iam sobrevivendo sempre com receio do que ainda pudesse vir a acontecer. Então, procuravam distrair-se de modos diferentes: liam, jogavam cartas, ou dominó, iam ao teatro ou faziam tertúlias poéticas ou apenas se encontravam para conversar, passar algum tempo juntas e esquecer a realidade...

António escolhera a pintura por talento e vocação... E do seu pincel talentoso foram saindo telas cada vez mais variadas e apuradas até que, quando a sua filha nasceu, bebé tão lindo e desejado, ele nunca mais pensou em pintar paisagens campestres, naturezas mortas, barcos no rio... agora tinha que pintar a Maria com o Gato Gentil, de quem ela tanto gostava e era o seu brinquedo favorito. A mãe preparou a menina convenientemente para servir de modelo e decidiu colocarlhe um laçarote vermelho a finalizar o penteado. O gato teria também direito a um laço... azul, porque era macho.

E lançou mãos à obra. Era difícil manter a Maria sossegada, para mais tendo o seu gato ao colo, mas ao fim de certo tempo o Pai ia pintando a menina de memória. E depressa ficou pronto. O quadro foi muito apreciado por todos, elogiado pelos entendidos e ficou para a posteridade como **símbolo da arte do princípio de século e do pós-guerra e símbolo também do Amor de um Pai...**

Muitos anos passaram, saltou-se de século e os tempos mudaram, mas a **Menina do Laço** manteve-se intacta e intocável, sempre a brincar com o gato e de laçarote na cabeça. Maria gostava de olhar para a sua imagem e recordar os tempos em que, ainda criança muito pequena, tinha um gato para brincar...depois, quando chegou ao fim do seu tempo de vida, Maria partiu mas o quadro foi ficando...

E então mudou de sítio. Hoje já não está na casa onde foi pintado, mudou-se para os descendentes da **Menina do Laço**...porque ela tinha crescido, ano após ano até aos 80, altura em que partiu.

E durante o seu tempo de vida na terra, Maria apaixonou-se, casou e deu à luz três rapazes, que por sua vez já têm filhos e netos e assim a vida vai continuando e a simbologia do quadro vai-se alterando: mantém-se como símbolo de arte quase perfeita, como símbolo de uma época que teve a sua importância na história do mundo, mas alargou a sua simbologia: atualmente, adquiriu um significado muito mais vasto porque representa a história de uma família com um antepassado comum que está na origem de todos os que agora existem e que, sem a sua passagem por este mundo, não teriam uma vida nem seriam uma realidade. É esta a verdadeira dimensão da MENINA DO LAÇO

O enfeite que brinca em cabelos loiros
 O gato que dorme em colo de abraço
 O riso contente de quem é feliz
 Tudo isto encerra a arte do laço

Se o gato fugisse no instante do quadro
 Se a menina não risse um sorriso doce
 Talvez que hoje ninguém se lembrasse
 Que existiu um gato de pelo comprido
 E fita azulada
 Que posou dolente no seu ronronar
 Para fazer sorrir a Menina do Laço
 Que queria brincar

22 Outubro 2025

A MINHA BIBLIOTECA

Por Manuela Miguens

Será a biblioteca, tal como a considerarmos hoje, uma realidade futura? Ou tudo se irá extinguindo e acabará por se resumir a uma *pen* informática onde se armazenarão livros? E, se assim acontecer, uma biblioteca não será mais do que um objeto indefinido, com um conteúdo acessível mas longínquo, um objeto igual a tantos outros, que guardaremos numa gaveta e acabaremos por esquecer que existe...

Então, aquele prazer de olhar e manusear um livro irá, mais cedo ou mais tarde, desaparecer e perdurará apenas como recordação na nossa memória, portanto, estará, inevitavelmente, condenado ao esquecimento absoluto...

O livro-objeto poderá extinguir-se num incêndio como aconteceu com a Biblioteca de Alexandria, na Antiguidade Egípcia, em que toda a Sabedoria cuidadosamente registada e conservada durante séculos ardeu completamente, de um momento para o outro. Na nossa realidade atual, com a guerra a espalhar-se pelo mundo todo e as cidades a serem destruídas e incendiadas, estamos bem perto disso...

Seria uma tragédia, sem dúvida... a nossa geração nasceu no meio de livros, que nos instruíram, que nos divertiram, que nos emocionaram, que nos fizeram companhia, que nos confortaram, que nos ensinaram. Vem-me à memória um livro que comprei no início da vida de casada, durante a viagem pela África do Sul, no *OkBazaar*, em *JoBurg*, e que consideramos único e, naquela época, com certeza impossível de conseguir em Portugal: "*How to choose your baby's sex*" - e que lemos entusiasmados e cheios de vontade de aprender, algo novo e de que nunca tínhamos ouvido falar, mas que depois não soubemos pôr em prática... hoje somos pais orgulhosos de três raparigas que nos encheram e ainda enchem a vida de alegria. Se fossem rapazes não poderiam certamente ser homenageados como "Mulheres Cientistas notáveis na área do conhecimento"...

Ler é um grande prazer que tenho na vida e quando o faço fico descontraída e relaxada, recetiva e fora do mundo, esqueço a realidade e embarco na estória que está a ser contada ou mergulho no tema que está a ser apresentado. Por isso, a minha biblioteca é muito importante para mim e está mesmo junto à minha cama, com os livros muito bem alinhados e ordenados por autor, numa credência antiga de duas prateleiras apenas, que comporta um número limitado de livros, porque a abundância só faz confusão...

Olho para eles, converso com eles em pensamento, eles tentam captar a minha atenção e eu por vezes faço-lhes a vontade, outras não lhes ligo importância, porque há mais coisas para fazer... Mas sempre que não resisto a um renovado encontro, sinto uma alegria enorme, às vezes até uma surpresa, como se nunca os tivesse encontrado, porque, é claro, vou-me esquecendo das conversas que tivemos no passado. No entanto, há passagens de que ainda me recordo e me dão um prazer imenso reencontrar.

Tudo isto acontece porque são livros que me falam ao coração, que conversam comigo sobre os assuntos de que gosto, que me dão força interior e me ajudam a viver. Só tenho pena de que as 24 horas do dia sejam demasiado curtas e os encontros que tenho com eles não possam ser mais frequentes, prolongados e mais relaxados...

Mas a biblioteca da minha casa não se limita a este espaço da credência do meu quarto, não... tenho os livros do sótão que acompanharam os netos mais velhos desde a infância até ao princípio

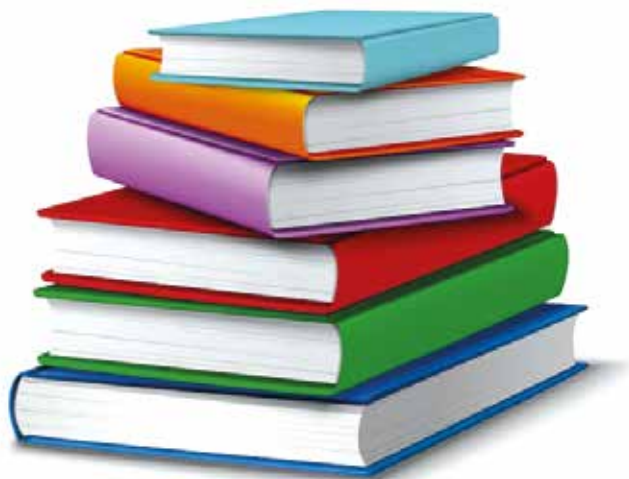
da adolescência, livros infantis e juvenis, que agora tento passar para os netos mais novinhos. Sempre que se encontram com os livros, eles sentem uma alegria imensa, misto de surpresa e curiosidade e eu cheia de esperança de que os levem daqui, de que fiquem com eles, embora a mãe recuse... “não quero, não tenho espaço, não vale a pena...” e os livros lá ficam no seu canto, tristes e abandonados, sem ninguém que os chame à vida e continuam a encher as prateleiras... até quando? Assim como as coleções que fui comprando ao longo do tempo, que foram perdendo atualidade e a que nunca mais voltei ...

Uma terceira parte da Biblioteca cá de casa está na sala do rés-do-chão onde estão as Coleções Encadernadas – Obras Completas de diversos escritores, portugueses e estrangeiros, Enciclopédias, os Descobrimentos, a História de Portugal em 20 volumes, as Maravilhas Artísticas do Mundo, The World’s Wild Places, a Bíblia Sagrada, Povos do Mundo...enfim... tudo muito quietinho e bem arrumadinho, a decorar as prateleiras e confesso que não tenho boa relação com eles, trato-os mais como *bibelots* do que como alguém que tem uma mensagem para transmitir. Agora que olhei para o assunto que eles prometem apresentar, confesso que fiquei um pouco arrependida e com vontade de arranjar um tempinho para poder conversar com algum deles... no entanto, a informação que eles nos dão está hoje em dia acessível no Google ou no Youtube em formatos mais atualizados.

A Biblioteca do meu quarto, para mim é absolutamente essencial, é roupa para vestir, comida para comer, dá-me muito prazer e muita alegria, não poderia passar sem ela. Proporciona-me horas de descontração de que seria muito difícil abdicar...

À noite, antes de dormir, e depois de almoço, durante a sesta, são as duas alturas em que tenho algum tempo só para mim. Mas depois há a leitura partilhada, às seis horas, depois das palavras cruzadas, é a leitura de jornais, de assuntos que não são tanto do meu agrado, mas que me fazem estar informada e que partilho gostosamente.

20 Abril 2025



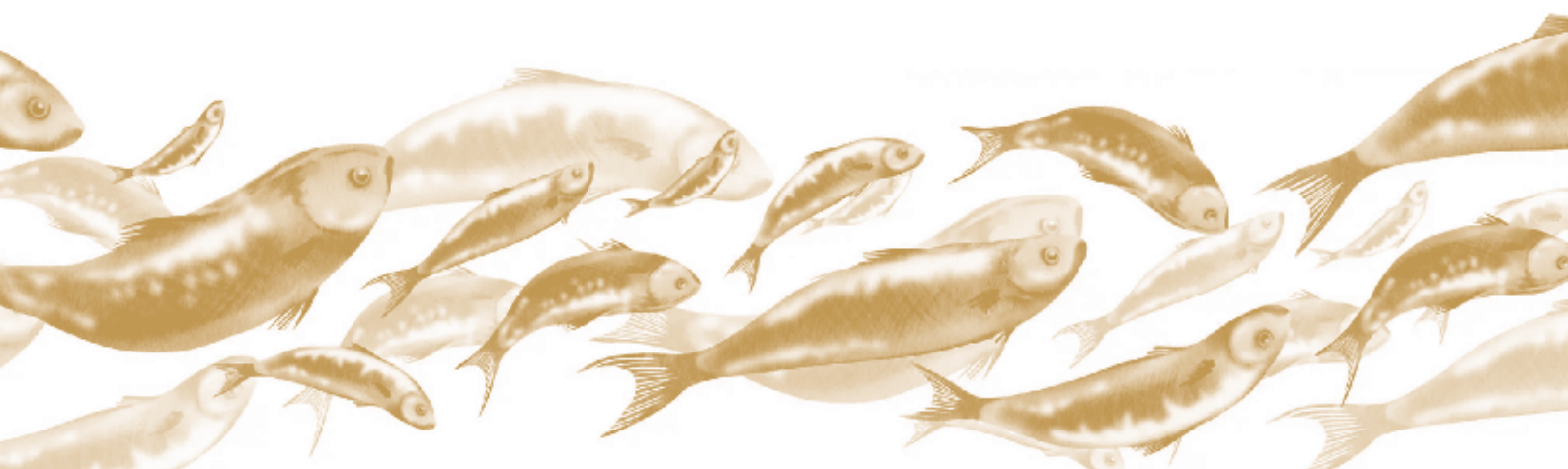
A PAIXÃO SEGUNDO A TINA CAXINEIRA

Por Maria de Fátima Martins

Celestina era uma mulher fresca nos seus 55 anos e conhecida em todo o mercado do peixe como a Tina Caxineira. Levantava-se diariamente às 5 da manhã para ir à lota comprar o pescado e chegar ao mercado antes das 7 h. O peixe na sua banca de mármore branco reluzia como prata e chamava a atenção de todos quantos por lá passavam. Desde miúda que se habituara a vender peixe nos meses de verão aos banhistas, com outras raparigas da mesma idade, quer na praia, quer de porta em porta pelas casas que eles alugavam para passar férias. Sempre ganhava alguma coisa que servia para ajudar em casa onde o salário do pai, pescador, era muito magro. Tina lembrava-se bem do tempo em que ela, agarrada às saias da mãe ao lado de outras caxineiras, se juntavam no areal rezando ao Senhor dos Navegantes em dias de tempestade e de grande rebentação.

E foi num desses dias, em que o mar vociferava, que ela, grávida da sua menina, aguardou todo o dia até a noite chegar, pelo seu António que partira para a faina na madrugada anterior, com mais quatro, e não voltara a aparecer. O mar levava-lhe o homem da sua vida, deixando-a com um filho de 3 anos e uma filha na barriga. Nessa altura não conseguiu chorar durante três dias, até que, ao quarto dia de manhã ao acordar, olhou para o seu pequenito que lhe pedia colo e, abraçando-o, deixou que as lágrimas lhe corressem pela face e ali mesmo jurou que iria lutar para educar os seus filhos e dar-lhes a vida que António sonhara proporcionar-lhes. E assim fez. Lutou muito para que o filho não seguisse as pisadas dos homens da família, pois o rapaz chegava a fugir-lhe para ir ter com o tio e ajudá-lo na faina do seu barco de pesca artesanal. Mas o filho herdara do pai a paixão pelo mar e era-lhe difícil resistir. E, embora Tina insistisse para que ele continuasse a estudar e deixasse a pesca, o rapaz, quando chegou aos 18 anos, com o 11º ano concluído, resolveu ser pescador e recusou continuar os estudos. Tina nada pôde fazer e lá voltou a sentir o coração apertado de cada vez que o filho partia para o mar alto, mas teve de se habituar, como o fizera antes com o pai e o marido.

Toda a gente sabe que, nas Caxinas, o destino dos homens é o mar, quer seja junto à costa ou no mar alto. O destino das mulheres é em terra a rezar, pedindo que os seus homens regressem todos e com os barcos cheios, que elas ajudam a descarregar para depois vender o peixe na banca do mercado. E, por isso, Tina não se lembra de ser outra coisa a não ser peixeira. Era neta, filha e mulher de pescador, mas queria outra vida para o filho.



Já a filha, que nunca conheceu o pai, mas que era a sua imagem, com os mesmos olhos verdes e o mesmo cabelo ruivo e encaracolado, tinha sido uma aluna sempre com muito boas notas e já estava no último ano do curso de enfermagem no Porto. Mas, aos fins-de-semana, nunca faltava aos sábados, a ajudar a mãe na banca do peixe.

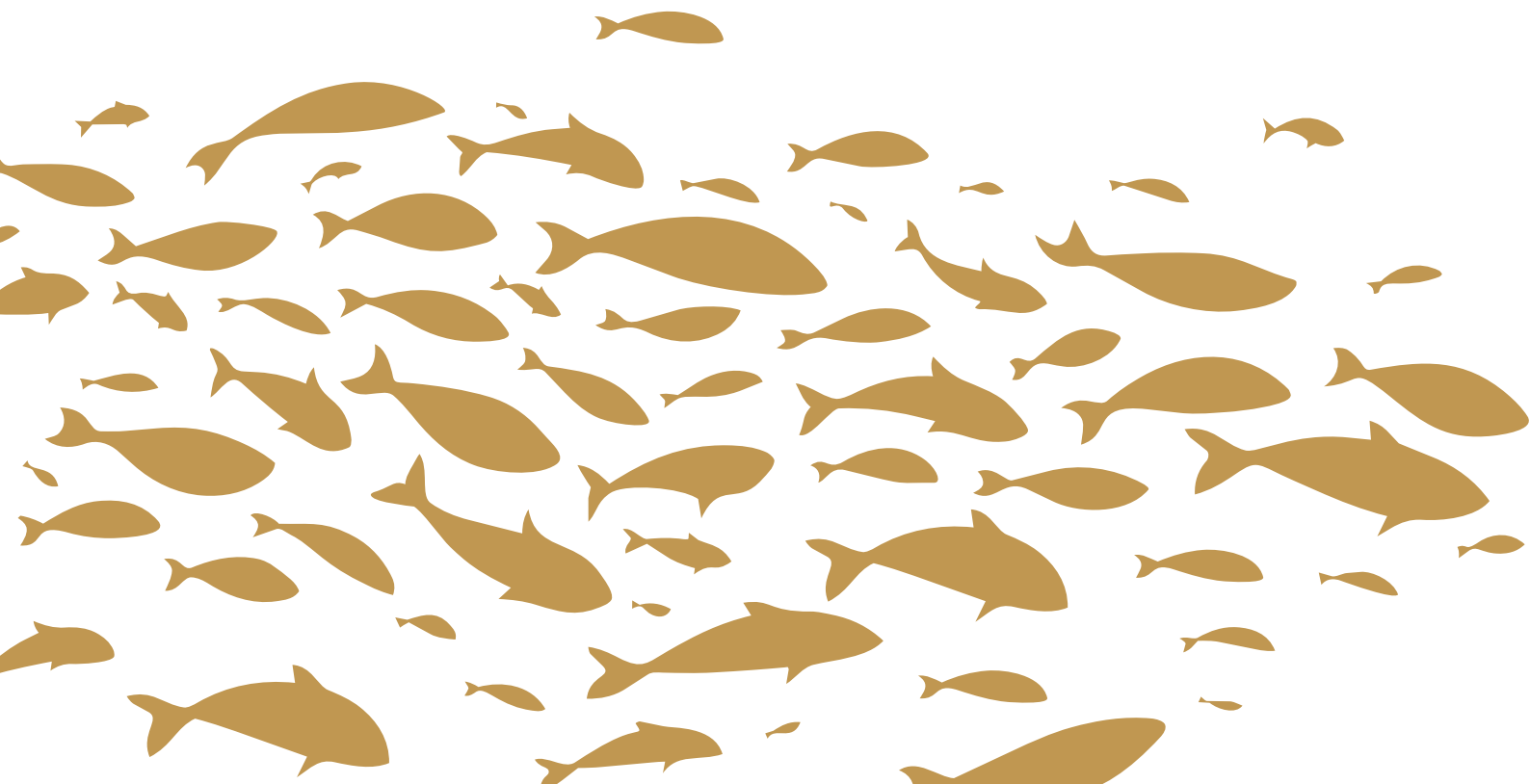
Esta é a história da D. Celestina, a minha peixeira de eleição, que ela me contou à mesa dum café nas Caxinas, diante da sua meia-de-leite acompanhada duma torrada, numa manhã dum domingo de verão.

E, no final da nossa conversa, quando lhe perguntei: «A D. Tina tem uma grande paixão pela sua profissão, não tem?» ela respondeu-me:

«Paixão, menina? Não, eu gosto muito de amanhar e vender o peixe às minhas clientes, mas se pudesse deixar de trabalhar... lá se ia a paixão! Paixão, tive eu pelo meu homem que era o mais bonito das Caxinas, e sabe, ainda hoje falo com ele todos os dias pela fotografia que está no meu quarto. Paixão, tenho eu pelos meus dois filhos que são a minha vida. Paixão tenho eu por este mar, ladrão que me roubou o homem, mas que me dá o sustento. E agora..., estou a gostar muito de falar consigo, mas tenho que ir à vida, tenho o almoço para fazer!

E não se esqueça, menina: - Peixe fresco e à maneira, só na banca da Tina Caxineira !-»

E assim se foi com passo apressado, transformando aquela manhã de domingo num momento maravilhoso. Quero crer que, quando chegar a altura de a Tina viajar ao encontro do seu António, há de levar no peito o marulhar das ondas e nos olhos o azul do mar.



O GODO

Por Maria de Fátima Martins

Eu não sei bem há quanto tempo aqui me fico nas margens deste rio. Para um godo como eu, o tempo não é feito de dias, mas das vezes que água vai passando por mim e me leva, deixa e volta a levar, tornando-me polido e redondo pelo contacto com outras pedras e obstáculos.

Até que um dia chamei a atenção de um rapaz que por ali passava. Quando ele pegou em mim, senti uma sensação nova – se é que as pedras têm sensações – o calor da mão dele em contraste com a água fria de onde eu vinha. Ele olhou-me por um instante e guardou-me no bolso onde me vi junto a migalhas e algum pó.

E ali começou uma vida juntos. Eu dormia no bolso das calças, viajava no fundo da mochila, repousava na mesa (às escondidas da mãe) quando tomava o pequeno-almoço. Em todas as viagens da sua vida estive sempre presente: nos exames na escola, na entrevista para o primeiro emprego, no encontro com o primeiro namoro, nas despedidas. Eu sou uma pedra e apenas estava, sem ruído nem julgamentos.

Por vezes, quando ele tinha de tomar uma decisão, era como se falasse comigo em silêncio e apertava-me entre os dedos como a pedir ajuda. Estou certo de que eu não tinha poder algum, mas para ele talvez fosse a certeza de ter algo que estava sempre ali e que não o podia desiludir ou até, quem sabe, ser um amuleto da sorte.

Entretanto, o tempo foi passando e os seus bolsos já não tinham migalhas nem poeira e eu sentia-os cada vez mais frios. Ele tocava-me cada vez menos. Deixei de ser o seu companheiro à mesa do pequeno-almoço e às vezes esquecia-me na mesinha de cabeceira entre chaves e papeis. Convenci-me de que ele talvez tivesse aprendido a não precisar de mim e eu já não tinha qualquer utilidade.

Um dia, corria o inverno, ele pegou em mim e voltou ao rio. Quando lá chegámos, reconheci o som daquela água que me embalava antes de ele ter aparecido. Tirou-me do bolso e olhou-me de frente por um instante. Depois, fez o gesto, arremessou. Mergulhei naquelas águas que me receberam como quem acolhe um velho amigo.

Entendi, então, que eu nunca fora um amuleto, nem um milagre.

Eu fui só o espaço de tempo entre o que ele era e aquilo que a vida lhe ensinou a ser.

Godo /gó/ - (regionalismo usado no Minho) pedra redonda e lisa, rolada pelas águas

DE PASSAGEM

Por Maria Fernanda Bahia

- Incomodo?

Parei. Disse não. Com postura interrogativa olhei para o rapaz à minha frente.

- Eu bebi muito, muito mesmo, toda a noite, adormeci, perdi o cartão de cidadão, carteira, o telemóvel, perdi ou roubaram-mo, não sei...., quero ir para Coimbra e estou sem nada, 10 euros...

- Vá para a estação de S. Bento, lá terá hipótese, agora por aqui?!...

- Obrigada, desculpe.

Continuei no passeio junto ao cemitério de Agramonte, tinha hora marcada para tratar de um assunto importante. Nesse mesmo dia e por várias vezes voltei àquele momento, não lembrava a roupa, talvez de capa e batina, gravada estava a cara bonita do rapaz à minha frente, os olhos azeitona bem desenhados, meigos, ligeiramente raiados, marejantes, a voz doce, queria ir para Coimbra...

Ah, se fosse agora, dava-lhe os 10 euros, que são 10 euros? Vale assumir a minha pequenez, nem me lembra claramente se ele falara em 10 euros (bilhete de 10 euros para Coimbra? Não sei, para estudante talvez, mas como provar se não tinha nada com ele?) Oh, não podia fazer nada, adeus à oportunidade. Pensei na mãe dele, recriminei-me. Eu, como mãe, como ficaria contente e grata se outra mãe ajudasse o meu filho no regresso a casa! De seguida, mergulhei na confusão subconsciente a desculpar-me com os tempos de hoje. Abordamos provocadores, burlões, a nós - pessoas idosas e desprevenidas..., assalta-nos o medo - talvez fosse um momento de surpresa e medo o que eu senti, naquele encontro fortuito, de passagem, era cedo, a rua deserta.

Outra vez a cara do rapaz que queria ir para Coimbra, bem educado, pareceu-me! No papel de professora, quantos alunos eu tivera que beberam, beberam muito, não dormiram numa noite de Queima ou dormiram e não sabiam onde estavam ao acordar! Tratei-os bem, eram próximos, recordo-os com sorriso. Outros tempos, lá atrás. Mas apesar, a mais experiência, infindas observações e vivências, prazeres e desprazeres, muitas brumas, muitas alvoradas. Ainda que se vá desvanecendo a imagem do rapaz que queria ir para Coimbra, culpo-me reconhecidamente nesta página.

Amarro uma espécie de pesadelo branco. Eu, católica, “uma verdadeira tretas”, desinspirada de solidariedade, contradizente de mim própria enquanto crente do sol para todos. Prometo refletir, a convite do Papa Francisco na FRATELLI TUTTI “perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras”.

Quando, de passagem pelo vestíbulo da estação de S. Bento, lembro o rapaz que queria ir para Coimbra. No painel dos azulejos do Jorge Colaço, por penhor da honra, Egas Moniz em Toledo, perante o rei Afonso VII de Castela e Leão.

E com seus filhos e mulher se parte

A alevantar co eles a fiança,

Descalços e despedidos, de tal arte

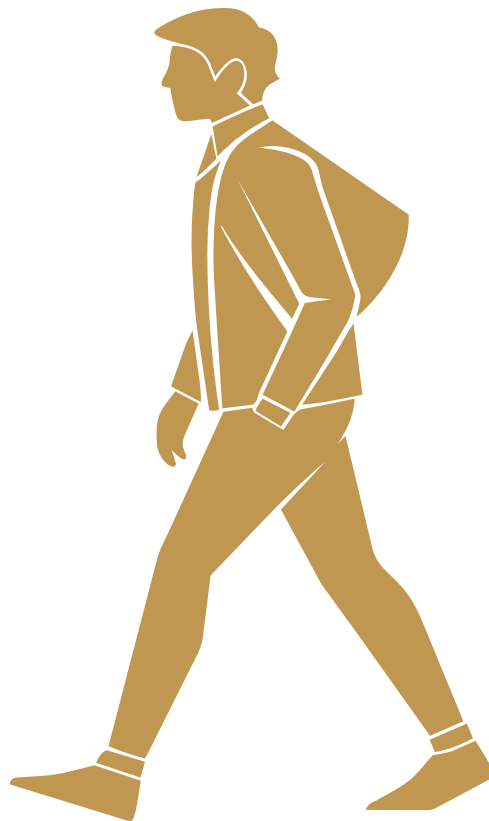
Que mais move a piedade que a vingança,

Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temerária confiança
(Dizia) eis aqui venho oferecido
A te pagar co a vida o prometido.

(Lusíadas, capítulo III, 38)

A representação é lenda sobre um mito lusitano. O rapaz que queria ir para Coimbra é verdadeiro.
Vem aí o tempo de exames. Que tenha recompensa.

Porto, maio de 2025



VELHA AMIGA

Por Maria Fernanda Bahia

Há muito te conhecemos. Estávamos num outro lugar, deste-nos esta habitação, não estamos mal mas sentimos saudade, éramos bastantes mais, que lhes fizeste, para onde os mandaste? Deles, nem o cheiro.

Agora fragmentados, não nos sentimos sós porque te vemos todos os dias. Escreves, lês, ordenas papéis, abres as cartas e as janelas, dás de beber às floreiras e entra o ar e a luz nesta sala donde ouvimos as vozes da rua. Sentimos a vibração das SONY que nos amparam, principalmente quando procuras espaço para mais um... As bonecas, nossas companheiras de prateleira, devem gostar da música, algumas lembrar-se-ão dos ritmos da terra árida ou da floresta fecunda que as viu nascer; já os vidros, adornos suscetíveis com significado e história só tua, temem pelos decibéis do pop ou do techno.

Sem propósito, focas o olhar nesta estante onde, connosco, tens fotografias e objetos que te dizem ou disseram muito e pouco, te julgaram, te amordaçaram para a vida. Lá longe, no outro século, viste a tua professora a percorrer as presenças na classe sem se importar com a ordem alfabética, era a vez da chamada para prestar contas da lição do livro da Editora Educação Nacional! Em pé, o peito apertadinho de quem era apontado, de respiração normalizada quem ficava sentado. Vens a nós. Pelo título ou pelo autor, ficamos vaidosos quando eleitos e passamos às tuas mãos afagantes, aos teus olhos atentos como colchas, deliciados com a cor ou desenho, por vezes pérolas que gotejam mercê do enredo da estória, assombrada com a construção do texto, os lábios entreabertos pela surpresa do verso, baque no suspense, a testa franzida com a metáfora, riso da comicidade, dentes cerrados no policial, frustrada pelo final mal acabado ou, então, satisfeita quando a última página se mostra aberta. Prolonga-se a leitura no teu imaginário, capaz de transpor o crime para o polícia, o menino é que é o delinquente, afinal a freira era a prostituta, a personagem secundária vira protagonista, faz do fim princípio e do princípio fim, em suma, dá a volta ao texto em nanoconto. Assim te lemos.

Hei! Nós aqui no andar de baixo também fazemos parte do todo. Somos aqueles mais pesados, largas folhas de rosto para pesquisar no sofá, satisfazer curiosidades, relembrar acontecimentos da História, Civilizações desaparecidas, Mistérios do mundo, Homens transformadores, de Homero a Pablo. Eu, *La carte des Vins – s’il vous plaît* mereço ser visitado muitas vezes pela abrangência dos 56 países e pela minha beleza estética. Obrigado. Não sou egoísta, sei que consultas a tua gastronomia, naquela agenda de 1975 com os teus acumulados manuscritos muito privados...

Pois é, compreendemos. Vens menos vezes cá acima, quase só para limpar o pó. Somos os reservados para as férias da meninice que nos vai lendo cada vez menos, o oposto ao seu caminhar para a adolescência. Estamos juntos com obras delas, em papel e em cerâmica. Eu, Teo, a Cinderela, alguns em BD e os tantos sobre animais fomos postos de lado, mas vejo “500 palavras para explicar” que a Bertrand exhibe com figuras, de certeza que são conceitos convenientes a aprender: radar, betão, ferrugem, draga, diapasão, lagar e outras. Aconselha, só lhes faz bem, escusam écran e leem em português.

Continua a querer-nos é o nosso desejo. Toma nota da nossa disponibilidade para emparelhar o épico, o lírico e o dramático, quer venham das editoras consagradas ou das não conhecidas, primeira edição ou enésima, sejam de autor de primeira linha ou de escrevedor, traz-nos mais um, mais dois, três, mais...

Somos os teus livros.

Porto, 23 de abril de 2025

NADAR CONTRA A CORRENTE

Por Teresa Canhoto Vieira

Quis o destino que o atual primeiro-ministro e o seu mais forte opositor se encontrassem à mesma hora, no mesmo elevador. Nenhum dos dois se propôs procurar outro elevador, podendo ser considerado inferior ao outro. O elevador, num assomo de capricho, encravou no meio de dois andares, não subindo nem descendo para que os políticos pudessem sair. (Bem vistas as coisas, não foi capricho do elevador, mas do destino, que já está habituado a que lhe atribuam a culpa de todas as burradas que se fazem)

O primeiro-ministro, após uns embaraçosos minutos sem nada dizerem um ao outro, foi o primeiro a golpear o pesado silêncio:

- Olhe, caro deputado, eu ponderei nada dizer, mas já que o destino nos pôs nesta situação (ele tinha razão, fora mesmo o destino), vou aproveitar para lhe perguntar porque é que a sua bancada votou contra o projeto de lei X se, na vossa legislatura apresentaram um projeto semelhante!

- Ah, então confessa que o seu partido copia os nosso projetos-lei?!

- Não confesso nada disso! O nosso projeto-lei tem diferenças do vosso, mas os resultados dessas medidas iriam igualmente ser benéficas para o povo. Fiquei indignado por votarem contra.

- Olhe, quer que lhe seja totalmente franco? (premissa impossível, político franco) - observou com mais calma o deputado. - Tenho pensado muito nisso, e há situações que também não me agradam nada. Julgo até que o povo devia votar em branco, como aconselha Saramago, enquanto os políticos não deixarem de gastar o dinheiro deles nestas quezílias inúteis. Estou cansado de dizer amém a tanto embuste e de inventar refutações sofisticadas para os viabilizar.

- Tem razão, sabe - observou o primeiro-ministro já mais apaziguador. - Nós esgrimimo-nos na Assembleia e os que votam em nós não tiram proveito nenhum desta luta infundável.

Continuaram o palatório com calma e procurando discutir as realidades e as inverdades que mais os angustiavam. Concordaram num verdadeiro diálogo, não só de discurso.

Feitas *as pazes* e de forma prazenteira, combinaram até um acordo na votação de leis fraturantes, desde que não fossem contra os seus projetos e que beneficiassem a população do país.

Passadas talvez duas horas, quando finalmente foram resgatados da prisão involuntária, estenderam as mãos um ao outro, exclamando quase em uníssono:

- Deixemo-nos dessas tretas! Inimigos como dantes! Não há possibilidade de estarmos de acordo. E riram-se ambos mostrando o interior podre das suas bocas, com dentes bem tratados pelos melhores e mais caros dentistas.

O destino vociferou:

- Ora, para que me dei ao trabalho?! Não é possível nadar contra a corrente!

PASSAMOS PELO MUNDO SEM O VER

Por Teresa Canhoto Vieira

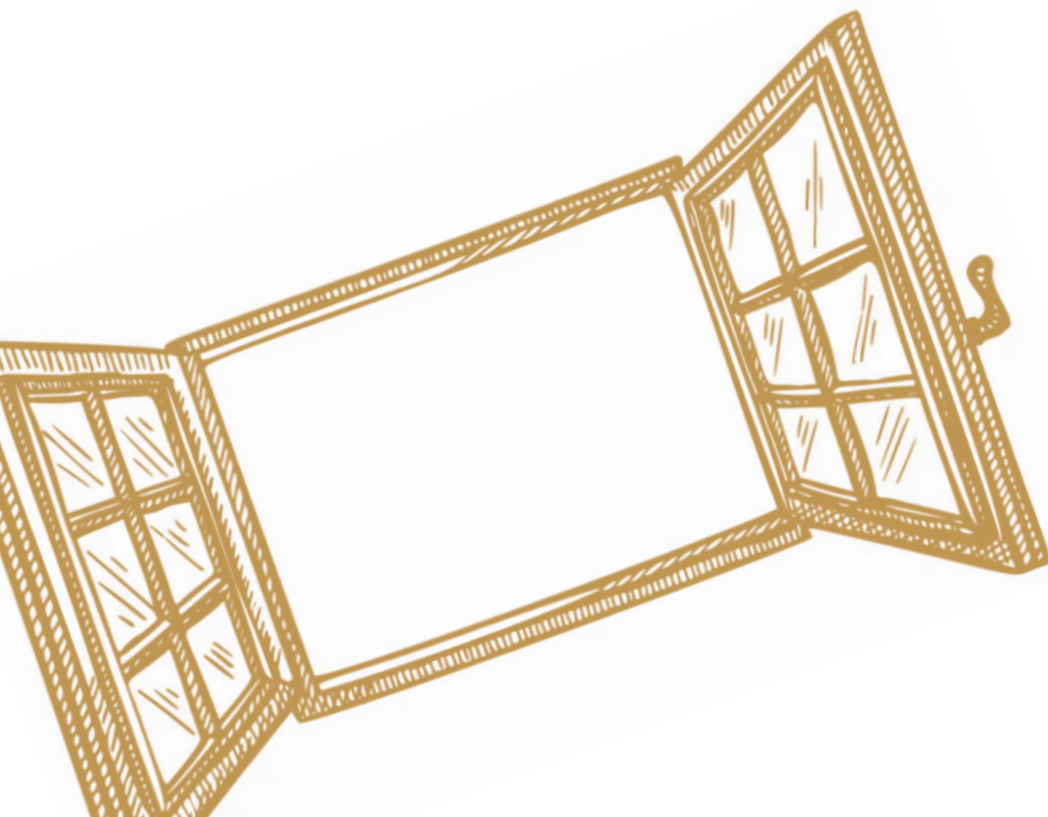
De «Passamos pelas coisas sem as ver», alterei o mote que o professor nos deu para «Passamos pelo mundo sem o ver», sendo que *mundo* engloba tudo: as coisas, a natureza, as pessoas, os acontecimentos. (Que me desculpe o Eugénio de Andrade)

Necessitei de alterar o mote para contar uma história verdadeira passada com a minha filha.

*

Numa casa onde morámos havia uma janela virada para uma curva onde desembocava uma estreita travessa. Após a curva, a travessa abria-se em largos passeios e amplo espaço de rua, em frente aos prédios.

Por imposição da minha filha de oito anos, ela vinha da escola do primeiro ciclo a pé, era perto, acompanhada por uma criança que vivia numa «ilha» colada aos prédios, incluindo o nosso. Cristina de seu nome, depressa largava a sacola da escola em casa e vinha para a rua brincar. A rua, sem saída, proporcionava um ambiente seguro onde as crianças brincavam despreocupadas nos passeios e na própria rua. Os habitantes dessa rua já conheciam o hábito da criançada e quando chegavam à curva, reduziam a velocidade dos automóveis e redobravam a atenção. A minha filha sabia que tinha de cumprir as suas obrigações escolares e depois, sim, podia ir brincar para a rua com as outras crianças.



Um certo dia, avistei a Cristina adentrar na ilha, mas não vi a minha filha. Intrigada, fui indagá-la sobre o paradeiro da Helena. Esta disse-me que a minha filha vinha muito devagar, mas já estava a chegar. Efetivamente, poucos minutos depois, chegou a minha filha e o meu coração de mãe sossegou.

Porém, dali em diante, a Helena sempre chegava depois da Cristina. No início não me preocupei muito, presumi que ela efetivamente caminhava mais lentamente do que a amiga porque sabia que tinha que fazer os deveres e não ir logo *cabritar* para o meio da rua. Mas um dia, intrigada com a sua crescente demora, decidi seguir o caminho que ambas percorriam para ver o que se passava.

Encontrei-a sim, logo após a curva que eu via de casa, a falar com uma senhora idosa que se encontrava à janela. Embora pronta para a repreender, acalmei-me, respirei fundo e perguntei-lhe:

- Que estás aqui a fazer, Leninha? Não sabes que eu fico preocupada quando vejo a Cristina chegar e tu não?

Helena olhou para mim, sem revolta, mas cheia de autoridade:

-Mãe, esta senhora, a D. Elvira está quase sempre aqui à janela para ver passar as pessoas. Vive sozinha e se não estiver à janela não vê ou fala com alguém. O marido já morreu e a filha não vive no Porto. Mas poucas são as pessoas que lhe dizem sequer bom dia ou boa tarde. Nem a vêem, acho. Quando venho da escola, fico só um bocadinho a conversar com a D. Elvira, para tu não te preocupares. Mas até gostava de ficar mais tempo porque ela conta-me histórias de quando ela era pequenina e eu não sabia nada disso. Sabias que muitas crianças iam para a escola descalças?

- Sabia, sim, filha: nunca te contei porque és muito nova ainda.

-Tenho oito anos, quase nove. Já tenho idade para saber muitas coisas.

A D. Elvira, a certa altura, interrompeu o nosso diálogo e disse-me:

- Sabe, minha senhora, a sua filha vê com o coração.

Fomos para casa, eu embrulhada na minha vergonha. Estava sempre tão imersa nos meus pensamentos, com pressa nas minhas rotinas, que nunca vira a senhora à janela, nem quando ia a pé a alguma lojita da vizinhança. Nunca lhe dissera bom dia, nem boa tarde, ou sequer a vira antes.



Secção 5

POESIA

VERSOS QUE TOCAM A ALMA

À DRA. MARIA AURORA DOS SANTOS PEREIRA

Por Albertina Pinto Ribeiro

CONVOCATÓRIA

À Corte eis que subiu
Na aurora do seu dia.

Dia de Isabel, Rainha.

Foi integrar o séquito das rosas,
Do pão transfigurado.

Num frémito de vozes ansiosas,
Partiu,
Rumo às portas do Palácio.

Um MENINO as abriu
E recebeu
A *serva* da Rainha.

INÍCIO DO OUTONO*Por Manuel de Oliveira Bastos*

Estamos no outono,
Começou a chover,
Sem sol e alegria,
Vamos ver o que vai ser.
Um tempo fechado,
O céu não se consegue ver,
A escuridão presente,
Assim, temos que viver.
Se estamos mais sós,
Precisamos de imaginação
Vinda de dentro de nós,
Através do coração.
O dia ficou cinzento,
Não sabia o que fazer,
Estive a tratar da cama
E depois, algo comer.
Pôr as notícias em dia,
Foi uma das preocupações,
Também estive a escrever,
E a um neto dei explicações.
Pus louça e roupa a lavar,
Os marmelos foram cortados
Para marmelada fazer,
Já está em tijelas, pronta a comer.
Nova ronda de explicações,
E o tema foi história,
O neto sempre na brincadeira,
E com pouca memória.
Um pouco cansado,
Sentei-me a relaxar,
Passado pouco tempo,
Já estava a dormir.

Assim, passei o dia,
Deixei tudo em ordem,
Com exceção da secretária
Em perfeita desordem,
Mas com duas camélias
Vindas do meu jardim,
Que me dão muita alegria,
Foram cortadas para mim.

QUEM SOU?

Por Manuel de Oliveira Bastos

Quem sou eu?
Se não sei quem sou,
Como posso saber,
Se já não existe quem me criou.
Saberia me dizer,
Tim tim por tim,
A pessoa que sempre fui
E que atualmente sou.
Palavra por palavra,
Seria proferida,
Pelo orgulho do seu filho,
Que sempre a amou,
Ao longo da sua vida.
Hoje, 8 de dezembro,
Dia da mãe, como sempre,
Era celebrado,
Mas, nunca será esquecido,
Mas sim, bem lembrado.
Lembrado, todos os dias,
A todos os momentos.
Está sempre presente,
E nunca ausente.
E quando me vem à memória,
A figura da minha mãe,
É grande a iluminação,
Que me enche o coração,
E fico a saber quem sou,
Com a união de cada mão.



08/12/2025

SAUDADE, SAUDADE

Por Manuel de Oliveira Bastos

Saudade é uma palavra profunda
Que se deve respeitar
É um sentimento verdadeiro
Que fica gravado em nós,
Para sempre nos acompanhar.
É algo que nos liga
É um misto de vivências
Eco no nosso interior.
Essa palavra saudade
É nostalgia, é tristeza
Mas também felicidade.
Saudade, Saudade
Como nos agita o coração
Quando o amor é profundo
Traz consigo as lembranças
E também a emoção.
É bom ter saudade
Do que nos marcou na vida
Dos bons momentos
Da chegada e da partida.
Ter saudade ou saudades
É sinónimo de mais viver
Faz parte da nossa vida
Do nascer, até morrer.

VIVER

Por Manuel de Oliveira Bastos

É triste, quem parte,
Fica sempre um vazio,
Ninguém substitui ninguém,
E o vazio fica sempre vazio.
Como a baixa mar num rio,
A corrente passa,
Arrastando algo que ainda exista,
Aliado a algumas memórias,
Referentes a boas ou más histórias.
Como é bom,
Pararmos na margem do rio,
Com um olhar longínquo,
Nada vendo,
Mas, tudo parecendo,
Que vemos tudo,
Como se estivéssemos vivendo.
E se no ombro aparecesse uma mão,
Com mensagem do coração,
Seria uma dádiva do Natal,
Com a sua iluminação.
E se estivesse envolto em nevoeiro,
Que nos trouxesse alguém,
Apaixonado
Como ninguém.
Como é bom,
Isto estar a acontecer,
Vou vivendo o dia a dia,
Vivendo e viver.

SOLIDÃO

Por Maria de Fátima Martins

Se o sol rasgasse as nuvens dos teus dias
talvez o teu olhar se iluminasse

Se o gosto amargo da saudade
se esfumasse na doçura de um beijo,
talvez o coração batesse alegre no teu peito.

Se as mãos caídas em tom de desalento
recebessem o toque terno de outras mãos,
talvez nascesse em ti a força que te falta.

Se o teu corpo esvaziado de sentidos
recebesse o calor de um abraço amigo,
talvez os sentidos voltassem à flor da pele
e tu voltasses a nascer para a vida.



ÚLTIMA VIAGEM

Por Maria de Fátima Martins

Numa esquina de rua,
debruçada sobre o contentor,
uma menina de olhar adulto
tenta ganhar do lixo matéria com defeito.

Uma boneca surge, cabelo ralo,
rodeada de alimentos fora de prazo
como os sonhos da menina.
No seu olhar, volta a ser criança.

Esquece os alimentos e a fome,
agarra-se à boneca, cinza de tão suja,
abraça-a
e atravessa a rua, radiante.

Não vê o automóvel.
Há um túnel que a suga
como elevador em cadencia acelerada
até à claridade de uma luz intensa
que a espera.
A boneca ganha vida e as duas, abraçadas,
sorriem.



Secção 6

PATRIMÓNIO

MEMÓRIA MATERIAL, HERANÇA IMATERIAL

TORRE DOS CLÉRIGOS

Por Francisco I. V. Mesquita Guimarães

A Torre dos Clérigos para mim, e, quiçá, para a maioria dos tripeiros é o símbolo da nossa cidade, Ponto Final. Não é maravilhosa, não é uma obra arquitectónica ímpar, ou qualquer outro epíteto, é simplesmente a “Torre dos Clérigos”, que todos sabem ter sido feita pelo Nasoni, mesmo não sabendo bem quem ele possa ter sido, e peça integrante da “Baixa” que todos conhecem, que todos apreciam e com a qual se habituaram a viver, passando quantas vezes por ela, mesmo “sem a ver”, mas sentindo a sua falta, quando estão fora. O seu domínio sobre o casario, a sua posição altaneira, qual menhir ou obelisco, dos tempos modernos, fazem-na ser o símbolo da raça, da força e da verticalidade dos tripeiros.

A minha relação com a Torre deverá ter começado muito cedo, pois, tendo o meu pai me dado a conhecer toda a cidade, deverá ter sido um dos primeiros edifícios que me terá mostrado, e mais tarde, por volta dos meus 5 ou 6 anos, até subi, com ele, à Torre.

Dessa 1ª subida recordo que para além de a ter achado muito alta, ter ficado com a ideia de que era um “miradouro” excepcional, de onde se via “toda” a cidade de meados dos anos 50 do século passado, e de onde pude ver muitos edifícios que conhecia, de uma forma diferente. Lembro-me de o meu pai me ter focado as casas dos meus avós maternos na Rua de São João e ao cimo da Rua de Santa Catarina, onde morávamos. Tenho ideia de me ter falado de Nasoni e da sua obra, e de me ter referido que a rua a que deram o seu nome, sendo insignificante para a personagem, ao menos ficava junto da sua “obra-prima”.

Após aquela visita fui-a vendo e sentindo a sua presença, marcante, ao longo dos anos, e de uma forma ainda mais intensa quando frequentei os preparatórios de engenharia na Faculdade de Ciências (Leões). Nesses anos, a sua presença era de tal modo forte, que aí de moto próprio resolvi visitar a Igreja e subir à Torre, tendo ficado fascinado com o panorama que se via do seu último piso. Era deslumbrante para qualquer pessoa a vista que se desfrutava e, então para mim, que sempre tive um especial interesse pelo desenho, aqueles telhados, aquelas claraboias, aquelas perspectivas em picado, aquelas sombras, foram de uma importância muito grande na minha formação e no meu conhecimento e domínio das ruas e travessas da cidade e sua interligação.

Recentemente, em 2012, resolvi tornar a subir à Torre e o panorama continua a ser magnífico, ainda que entremeado por algumas coberturas invertidas, em vez dos telhados de telhas, infelizmente sem muitas das claraboias de antanho, e com alguns tapamentos por mamarrachos, atentatórios de um mínimo de qualidade estética, então em Gaia, valha-nos São Pedro e São Filipe de Nery! A minha “visão” da cidade ainda foi mais intensa, pois, como felizmente ainda a conheço melhor, mais pude desfrutar daqueles pormenores que só quem ama o Porto entende (um beiral, um pequeno quintal, uma árvore solitária, uma claraboia, um acrescento bem conseguido, uma recuperação primorosa, uma antiga chaminé...).

Acabei por escrever um pequeno texto sobre a Torre dos Clérigos, sem me referir à pléiade de obras do seu projectista, Nasoni, considerando imperioso que se vejam todas, e muitas são “visíveis” da Torre, sem deixar qualquer nota à extraordinária obra de engenharia e filigrana em granito que a Torre é, e sem aludir à Igreja e sua fachada, que merecem uma visita demorada e atenta. Quanto à Torre, propriamente dita, e esquecendo-a como miradouro, quem tiver um mínimo de sensibilidade artística e técnica passará muito tempo a apreciá-la em toda a sua magnificência.

Como nota final, gostaria que os concertos de carrilhão tivessem uma realização compatível com a exploração turística que daí seria possível usufruir, não desmerecendo da sua função cultural.

Porto, 29 de Novembro de 2025 (originalmente 17 de Maio de 2012)

O PORTO DE CAMILO

Por Helder Pacheco

Graças à substituição da topologia pela tecnologia, a experiência humana, demasiado humana, da vizinhança, deu lugar à embriaguez olímpica de uma equidistância universal. O homem deixou de ser vernacular, ele é planetário. O seu ambiente imediato já não é local, mas digital.

Alain Finkielkraut, *A Humanidade Perdida* (1996)

1. Contrariamente ao ambiente digital falado em epígrafe, porque constitui um território ou um universo da Palavra, em Camilo tratamos com palavras e através de palavras impressas. No Português de lei, que distingue a grande literatura e a grande escrita. No entanto, é difícil encontrar na sua prosa, fórmulas definitivas, cristalizando um Porto indefinido e indefinível. E também não encontramos páginas que descrevam em pormenor, com minúcia, as diferentes parcelas da paisagem portuense porque, conforme diria Maria de Santa Cruz «A descrição é luxo reflexivo da escrita realista». E Camilo não se ajusta a tal classificação embora, não raro, ande próximo dela.

A sua narrativa, não sendo de um assumido naturalista, não faz a crónica e a historiografia da cidade descrevendo os lugares, mas fá-lo sobretudo da gente que neles habita, perpassa ou se situa. Não decifra nem se afadiga a tornar compreensíveis para o leitor os locais – evidentes ou ocultos – dos espaços urbanos onde os acontecimentos sucedem ou a que a narrativa alude. Mais do que as extensões citadinas e o seu carácter (tão comuns nas descrições de Arnaldo Gama, Ramalho, Pimentel, Pedro Ivo e muitos outros) e mais do que falar do carácter do Burgo, interessa-lhe a intriga e o preconceito dos sítios com personagens. É um hábil retratista do Porto da agora chamada classe média, dos brasileiros de torna-viagem e de alguma aristocracia típica dos títulos apressados pelo liberalismo. Raramente refere a classe operária que, na época, já representava quase um terço da população da cidade.

Interessam-lhe os casos e acontecimentos curiosos, rocambolescos. A variedade dos tipos humanos, os topónimos pitorescos, os nomes das coisas e dos lugares onde os acontecimentos decorrem. A conversa vernácula. É exímio em cenas com longos e animados diálogos e parece apostado em demonstrar que trabalha mais com a observação do que com a memória e, ainda menos, com a invenção.

2. Este Porto camiliano está por aí. Embora com novas roupagens, oferece-se à reconstituição (visual ou imaginativa) do leitor, em cenas e lugares. Ainda hoje se encontra numa rua ou viela, numa brejeirice, na galanteria provinciana, na crítica cáustica, nas festas, iniciativas e conceitos populares que subsistem. No entanto, os lugares que nos chegaram de oitocentos – ruas, largos, jardins, edifícios – apenas estruturavam a intriga, eram cenários de episódios dos romances e novelas. A topografia urbana é espécie de esqueleto das narrativas. Camilo, embora fosse claramente um homem que se movia a preceito na zona central do Burgo (a que chamaríamos a Baixa) faz situar, com maior ou menor intensidade, os enredos da sua escrita, ou os cenários dos acontecimentos, em quase todas as freguesias do Porto (algumas, ainda não tinham sido integradas na sua área de administração). Nos mais de trinta volumes que têm a cidade como pano de fundo, total ou parcial, só não encontramos

qualquer referência a Aldoar (na época, pequena aldeia, na estrada da Vilarinha, em redor da igreja paroquial). No entanto, os lugares das freguesias das chamadas periferias central e exterior (relativamente ao centro histórico), com excepção da Foz do Douro, surgem muito menos citados, obviamente por serem «menos cidade», do que os do território entre, digamos, S. Lázaro e o Carmo. E neste bem identificado universo, repleto de personagens e motivações romanescas, Camilo – provavelmente o maior de todos os humoristas que passaram pela nossa literatura – deve ter gozado à tripa-forra com o que presenciava. Com a vida quotidiana, afinal. Como se pode comprovar nestes pequenos extractos: «O pai já trazia de olho uns quatro brasileiros opulentos, negreiros aposentados, com o fígado túrgido e os joanetes do tamanho dos fígados respectivos.» (“Quatro Horas Inocentes”) Ainda mais contundente é o desabafo: «Aqui há tempos a esta parte o Barão e mais a porca da mulher, e o corno do sogro, olhavam-me de esguelha.» (“Eusébio Macário”) E atingiria o máximo do sarcasmo contra uma figura representativa da típica família burguesa, neste comentário: «Era a cabeça de Basílio, no dizer do mestre, muito mais dura e tapada, e maior que a bola de pedra da Torre dos Clérigos. Ao cabo de três meses, Basílio já conhecia um o e um i; mas se lhe tirassem o ponto ao i, chamava-lhe o. O mestre seguia o sistema de pancadaria, sistema o mais racional de todos com cabeças daquele feitio» (“As Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado”).

Face a tão marcantes retratos de personagens aparentemente fictícios, mas certamente, reconhecidos nos ambientes da época, não admira a notícia de diversas situações de conflito (incluindo bengaladas, na rua de Santo António) ocorridas em locais públicos, envolvendo Camilo e diferentes contendores. Por outro lado, perante alguns desbordantes exemplos de humor, que ultrapassam a simples graça e o comentário risível e atingem momentos de plena euforia e absoluto gozo, picaresco, contundente e irresistível, talvez pudéssemos inventar um novo instrumento de promoção da obra camiliana: utilizá-la no plano terapêutico, ora proposto por certos sectores da medicina. Refiro-me à designada «prescrição cultural», recentíssima modalidade de terapia em que os pacientes de inúmeras patologias, que me dispense de caracterizar, em lugar de serem tratados com medicamentos ou meios clínicos usuais, são colocados em contacto com obras de arte, audições musicais, textos poéticos ou em prosa e outros meios de criação ou usufruto. Assim sendo, imagino, para quem sofra de depressão, a utilidade e, até, a comodidade de ler, por exemplo, o irresistível “A Queda de um Anjo”, ou as incomparáveis “Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado”. E outros romances da mesma estirpe.

3. Mas, deixando por agora a ironia e a boa disposição camiliana, é altura de tornar saliente uma das grandezas da sua escrita: a utilização sem dúvidas, preconceitos, falsos pudores quanto à invenção de palavras, da língua portuguesa de forma a convertê-la num exemplo profundo do nosso património cultural. Raramente encontramos na literatura, simultaneamente uma profundidade, um rigor lexical e uma quase displicência de estilo, na construção das histórias. Não admira, por isso, que, além de cultivador emérito da língua pátria, Camilo seja um crítico de quem a mal utiliza ou desvaloriza. Como, por exemplo, esta alusão mordaz ao modo como se falava no parlamento, não poupando qualquer dos partidos da rotatividade política: «Não sei, por ora, de qual dos lados da Câmara se fala pior a língua pátria. Tenho ouvido os quenhentestas à la moda, e os galiparlas. Todos ressabem a ervilhaca; uns estão gafados de francesias, outros tresandam nos seus dizeres a bafio que os bons seiscentestas rejeitaram. Carecem de ambo nacional estes homens. O mau português principia a sê-lo desde que mareia a pureza de sua língua. Dêem-me portugueses de língua, e eu me bandearei com eles, como com português de coração.» (“A Queda de um Anjo”) E noutra parte da mesma obra, surge, emoldurado por verdadeiro toucado de palavras, repletas de emoção e justeza pelo pormenor, outro louvor à última barreira que protege a nossa independência num mundo de interdependências:

a língua portuguesa (aqui, numa crítica cerrada, sem ambiguidades nem cerimónias, aos que a maltratam): «... a mim faz-me tristeza contemplar a ribaldaria com que os belfarinheiros de missangas e lantejoulas adornam a língua de Camões, despojando-a dos seus adereços diamantinos. A probrezinha, trajada por mãos de gente ignara, anda por aqui a negacear-nos o riso como moura de auto, ou anjo de procissão de aldeia. Se acerta de lhe pegarem os farrapinhos broslados de folhade-flandres em algum silvedo, a mesquinha fica nua, e nós a corarmos de vergonha por amor dela!»

4. Apesar do azedume que, em alguns momentos, descarregou sobre os portuenses, especialmente alguns dos seus hábitos, costumes e comportamentos sociais, Camilo manteve uma percepção aguda e compreensiva dos valores que a cidade personificava. Diz, por exemplo, a propósito de uma das figuras mais detestadas no clima social do Burgo, o madraço semi-parasita: «O homem inerte, aqui, no Porto, é desconsiderado: devia sê-lo assim em toda a parte onde fosse um e único o padrão de honra. Não sei em que conta sou tido pelas raras pessoas que me conhecem aqui; mas escuto o que se diz dos pouquíssimos que por aí vagueiam de rua em rua, afectando com jactanciosa necedade que o Porto pode imitar Lisboa no seu peculiar característico da vadiagem.» (“Estrelas Propícias”)

E vejamos outros tópicos que ajudam a situar alguns pormenores da narrativa camiliana descrevendo, numa visão genérica do viver portuense, algumas figuras que o tipificavam: «Do Porto da minha mocidade abalavam às vezes para a Europa, diziam eles, uns moços dinheirosos que não tinham perfeita certeza se a Rua da Soveia ou da Reboleira, onde haviam nascido, estavam dentro da Europa. Cada um levava quatro malas inglesas, como quem ia para os confins da alta Ásia. Mandavam inscrever o seu itinerário no *Periódico dos Pobres* e gastavam quinze dias a despedir-se de parentes e amigos com o ar pensativo de quem ia fazer uma viagem de circunvalação.» (“Novelas do Minho”) Ser benfeitor de alguma instituição ou ocupar cargos prestigiados era preocupação corrente na burguesia endinheirada, designadamente a «brasileira», atitude assim descrita, com alguma bonomia: «(...) vou converter nos hospitais do Carmo, do Terço, da Trindade, nos Asilos, nas Misericórdias tudo que tenho mal adquirido, para que Deus me receba em desencargo da minha consciência oprimida. Fico pobre (...)» (“Um Homem de Brios”) Eis o modo de salvar a alma e descontar os pecados cometidos: doar a fortuna a quanto era actividade caritativa ou beneficente. Noutra romance, retrata-se o mesmo afã de destaque público, com personagem dado à distinção social: «(...) também era mesário da Ordem Terceira de S. Francisco, tesoureiro do hospital do Carmo, irmão benfeitor da venerável Ordem do Terço e mordomo perpétuo da festividade das almas de Santa Catarina.» (“Cenas Inocentes da Comédia Humana”)

Na descrição dos ambientes da cidade, Camilo revela alguma desconfiança (não é único nem o primeiro, contrariamente, por exemplo, a Júlio Dinis que, claramente, acreditava no progresso dos países onde a revolução industrial avançara), relativamente à industrialização que, embora tímida, avançava em alguns locais, comparando-a com a «leveza» idílica do passado: «(...) o Porto da primavera de 1762, gozava-se de ser impregnado de aromas, porque, naquela era, grande número de ruas que hoje respiram vapores nocivos pelos férreos pulmões dos seus edifícios e fábricas, eram quintas, arvoredos, jardins, ourelas e marginados verdejantes de límpidos regatos (...)» (“A Sereia”) Apesar das reticências pressentidas perante os «brasileiros», não se furta ao elogio das suas mulheres, pelo facto de pertencerem à que designa (honrosamente, como era hábito na época) como «cidade eterna»: «(...) se não era formosa para causar assombros, tinha direito a ser considerada uma das mais galantes esposas de brasileiros, os quais, naquele tempo, eram os usufrutuários mais ou menos exclusivos das peregrinas burguesas do Porto. Ângela não era portuense (...) mas no

rosado sadio da musculatura e redondez das formas, pertencia à espécie de beleza sólida e tanto ou quê patriarcal que distinguia e avantajava, sobre todas, as senhoras da cidade eterna (...)

5. Na sua obra, Camilo dá mostras de conhecer, em profundidade, os meandros da sociedade que descreve, particularmente nos seus aspectos extravagantes ou sentimentais. Revela, igualmente, o conhecimento factual do território urbano, incidindo naquele que, diariamente, frequentava. Na sua narrativa encontramos referências abundantes a esta centralidade e mais esparsas às freguesias periféricas onde, claramente, não circulava com frequência, nunca se deslocou ou só ia de passagem. Como me recuso a aderir à famigerada união de freguesias que, em nome da poupança, ignorou e desmantelou séculos de integridade territorial, social e cultural do Porto, continuo a considerá-lo dividido nas quinze paróquias que lhe concederam a substância cívica. Com maior ou menor profusão de referências, Camilo situa as suas intrigas em catorze delas. Vejamos, pois, umas tantas alusões, entre centenas possíveis.

Abordando-as alfabeticamente, começamos pelo Bonfim. Qual fixação, o escritor não sendo inveterado romântico, aborda, com frequência o ambiente do Prado do Repouso. Como neste extracto das “Memórias de Guilherme do Amaral”: «Maria amou nesse baile um poeta, que está no cemitério do Prado, há cinco meses, e para ali veio das praias onde o lançaram as ondas do Douro. Matou-o a pobreza, e o amor (...)» Ou, em “Um Homem de Brios”: «Saíram e atravessaram desde a Batalha até ao Prado do Repouso. Ao transporem o portão do cemitério, Guilherme exclamou: - Já sei o que é.» Ainda nas “Memórias” surge a referência ao logradouro favorito do Bairro Oriental: «No mês de Novembro daquele ano de 1845, foi Guilherme do Amaral ao Porto, e avistou no Passeio das Fontainhas uma senhora, caminhando vagarosamente, encostada ao braço de outra». O Poço das Patas (agora na área do Campo 24 de Agosto) é também citado em vários extractos. Como este: «A casa dos noivos, no Poço das Patas, não deixava nada a desejar. (“Eusébio Macário”)

Passemos, seguidamente, à freguesia de Campanhã então arrabalde quase campestre onde, sobretudo no seu vale, se impunham as quintas dos lares burgueses, panorama de que a estação ferroviária iria forçar a mudança. Em “O Assassino de Macário” lemos: «Mandem lá ensinar piano às raparigas da minha terra em que os poetas inspirados dizem às meninas que se fazem ninhos nos trigos de Campanhã!...» E em “As Aventuras de Basílio (...)”: «Lembra-se da sr^a. baronesa, daquelas tardes de sável assado e das azeitonas de Sevilha, em S. Roque da Lameira?» Ou «Em Abril iam primaverar na quinta do Flórido em Campanhã.» (“Vulcões de Lama”) Mas as transformações estavam em curso: «Na estação de Campanhã? Pois vá! ... Eu faço o mesmo.» (“O Assassino...”)

Na freguesia de Cedofeita, embora grande parte fosse igualmente preenchida por quintas e campos de cultivo, começava a sentir-se o avanço da área construída que, ultrapassando a muralha da cidade, implantaria o novo urbanismo do chamado (por Júlio Dinis) Bairro Ocidental. Em “A Filha do Doutor Negro”, lemos: «Como viera a viúva de João Crisóstomo assentar-se na Calçada do Mirante, desamparada, esquecida e mendiga?» E em “O Vinho do Porto”: «A sua casa luxuosa na Ramada-Alta era o confluente dos próceres portuenses e da província vinícola.» Vemos ainda que, na época, a actual Rua Antero de Quental (a velha estrada de Braga) ainda era um arredor: «... foi viver na última casa que o leitor encontra na Rua da Rainha, que neste tempo não tinha nome. Era uma casa de quinta, com ares apalaçados (...)» (“A Filha do Arcediago”) Mais próxima da centralidade da Baixa já estava, então, a zona da Lapa, com a Igreja, o Quartel e o Campo de St^o Ovídio a imporem-se. Mas no lugar onde construíram o Hospital ainda imperava

a popularíssima Alameda: «Nessa tarde encontrou Rosa Guilhermina passeando na alameda da Lapa, com a amiga, e a filhinha que brincava com um cão no regaço.» (idem)

S. João da Foz do Douro seria um dos lugares predominantes nos comentários do escritor aos acontecimentos da cidade. Nem admira, já que, tanto individualmente como mercê do seu relacionamento com Ana Plácido, esta freguesia constituía, pelo afastamento e os seus secretismos (como a Pensão Mary Castro, ideal para encontros românticos), um espaço privilegiado. Quer da burguesia, quer da colónia inglesa a quem se deve a sua descoberta, a Foz e o Atlântico (ou os banhos de mar), enquanto objecto de sedução e de oportunidade terapêutica, eram um universo único e apartado do Burgo. Entre o seu início na agora Sobreiras, e Carreiros (a que chamamos Molhe) se desenvolve a Foz camiliana, que escreveria mesmo o romance “Cenas da Foz”, por ela motivado. Em “O Esqueleto” diz: «(...) por noite de lua cheia, passeavam à beira-Douro, no sítio de Sovereiros, em S. João da Foz.» E sobre os problemas da navegabilidade local, não deixa de dar uma ferroadinha nos burocratas de serviço: «As barras da Foz e Leixões aí se ostentam uns primores d’arte hidrográfica atestando que os ministros segregaram perfeitamente o fósforo, o rodovalho – comeram o peixe mais a isca.» (“O Vinho do Porto”) Os transportes da época (muito rudimentares) entre o centro do Porto e a Foz, são também aludidos: «(...) soubemos que ele estava a banhos no mar da Foz, com a maldita estrangeira. Aluguei um jumento, com o devido respeito, e pus-me a caminho para a Foz.» (“O Esqueleto”) Em “No Bom Jesus do Monte” dá-nos conta do apreço concedido a um dos espaços emblemáticos da freguesia: «Aluguei, por sua ordem, uma das mais confortáveis casas do “Passeio Alegre”». Os banhos de mar e a referência a um hotel ainda existente, surgem-nos em “Anos de Prosa”: «Rematava dizendo que o morgado de Santa Eufémia fazia todos os dias a Silvina o sacrifício de se lavar no oceano, dando grandes urros, e devorando bois assados no hotel da Boavista.» E o sítio do «Molhe» aparece envolvido em assunto amoroso: «Com estes acontecimentos coincidiu a ida do comendador à Foz, e o seu encontro com Silvina em Carreiros. Agora está dada a razão de ter perdido José Francisco o tino, quando a viu à cata das conchinhas.» (“Anos de Prosa”)

A freguesia de Lordelo do Ouro ficou também associada ao romance “Cenas da Foz” e à grande casa rural do sítio então designado “do Pasteleiro”, quase na fronteira, que ainda permanece, com a Foz. A casa e o cruzeiro anexo, testemunhas do Cerco do Porto, resistiram até há pouco, no local do enredo romanesco. O cruzeiro escapou e lá está, bem cuidado, a casa foi substituída por um condomínio de luxo. Camilo deixou-nos de tudo isto, uma descrição quase sublime: «Em 1835, a 22 de Agosto, às sete horas da tarde, pouco mais ou menos, passeava eu, com a imaginação pelos mundos ideais de Platão, e os pés sobre o terreno saibroso de um cerrado pinhal, no sítio do Pasteleiro, nos subúrbios de S. João da Foz. Distraidamente, de vez em quando, passeava a vista pelas cinco janelas hermeticamente fechadas de uma casa de campo, pintada de fresco a ocre. Impressionava-me o silêncio fúnebre que rodeava aquela casa, e dessa impressão, metade poesia e metade curiosidade, nasceu-me o desejo de saber quem morava ali.» E, noutro ponto: «Soaram onze horas no relógio paroquial de Lordelo. Que saudosa tristeza a daqueles sons em hora de tanta poesia!»

Relativamente a Massarelos, encontramos mais referências do que em freguesias anteriores. Além da ligação ao rei Carlos Alberto, através da Macieirinha, e da retumbância do Palácio de Cristal, Massarelos dispunha de um dos mais elegantes e procurados passeios públicos: a Alameda junto do rio. Diz, então, Camilo: «Neste ano da graça de 1871, fui eu a um baile de máscaras no Palácio de Cristal.» (“Quatro Horas Inocentes”) E também: «(...) meditou em fingir-se doente para não ir, na seguinte noite, ao baile da Torre da Marca.» (“Estrelas Propícias”) Aqui, ficamos sem saber se o baile era no Palácio de Cristal ou no palacete chamado (um tanto impropriamente) da Torre da Marca, onde se bailava selectamente. Em “A Corja”, Camilo faz uma curiosa, rara e clara alusão à

confrontação de classes entre operariado e grande burguesia: «Grupos de operários da fábrica do Bicalho paravam a ver sair as carruagens da casa iluminada do Spenser e diziam amargamente: - Estes é que a levam! Estes é que a levam!» E nas “Memórias do Cárcere II” retrata garbosamente a actual Alameda: «Gastou o major a tarde deste dia a passear no Cais de Massarelos, local dilecto dos peraltas portuenses naquele tempo.» Em “A Bruxa do Monte Córdova”, demonstra, sem equívocos, a sua animosidade contra a implantação industrial em curso na cidade e particularmente em algumas zonas de Massarelos, escrevendo: «Olhava contra o mar a pequena adufa da casa. Ramalhavam-lhe sobranceiras as corpulentas faias da quinta, onde Carlos Alberto ermou e achou a morte com todas as tristezas da solidão. Aqueles silêncios das sombras enoitecidas está sendo hoje o que é tudo por onde a indústria gananciosa edifica seus telónios. As aves fugiram dali; a folhagem não rumoreja no chão arrelvado; a água dos meandros repuxada em bicas, já não tem a música e graça alpestres do seu soído. Acabou tudo.» (Como noutras ocasiões, não tinha razão: a Quinta da Macieirinha permanece intacta e a indústria passou por ali mas saiu de Massarelos.) Curiosamente, em Miragaia, Camilo dá-se (e dá-nos) conta da existência, já visível, de uma parcela de freguesia ribeirinha e outra alcandorada para o interior da cidade. Por exemplo, em “Onde Está a Felicidade?” escreveu: «A casa da Bandeirinha ficava-lhe à mão. Nessa casa devia existir a viúva do desgraçado Jacobino. João Antunes, indeciso, estacou minutos diante do heráldico portão dos Portocarreiros.» (Demonstrando conhecimento da história local, faz alusão ao assassinato do fidalgo da Casa das Sereias, por suspeitas de colaborador dos franceses. O que, diga-se, era falso.) Da Miragaia mais interior, em “O general Carlos Ribeiro”, diz: «Ela tinha saído, quinze dias antes, de uma enfermaria do hospital de Santo António (...)» e, em “Os Ratos da Inquisição” descreve um edifício emblemático: «Destes Castros foi também rica vergôntea a dos Morais e Castro que edificaram o palácio chamado dos *Carrancas* que é actualmente no Porto o paço do rei.» Em “Um Homem de Brios” mantém-se no alto da freguesia: «(...) deram-se o braço e, em lugar, de entrarem na seje, atravessaram a pé algumas ruas até pararem no *Passeio das Virtudes* (...)» Da Miragaia, conhecida pelo bairro ribeirinho, avulta, na prosa camiliana, a Rua dos Arménios (hoje, dita Arménia). Em “Onde Está a Felicidade?”, lê-se: «É a Rua dos Arménios. Vivo aqui há perto de cinquenta anos, e já aqui viveu meu pai, Deus lhe perdoe, que era barqueiro e chamava-se António (...)»

Com Nevogilde, não aconteceu o sucedido com a vizinha, Aldoar (ambas, tal como Ramalde, só seriam integradas no município do Porto, nos finais de oitocentos, em 1895). Embora o centro cívico fosse a igreja paroquial e a aldeia que a rodeava, desenvolvia-se, junto da costa marítima, uma urbanidade em ascensão, impulsionada pelo Molhe de Carreiros. Significativamente é este o sítio escolhido para integrar vários momentos do romance “Noites de Lamego”: «(...) estava em Carreiros, olhando contra o mar, oito dias depois que vira Clotilde.», e ainda: «(...) César ia a caminho de Carreiros, e viu descer dos pinhais em direcção à praia um grupo de homens e damas.» Podemos, por estes excertos, antecipar com nitidez a futura geografia de Nevogilde: um centro antigo em torno da igreja e outro, moderno, junto do Molhe. Pelo meio, campos e pinhais, como se pode ler: «Alvoreceu-lhe o dia nos pinhais de Nabogilde.» (o nome da freguesia ainda não estava definitivamente fixado). Paranhos, integrada na cidade em 1837, era, nos tempos de Camilo, um vasto território rural, preenchido por quintas, algumas gozando de enorme prestígio, atravessado ou ladeado por velhas estradas rumo a Braga, Viana e Guimarães. Alguns lugares importantes na época, situavam-se justamente à margem dessas vias, como é o caso do agora Largo da Cruz, citado em “O Esqueleto”: «Onde vive ela? – Na Cruz da Regateira, a meia légua do Porto, com um fidalgo transmuntano (...)». Ou em “A Corja”: «Macário escutava-o com imensa saudade dos bons tempos da Cruz

da Regateira – aquele caramanchão da quinta de Madame Flora, uma francesa viúva de um corsário (...)» E com alguma graça, evoca o doce característico da freguesia (que bem poderia, actualmente, representar a cidade): «(...) tomava uma fartadela de cavacas de Paranhos, e dava dez réis às almas (...)» (“Aventuras de Bazílio”) Por Ramalde, ainda então terra da Maia, longe da urbe, também não deve ter passeado muito o Mestre. Desse desconhecimento damo-nos conta no facto de, em toda a sua obra com ambiente portuense, a freguesia aparecer apenas citada, em “A Filha do Arcediago”: «O arcediago resolveu levar sua filha a ares para uma sua quinta de Ramalde (...)»

E chegamos, finalmente, às freguesias então importantes, as centrais, que Camilo devia percorrer a passo e conhecer a palmo, nos meandros, episódios e acontecimentos. Como ficou dito, os locais servem de pano de fundo para situar a intriga, não são descritos ao pormenor, nem sequer situados na geografia global do Burgo. Constituem adereços do desenrolar das acções e não mais do que isso. Vejamos, então, a freguesia onde, por excelência, quase tudo quanto era comércio e sociedade acontecia: Santo Ildefonso. São numerosas as referências. Em “Eusébio Macário”, lemos: «(...) de mais a mais, o José Macário estava no baile das senhoras Regras, na rua de Santo António, e ela ralada de despeitos, ciúmes, com grande ferro.» Nas “Aventuras de Basílio (...)” diz que «Saía do teatro, e pagava lautas ceias de ostras e salame na *Águia d’Ouro*.» Já em “Cavar em Ruínas” dá-nos conta de uma notável instituição que sobreviveu até aos nossos dias: «Fundou-se em 1853 a creche de S. Vicente de Paulo, no Porto. Fizeram-me vice-presidente, fiscal ou não sei que governança daquilo». Em “A Corja” refere a actual Praça do Marquês: «Trigueiros mandou largar para o Largo da Aguardente, o amigo queria acompanhá-lo: - Que não era preciso; que muito obrigado.» Com certa indefinição relativamente à actualidade, Camilo cruza duas ruas, próximas mas não como são descritas: «Uma noite descíamos a rua do Bonjardim onde morávamos, e ao dobrar da esquina da rua do Bolhão vimo-nos cercados por quatro celerados que (...) iam demonstrar com argumentos de carvalho – cerquinho a excelência do governo liberal (...)» (“Noites de Insónia”) Também não podia faltar o, na altura, jardim romântico por excelência. Em “Anos de Prosa”: «As ocorrências do jardim de S. Lázaro, no dia imediato, não merecem crónica. O que pode, porém suceder a um moço, que passeia o coração amante no jardim do Porto, é bom de dizer-se (...)» E não faltava, em diversas ocasiões, a menção da igreja mais ao gosto da burguesia da Invicta: «(...) saía da missa dos Congregados para o jardim de S. Lázaro, com um grande rugido de gorgorões caros, muito estrelada de jóias rutilantes, pela Rua de Santo António acima (...)» (“A Corja”)

A pequena e ribeirinha S. Nicolau – repleta de ambiente social e histórico –, merece numerosas descrições de factos ali ocorridos. Em “A Filha do Arcediago” surge um retrato repleto de ironia: «Pus-lhe um estabelecimento de castanhas assadas na Ribeira. O diabo da moça piscava o olho ao caixeiro, e pu-la fora de casa. Eu cá poucas vergonhas de portas adentro não as quero.» E na mesma obra: «Vira em Cima do Muro, encostado ao parapeito, o cónego Justino, a olhar para ele com um riso sarcástico (...)» (“A Corja”) Uma antiga rua, depois desaparecida para prolongar Mouzinho da Silveira, é citada em “A Brasileira de Prazins”: «Veríssimo arrecadava uma gratificação, umas seis libras mensais, mesquinha paga dos serviços que fazia à ordem, à tranquilidade cívica da Rua das Flores e das Congostas.» Em “Mosaico e Silva” elogia e descreve, coisa rara, um arruamento propriamente dito: «A rua nova de S. João tem muitas casas feitas e ficará magnífica depois de acabada.» (E, de facto, ficou.) E surgem referidas instituições gradas do Burgo: «O Aguiar procurou-o na Bolsa, levou-o para o adro de S. Francisco, e começou: - Como o outro que diz: amigo que não presta, faça que não corta, que os leve o Diabo pouco importa.»

(“A Corja”) Ou precisando uma localização bem fundamentada: «A igreja de S. Nicolau está fundada no local onde estivera o hospital de Santa Catarina.» (“Coisas Leves e Pesadas”) Mais ao seu estilo refere em “O Vinho do Porto”: «Vive miraculosamente no meio dos seus colegas da rua dos Ingleses e Cima do Muro como Daniel no fojo dos leões.»

A freguesia da Sé, então coração e pulmão do viver tripeiro, surge em toda a sua extensão, desde o Bairro antigo (muito citado) até aos confins de S. Lázaro (através de instituições ali situadas). Camilo habitou-a e deve tê-la vivido intensamente. Em “O General Carlos Ribeiro”, escreveu: «Eu morava na rua Escura, no bairro mais pobre e lamacento do Porto, um beco fétido de coirama surrada, em uma esquina que olha para a Viela dos Pelames.» Sem faltar a velha e popular designação da rua agora de S. Sebastião: «Eu dei-lhe a carta à esquina da viela dos Gatos! Ela leu-a logo (...)» (“O Sangue”) E abundam, em diversos romances, referências a Santa Clara. Como em “A Corja”: «Pascoela entrou no Convento de Santa Clara, no Porto, com as jóias e a preta, muitos baús, malas, caixas de licores e mobília.» (Vemos tratar-se de uma reclusão bem apoiada!) E, na frente do convento, descreveu a arquitectura: «No largo de Santo António do Penedo, no Porto, em frente do palácio da sn^a. condessa de Azevedo, está um prédio elegantíssimo (...)» (“Maria da Fonte”) (Só desapareceu o «prédio elegantíssimo») Um pouco mais acima, surge um edifício muito frequentado pela sociedade portuense: «Se vivesse no Porto, colheria as melhores flores da minha coroa na estufa do real teatro de S. João (...)» Ou, mais afastado do núcleo histórico da Sé, já na área do Bairro Oriental: « - Das duas uma: ou casar, ou entrar já no recolhimento das órfãs de S. Lázaro.» (“A Filha do Arcediago”) Mas regressemos às origens. Às ruas cujos nomes permaneceram inalterados. Em “A Brasileira de Prazins” diz: «A Libânia e mais o Torcato pernoitaram na Estalagem do Cantinho, na rua do Loureiro (...). Ou, em local próximo: «Se quiserem alguma coisa de mim, não tem mais que mandar chamar a Custódia de Cimo de Vila, rua do Captivo, sou bem conhecida.» (“As Três Irmãs”) E, com laivos escandalosos, surge, em “Vulcões de Lama”, outra instituição ainda existente, no Codessal: «A mulher do comendador Felisberto dos Santos Amaro, apanhada em flagrante delito na Foz e enclausurada no Recolhimento do Ferro, volvidos quatro meses, e desencardidas as asas nos lavatórios de água benta, voara (...)» Mais recatadamente, em “A Filha do Doutor Negro” lê-se: «Houve aí na rua Chã uma formosa menina que amou Francisco Simões de Alpedrinha, não era nobre nem rica (...)» E, entre dezenas mais possíveis, uma nota nuclear de um território de séculos: «Tinha oficina de cortidor na rua dos Pelames, no Porto, e era muito rico, e viúvo sem filhos, com cinquenta anos (...)»

Neste universo de palavras, evocando emoções, assuntos comezinhos, paixões ou banalidades do quotidiano da já então Invicta cidade, chegamos finalmente à freguesia de N^a. S^a. da Vitória, outro coração nevrálgico do pulsar portuense. Camilo aborda tanto lugares que se localizavam dentro da muralha, já não existente, como os que alastraram, por decisão administrativa, para o outrora território de Santo Ildefonso. Da de fora da cerca, temos, por exemplo, em “O Vinho do Porto”: «Gertruria, desde que eu fui à cama, visitava-me a miúdo no Hotel-Francês, na rua da Fábrica (...)» No clássico “Amor de Perdição” encontramos: «Está Simão num quarto de malta das cadeias da Relação. Um catre de tábuas, um colchão de embarque, uma banca e cadeira de pinho (...)» Igualmente fora da muralha, em “Os Brilhantes do Brasileiro” vemos: «Os amigos do sr. Fialho, aquela hora, estavam em grupo na calçada dos Clérigos, à porta do imaculado capitalista.» Ou em (agora) Carlos Alberto, no Palacete Balsemão: «Chegara o marceneiro ao hotel do Peixe, na Feira das Caixas, com galegos carregando mobília.» (“O Sangue”) No mesmo romance lemos: «(...) quando as nove badaladas caíam da Torre dos Clérigos, a senhora Custódia

da Porciuncula, de cócoras à beira da fogueirinha, fazia estalejar os espirros de sal (...)» Ou nas “Memórias do Cárcere” II: «(...) foi entregue a dois soldados da Municipal que o conduziram pacificamente ao Carmo» (refere o Quartel do Carmo). E, pitorescamente, descreve, com certa crítica, a «feira da ladra» da época: «Ontem fui eu à feira dos *Ferros-Velhos* que está ali debaixo das copas das árvores das carmelitas, obstruindo um espaço, que deveria ser uma curta mas belíssima rua.» (urbanisticamente, tinha toda a razão e a Câmara fez-lhe a vontade).

Quanto à Vitória do interior da muralha (mais popular e, talvez, não tão procurada por Camilo) encontramos menos alusões aos seus lugares. Ainda assim, em “A Filha do Doutor Negro” relata: «António da Silveira foi aboletado para a rua de S. Miguel, em quanto se não reorganizava quartel para a cavalaria.» E da fundura dos séculos, da toponímia do Morro do Olival surge-nos, em “Carlota Ângela”: «Norberto de Meireles e sua mulher D. Rosália Sampaio, ricos proprietários, moradores, em 1806, na rua das Taipas (...), viam crescer prodigiosamente os seus cabedais, e, com eles, uma filha única (...)» Nas proximidades, encontramos: «(...) cuida que vai cismando em empresas arrojadas ao longo de Regent Street, e encontra-se na rua dos Caldeireiros entre uma loja de funis e uma tenda de tamancos.» (“O Vinho do Porto”)

6. Esta foi uma simples amostra escolhida muito subjectivamente de um património de evocações portuenses, envolvendo centenas de citações invocando aspectos da cidade. Além do mais, as observações e apontamentos camilianos relativos a lugares do Porto, encontram-se noutras publicações, designadamente na imprensa. Por exemplo: em 1854 surgiria o semanário “O Bico de Gaz” onde Camilo assume o papel de Redactor em Chefe, com o título de «O Antigo Juiz das Almas de Campanhã», tendo como colaboradores «vários espíritos eminentes que honram o século XIX». (Pelo estilo e conteúdo, redigia todo o periódico, o que, de resto, confessa). Na Introdução afirmava: «Este jornal é estrela matutina dum novo dia de civilização. Nasce, como Galileu, disposto a desmentir os prejuízos do século. Vai como Cristóvão Colombo, acender o fósforo das luzes nas plagas da ignorância.» A seguir, na “Revista do Porto”, discorre sem peias na defesa da cidade: «Aos que dizem que o Porto é selvagem, respondemos com os factos. A vida, que aqui se vive, ebria dos gozos do espírito, e rica das galas opulentas duma civilização juvenil, não inveja as regalias da capital. O sestro da crítica, mal alinhavada por imbecis que são inferiores a ela, tem sido a argola a que se prendem os mueres, quando ainda são potros em literatura. A cidade da Virgem tem sofrido, silenciosamente, os golpes de ferradura de alguns que, vieram a fazer curvetas no folhetim, sem terem o picadeiro das primeiras letras.»

Surge depois uma contundente, pelo ridículo, descrição da «Sessão de 30 de Abril» de “O Palheiro” (designação porque era conhecida a aristocrática Assembleia Portuense). Basta ler os nomes dos participantes, para se avaliar do conteúdo das intervenções: Timóteo Vinagreiro, Tadeu Cassoula, Anastácio Palhavã, João José e José João (a certa altura, fala Tadeu: «Já bimos; não é naçairo lê-la; salbo se os outros inestem na cousa». E todos: «Já bimos, já bimos» (podemos imaginar o efeito de tal escárnio junto da dita melhor sociedade tripeira). Neste jornal foi publicado o famoso poema “As Peneiras”, que depois seria musicado. Libelo acusador de personagens que o Porto conhecia, principia assim: «O borlista, que muita mesura / Faz aqui, faz ali, faz além, / Se não julga que o povo o censura, / Que peneiras nos olhos não tem!»

De qualquer modo, embora muitas vezes não pareça, Camilo era um romântico e, por isso, nada melhor para encerrar este escrito do que a sua frase (em “Estrelas Propícias”): «Pois meu caro senhor Taveira, penso poder afirmar-lhe que a minha filha está pagando o universal tributo. Descobri que ama! Só o Porto podia fazer tal milagre!»



Secção 7

VARIA

ESTUDOS E REFLEXÕES

NÓTULAS LINGUÍSTICAS

Por Albertina Pinto Ribeiro

Ultimamente, a Língua Portuguesa tem vindo a receber, distraída, complacente, ingénua e reverenciadora, uma enorme invasão de vocábulos estrangeiros, maioritariamente ingleses. Não há emissão televisiva e radiofónica que não instale, eruditamente, os seus enxertos importados, que fazem turismo residente em muitíssimos domínios: política, publicidade, economia, moda, desporto, arte, comércio. Enfim, um mapa linguístico inglês que recobre o português, configurando um estado epidémico por contágio voluntário.

Se há áreas lexicais em que o intruso pode ter pertinência por especificidade tradutora, muitas há em que se facilita a imigração por simples e imponderado modismo: back up, briefing, budget, carjacking, casting, coaching, CEO, design, fast food, feeling, feedback, freelancer, full time, part time, hackers, know how, look manager, master chef, open space, open day, open mind, opinion makers, off shore, off record, power, personal trainer, red carpet, runner, running, remake, rackers, site, show, show business, show room, talkers, t-shirt, talk show, timing, thriller ...

Ainda, por outra via, bem mais estreita: *tournée, chef, dossier, régie ...*

Performance, não obstante a sua pesada pronúncia, entrou com foros de cidadania, com seus múltiplos derivados ...

Se “a portuguesa língua” não integrasse vocábulos, perfeitamente tradutores dos conceitos, outra seria a questão. Porém, é de adopção imediata e irreflectida que parece tratar-se, mesmo quando se substitui ementa por menu, lista por carta, aperitivos por entradas. Mas... quando se tem pão em casa, (bom e variado, valha a verdade) vai-se pedir ao vizinho?!

A fonética regista casos de dupla realização como em *Gulbenkian, Nobel, Al Qaeda...* Por vezes, na mesma emissão televisiva ou radiofónica, basta que mudem jornalista, repórter, comentador, político, entrevistado, para se ouvir variações oxítone e paroxítone. No que se refere aos dois iniciais, porque mais usuais no nosso discurso, conviria que os *media* (termo de matriz latina e também ele foneticamente inglês entre nós !) generalizassem a pronúncia adequada.

Na realização fónica portuguesa, pratica-se correntemente diérese sobre palavras como *gratuito, fortuito*, desfazendo o ditongo, que obriga a uma só emissão. Pronúncia anómala observa-se em *período* sempre que se ignora o seu carácter esdrúxulo, deslocando o ictos para a sílaba seguinte, donde resulta: *pe-ri- o do*. Inversamente sucede com *rubrica*, que vê o seu estatuto alterado para esdrúxulo: - *rúbrica*. Tais alterações, creio, não deveriam acontecer.

Assiste-se ainda a morfologias espúrias, a regimes preposicionais espúrios: *chamar de* ocorre com acentuada frequência, como se fosse da norma portuguesa dizer, pela mesma via de razão, *Eu chamo-me de António. Ela chama-se de Isabel*. Na página 780 da edição de 2001 do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, da Academia das Ciências de Lisboa*, encontra-se, por exemplo, a seguinte citação do romance *China, de M. O. Braga*: “Respeitava e amava o velho a quem chamava pai”; ou ainda, do Público, 27.3.1993: “Aos gritos de um grupo de estudantes que lhe chamavam ladrão(...)”. Desta vez, a submissão é ao português do Brasil... sempre submissão. O número gramatical encarregou-se de pluralizar a *culpa*. *Pede-se desculpa* e obtém-se, generosamente, *desculpas aceites*.” *Minha culpa, minha culpa, minha tão grande culpa*! Será, muito provavelmente, esta ênfase responsável pelo plural!

E, ao dizermos *os Andrade, os Távora...*, será que admitimos ter Eça titulado o seu romance *Os Maia* em vez de *Os Maias*?

Quanto ao género gramatical, *personagem*, dispõe dos dois, masculino e feminino. No entanto, na apresentação de usos, o mesmo Dicionário sempre aplica o qualificativo feminino: *personagem modelada, personagem plana, personagem redonda, personagem secundária, personagem muda*. É, aliás, o género prevalecente nos lexemas com a mesma sufixação: *a aragem, a folhagem, a ferrugem, a coragem...*

Torna-se, pois, estranho ouvir os actantes do teatro, do cinema, das telenovelas e não só, na mesma oportunidade, usarem cada um a sua forma.

Curiosa é a coexistência de *controlo e controle*. Se bem que alfabeticamente a segunda devesse preceder a primeira, a verdade é que a forma privilegiada é a primeira - *controlo* - no citado *Dicionário da Academia das Ciências*. *Controle*, do francês *contrôle*, em pronúncia rápida faz a apócope da vogal e surge, não raras vezes, *control*. É, todavia, *controlo* que preside a todos os exemplos: *controlo de armamentos, posto de controlo, controlo social, controlo remoto, torre de controlo, unidade de controlo periférico, controlo de natalidade*.

TAC, que o dicionário já citado regista como *substantivo masculino*, é gramaticalmente autónomo face a *tomografia axial computadorizada, de que constitui o acrónimo. Integra-se no hiperónimo exame de diagnóstico, logo, masculino*. Do mesmo modo se registre a prevalência dos hiperónimos sobre os nomes em casos em que são absorvidos pelas entidades que os tutelam. Assim acontece com o hiperónimo hospital, que nos leva a dizer *o Santa Maria, o Dona Estefânia, o Arrábida, o Lusíadas*. Outra situação ainda é *a CP, a TAP*, nomes dependentes do hiperónimo abrangente “entidade”, não obstante a sua pertença ao masculino plural: Comboios de Portugal, Transportes Aéreos Portugueses. Sabemos que as regras têm excepções...

A língua não é estática, é certo. Mas é também certo que se nos impõe defendê-la. Garantir-lhe o selo de natalidade. Que também ela possa receber o tão propalado “Portugal sou eu”. Pois que seja! Ser, verbo matricial, identifica pátria e língua na mundividência pessoana: “*A minha pátria é a língua portuguesa*”.

A VIAGEM DE COMBOIO DE PARIS A TORMES, SEGUNDO EÇA DE QUEIRÓS, EM “A CIDADE E AS SERRAS”

Por António Vasconcelos

Quando há algum tempo viajava na linha do Douro, reparei que na estação de Aregos, tinha sido colocada uma placa com a indicação “Tormes”. Lembrei-me então que a dita placa se referia à Casa de Tormes, situada a poucos quilómetros dessa estação, e onde se desenrola uma parte importante do enredo do romance “A Cidade e as Serras”, de Eça de Queirós. Uma parte interessante deste romance é a descrição que é feita da viagem de comboio desde Paris até Tormes, no final do século XIX.



O livro, obra póstuma de Eça de Queirós, publicada em 1901 (o escritor falecera em agosto 1900), relata dum modo idílico e romântico, a história de Jacinto, homem de grande fortuna, nascido em Paris e pertencente à família da Casa de Tormes, freguesia de Santa Cruz do Douro, na zona de Baião.



Casa de Tormes

Vivia em Paris com o maior conforto, tendo dotado a sua residência no n.º 202 da Avenida dos Campos Elísios com todas as inovações existentes na época. Embora datada da década de 80 do século XIX, a sua casa já dispunha de luz elétrica, telefone, telégrafo, grafonola, aparelho de fazer gelo, montacarga (para trazer da cozinha para a sala de jantar os pratos confeccionados) e o quarto de banho já dispunha de água canalizada, quente e fria.

É bom recordar que certamente Eça de Queirós deveria sentir-se muito impressionado com o extraordinário desenvolvimento técnico que havia em Paris, cidade onde residia, dadas as suas funções oficiais de cônsul de Portugal em Neuilly.

Essa época coincidiu com a realização da Exposição Universal de Paris (1889), da qual ficou como ex-libris a Torre Eiffel. Nessa Exposição foram apresentadas muitas invenções que iriam transformar radicalmente o quotidiano das nossas vidas. Paris era nessa época o centro do Mundo! Jacinto começa a encher-se de tédio com tanto conforto e civilização e decide regressar a Tormes, terra de seus antepassados, na companhia de seu amigo José Fernandes, aproveitando o pretexto dum problema familiar. Jacinto regressa assim à natureza, embora com uma vida bastante mais desconfortável, mas cheia de encanto, beleza e autenticidade. O livro é um elogio da vida campestre, com todas as suas alegrias rurais.

A Casa de Tormes ainda hoje é propriedade da família de Eça de Queirós, através da Fundação Eça de Queirós. O autor visitou-a pela primeira vez em 1892, alguns anos antes de escrever “A Cidade e as Serras”. Infelizmente a morte surpreendeu-o antes de poder passar aí os últimos anos de sua vida.

A viagem de comboio relatada no capítulo VIII foi certamente inspirada na citada viagem que Eça fez a Tormes. A viagem está repleta de peripécias. Entre outras, acontece o extravio, em Medina del Campo, das 23 malas que Jacinto traz consigo e dos 30 caixotes cheios de livros e outros objetos pessoais. Felizmente, tudo acaba por chegar, embora com algum atraso.

Segundo a obra que estamos a citar, Jacinto e o seu amigo José Fernandes partem de Paris, ao entardecer num sábado de março, da gare de Orleans, atualmente designada por gare de Austerlitz, numa carruagem salão escolhida pessoalmente pelo nosso personagem. Passam por Orleans, Bordeaux, Biarritz, até à fronteira francesa Hendaia. Já em Espanha, em Irun, mudam para outro comboio, devido à diferença de bitola das duas redes, e rumam na direção de Medina del Campo.

Aí têm novamente de mudar para o comboio de Salamanca e em La Fuente de San Esteban, seguem pela linha da Fregeneda até Barca de Alva que os levará até à fronteira portuguesa e daí até à Régua e por fim a Tormes (Aregos), onde chegam cansados, depois de uma longa viagem, com duas noites passadas no comboio.



Estação de Austerlitz

As referências ferroviárias da viagem são escassas e imprecisas, havendo importantes omissões como o nome da fronteira por onde entraram em Portugal e a ausência de descrição da extraordinária paisagem do vale do Douro, por onde passaram os seus personagens. No entanto, o nosso livro cita uma paragem na estação da Régua ao amanhecer, a 25 km de Aregos, o destino final desta viagem.

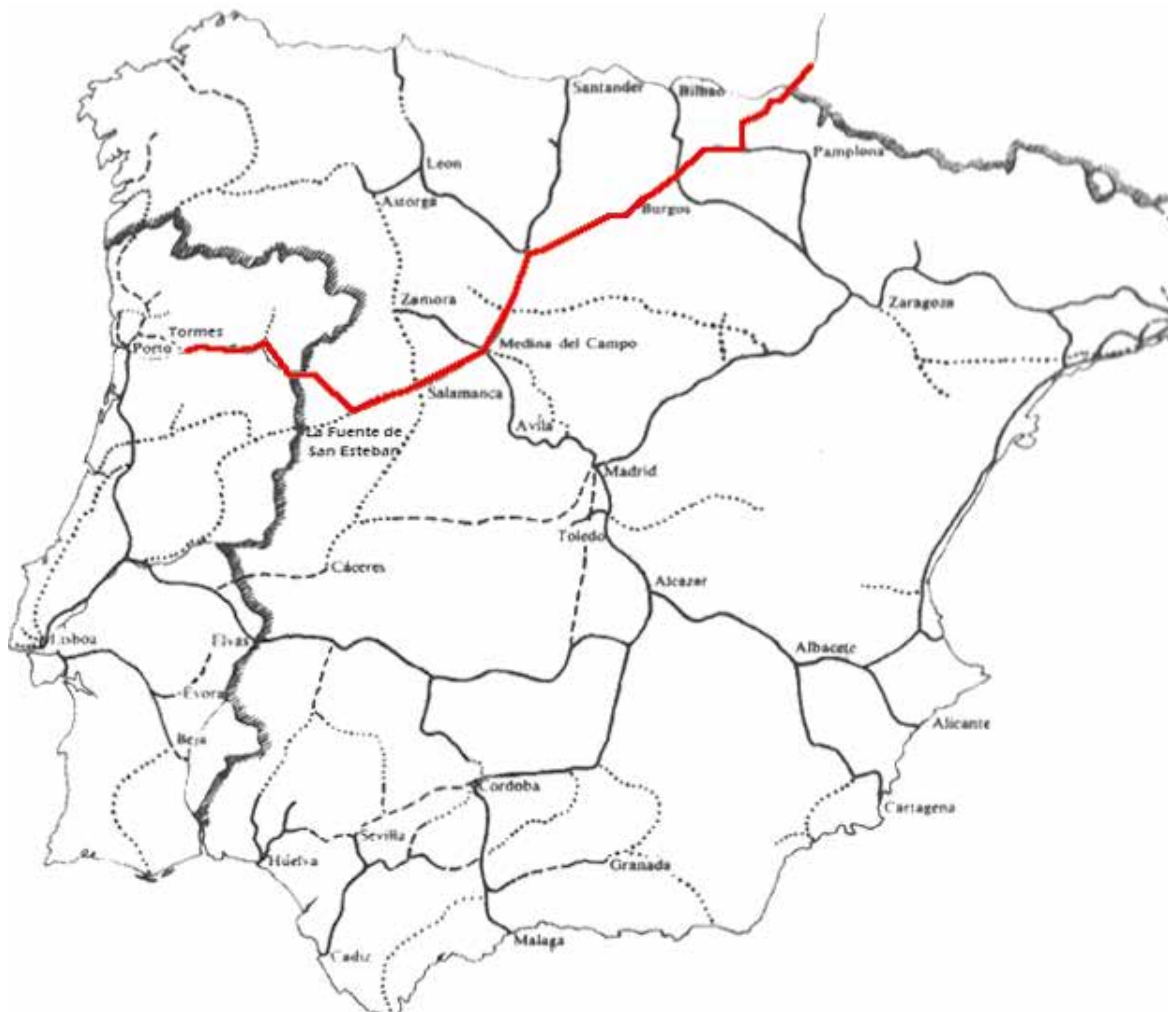
Também não há qualquer referência ao Sud-Express, que começou a circular entre Paris e Portugal, em novembro de 1887.

O estilo de Eça de Queirós é muito direto e saboroso, como o episódio da apressada mudança de comboio em Medina del Campo, em plena noite de lua cheia, em que quase chegam a perder a ligação que os levaria até ao seu destino.

Vamos de novo viajar com Jacinto e contar aos leitores aquilo que não está contido no livro.

No final do século XIX, época em que se desenrola a ação, o Caminho de Ferro atravessava um período de grande desenvolvimento, mobilizando grandes capitais e massas humanas na sua construção.

A viagem dos nossos personagens, de acordo como o livro, segue em Espanha por Medina del Campo, Salamanca, Fuente de San Esteban, e depois pela linha da Fregeneda até Barca de Alva e finalmente pela linha do Douro da Régua até Aregos. Este trajeto é pouco conhecido e parte dele está atualmente desativado.



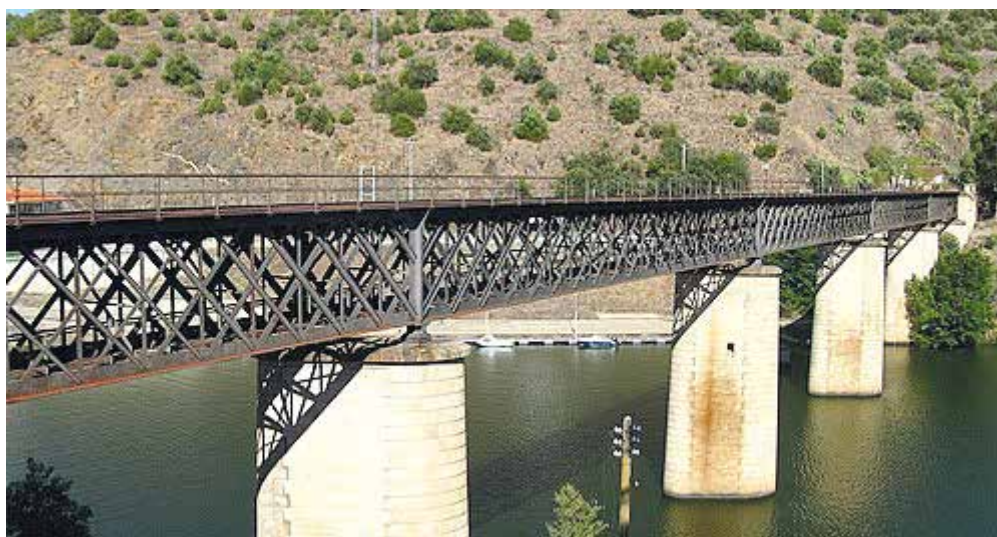
Trajeto em Espanha

A linha da Fregeneda

A linha do Douro chegava ao seu terminus (Barca D'Alva) em dezembro de 1887, ao fim de 12 anos de esforçados trabalhos. No mesmo ano era também inaugurada a linha Barca D'Alva - La Fuente de San Esteban (habitualmente designada por linha da Fregeneda), que entroncando na linha Salamanca - Villar Formoso, permitia às gentes do Norte poupar algumas horas na ligação a Paris, evitando a volta pela Beira Alta, com passagem pela Pampilhosa e Vilar Formoso.

Dado o pouco interesse dos espanhóis nessa ligação, acabou por ser financiada por um sindicato bancário portuense

Esta linha mede 77 Km de extensão e o seu trajeto é um dos mais difíceis e grandiosos de Espanha. No primeiro troço de 17 Km, foi necessário construir a ponte internacional sobre o rio Águeda, 20 túneis e 13 pontes, para vencer o desnível de 328 m, desde o rio Douro até ao planalto de Castela, com fortes rampas com uma inclinação média de 2%.



Ponte sobre o rio Águeda

Assim, a partir de dezembro de 1887 passou a haver uma ligação direta de Paris ao Porto através da linha da Fregeneda entrando em Portugal na linha do Douro em Barca D'Alva (a linha do Douro tinha chegado a Barca d'Alva no mesmo Ano).



Estação de Barca D'Alva

Este mítico comboio era inicialmente operado pela célebre *Compagnie Internationale des Wagons-Lits et des Grands Express Européens*, fundada pelo empresário belga Georges Nagelmackers.

Foi um extraordinário avanço nas ligações entre Paris e a Península ibérica, pois até aí só eram possíveis viagens de diligência ou de carruagem de cavalos.

No início, era um comboio de luxo, no qual viajou a fina flor da nossa sociedade, enquanto não havia o avião. Na década de 60 perdeu a sua aura e foi nele que viajaram os nossos emigrantes para França.

Com a entrada em serviço do TGV Atlantique, em setembro de 1990, desde a estação Paris Montparnasse até à fronteira francesa de Hendaia, a viagem de comboio Lisboa - Paris passou a fazer-se em 23 horas.

Nota: O SUD Express foi suspenso a 17 de março de 2020, devido à pandemia do COVID-19

Sugestões de leitura

- *A cidade e as Serras, de Eça de Queirós, edição Livros do Brasil, Lisboa, 2016*
- *Os comboios de Portugal, Volume I, José Ribeiro da Silva, e Manuel Ribeiro, linha internacional de Barca d'Alva- la Fregeneda - Salamanca, Terra Mar 2004*
- *Os comboios de Portugal, Volume II, José Ribeiro da Silva, e Manuel Ribeiro, linha internacional Lisboa - Paris, Terra Mar 2007*

14/12/2025

MEMÓRIAS DOS MEUS ANOS NA UNIVERSIDADE DO PORTO, DE OUTUBRO 1955 A JULHO 1961

Por António Vasconcelos

Aos meus Pais José e Isaura

Os meus estudos na Universidade do Porto tiveram início em outubro de 1955 e terminaram em julho de 1961.



Figura 1 - Edifício da Faculdade de Ciências

Foram seis anos extraordinários a vários níveis, que marcaram toda a minha vida futura em vários aspetos e dos quais tenho gratas memórias:

- A formação escolar, profissional e humana, tais como a obtenção da licenciatura em engenharia eletrotécnica;
- Outros acontecimentos relevantes, como a isenção de serviço militar, o estágio no Algarve em 1960 e a viagem de estudo de finalistas a Berlim em 1961, a carta convite da Efacec e as atividades na JUC;
- Vivia-se um ambiente desenvolvimentista traduzido pelas entradas em serviço do Metro de Lisboa, dos Troleicarros do Porto, da RTP e da Siderurgia Nacional, bem como os aproveitamentos hidroelétricos e a eletrificação dos Caminhos de Ferro, que eram muito falados nas aulas da FEUP;
- Também outros acontecimentos relevantes estão na minha memória, tais como, o lançamento do Sputnik, a visita da Rainha Isabel II a Portugal, a campanha Presidencial de 1958 e o início da Guerra colonial.

Durante estes seis anos estive alojado em 3 casas diferentes: em casa dos Tios maternos, em Santo Ovídeo, Vila Nova de Gaia; no Porto, num apartamento dos meus Pais, na Rua do Conde de Vizela com os meus irmãos, e, por último, também no Porto em casa dos meus Pais, na Rua de Santos Pousada,

A cidade do Porto

Até vir estudar para a Universidade do Porto, só conhecia o Porto na altura do Natal. De facto, até 1951, os Natais eram passados em casa do Avô Andrade, na rua da Alegria, e depois de ele ter falecido, em casa dos Tios Neusa e Cândido, em Vila Nova de Gaia. Nessa época festiva, os meus Pais e as Tias Iracema e Celeste mostravam-nos a cidade e passeávamos de eléctrico.

Até então, somente tinha vivido em terras muito mais pequenas, como Guimarães e Vila Real. Logo que cheguei comecei a descobrir a cidade e passear de carro eléctrico com uma enorme curiosidade. Um dos passeios preferidos era a linha marginal nº1 até à Foz do Douro e Matosinhos.

A escolha do curso de engenharia

Passados tantos anos, tenho alguma dificuldade em saber a razão de não ter hesitado em escolher Engenharia, sabendo que não havia outro engenheiro na família: o meu Pai era professor de românicas do ensino secundário e minha mãe era farmacêutica. O meu irmão Jorge seguiu Medicina e as minhas irmãs Iracema e Nazaré foram professoras do ensino secundário (biologia e línguas, respetivamente). Certamente ajudou nesta decisão o facto de gostar de matemática, razão pela qual, no 3ª ciclo, optei pela alínea F. Dentro da engenharia, escolhi ser engenheiro Eletrotécnico, pois nessa época tinha mais saídas profissionais do que a de Mecânica.

Em outubro de 1955 (com 17 anos) inscrevi-me no 1º Ano do Curso preparatório de Engenharia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (na Praça dos Leões), tendo ficado hospedado na casa dos meus Tios Maternos, em Vila Nova de Gaia, no Largo da Feira, em Santo Ovídio,

A deslocação para o centro do Porto era no eléctrico 13, com paragem junto da então fábrica de meias Bosch e Baylina. Ao passar a ponte Luís I, ficava sempre extasiado com a deslumbrante vista para o rio, com barças e navios a movimentar mercadorias no porto do Douro, entre os quais um totalmente pintado de branco.



Figura 2 - Carro eléctrico na ponte

A vida escolar

Foi bastante difícil a adaptação à Faculdade, dada o sistema pedagógico com aulas teóricas e aulas práticas em que tínhamos de escolher os horários num contacto muito distante entre o professor e o aluno. As teóricas eram dadas em grandes anfiteatros e era difícil tomar apontamentos. A solução era estudarmos em conjunto com alguns colegas. Tinha a sensação de estar perdido num mundo novo e com muita angústia. Com o tempo a situação foi melhorando, os exames eram um problema crítico e, dada a minha fraca oralidade, procurava, sempre que possível, dispensar da prova oral.

Nunca perdi um ano, mas tive notas muito irregulares, desde 11 a Física a 18 nas cadeiras de Eletrotécnica Teórica, Máquinas Elétricas, Eletrónica Teórica e Telecomunicações, todas na FEUP.

Fevereiro de 1956: A disciplina de Elementos de Física Atómica era dada no primeiro semestre do 1º ano, pelo Professor Carlos Braga. Fiquei muito admirado e feliz por ter sido dispensado da prova oral, devido a ter nota de 15 valores na prova escrita e assim começar bem os estudos

Ano letivo 1957/1958: A disciplina de Mecânica Racional era dada nessa época na Faculdade de Ciências pelo Professor Rodrigo Sarmiento Beires, que tinha fama de ser muito exigente, pelo que bastantes alunos reprovavam. Por esse motivo, muitos colegas optavam por ir fazer esta cadeira na Universidade de Coimbra com o Professor Pacheco de Amorim. No entanto, decidi continuar no Porto e preparei os exames com o colega e meu amigo de longa data José Manuel Mesquita Ramos.

Tudo correu bem e obtive a classificação final de 15 valores. O Assistente era o Dr. Manuel Miranda, pessoa muito especial, mas muito importante na minha formação intelectual e na capacidade de resolver problemas matemáticos e afins.



Figura 3 - Professor Rodrigo Sarmiento de Beires

Outros professores marcantes: na Faculdade de Ciências foram o Eng. Guilherme Ricca Gonçalves, regente da cadeira do 1º ano, de Geometria Descritiva, que era administrador da Efacec, e o Professor Manuel de Barros, de Topografia.

As aulas práticas desta cadeira eram dadas no Observatório do Monte da Virgem e eram muito interessantes com o contacto da natureza a medir distâncias com teodolitos.

Também me recordo dos distintos Professores Arnaldo Madureira e José Araújo (dos vinte), doutorado em Manchéster.

Na FEUP para além do Diretor, o Professor Correia de Barros, pessoa muito distinta e grande pedagogo, posso citar os Professores Armando Campos e Matos (Resistência de materiais), Carlos Carvalho (Máquinas Elétricas), Vélz Grilo, Diogo de Paiva de Brandão, José Valle e Manuel Jazelino.

Também me lembro do prestigiado Reitor Amândio Tavares, Professor de Medicina que exerceu este cargo desde 1945 até 1961.

Colegas e amigos do meu tempo:

Passo a citar: José Mesquita Ramos, Benjamim Santos, António Pinto de Carvalho, Jardim Gonçalves, Mário Lucrecio Correia, Eduardo Martins da Silva, Fernando Condesso, João Miranda Rosas, José Fernando Bettencourt, Palermo de Faria, José Pereira Osório, João Barreto. E também o António Fontes, Francisco Alvelos, Nuno Temudo, Sousa Pinto, Fernando Abrunhosa de Brito, José Manuel Garcia, Daniel Pinto, Virgílio Seisdedos (todos infelizmente já falecidos).

Um tema atual dominava as aulas na FEUP: as centrais hidroelétricas da HICA e Hidouro, cujas sedes estavam no Porto. Pela HICA já tinham sido construídas as centrais de Vila Nova (1945), Salamonde (1953), Caniçada (1955) e Paradela (1956). Estava em construção a do Alto Rabagão, que seria concluída em 1964. Mais tarde, acompanhei este tema através dos contactos com o meu amigo Eng. Sousa Pinto, que trabalhava nessa empresa.

Na Hidouro, a barragem do Picote tinha entrado em serviço 1958, a de Miranda do Douro em 1960 e estava em construção a barragem de Bemposta. Foi uma autêntica epepeia nacional.

Em 1956, colaborei na redação de uma “Sebenta” da cadeira do 2º ano “Probabilidades, Erros e Estatística”, em parceria com um meu colega. Esta cadeira era nova e como tal não havia livros de apoio. Foi uma pequena aventura e um grande erro. Perdi muito tempo e ganhei pouco dinheiro, pelo que nunca mais repeti esta experiência.

Na época, era usual os alunos estudarem com o apoio de Sebentas, que depois eram vendidas após o exame. Ainda guardo como recordação a Sebenta de Resistência de Materiais do Professor Campos e Matos.

Quanto a livros, eram muito caros e só me lembro de ter comprado os livros “Resistência de Materiais”, de Stephen Timoshenko, e “Princípios de teoria da eletricidade”, de Karl Kupfmuller.

Em maio de 1956, quando tinha quase 18 anos, fiz a inspeção para o Serviço Militar e fiquei livre, dada a minha fraca robustez física. Nessa época ainda não tinha começada a guerra de Angola (que haveria de começar em março de 1961) e como tal os critérios de seleção eram menos exigentes. Assim, não fui chamado para a guerra. Já meu irmão Jorge que era médico, esteve em Moçambique

De 18/20 de fevereiro de 1957 ocorreu a visita da Rainha Isabel II e seu marido, o Príncipe de Edimburgo, a Portugal, cinco anos depois de ter sido entronizada. Esta visita teve muito impacto em Portugal, com grandes festejos por onde passou. A Rainha Isabel II veio ao Porto no último dia da visita, mas não me lembro de ter visto o cortejo. Foi a primeira grande reportagem da RTP. Em Lisboa o casal real viajou num coche (a Carruagem da Coroa), puxada por 6 cavalos. Esta viatura pode ser vista no novo Museu dos Coches.

Em 4 de outubro de 1957 dá-se o lançamento, pela União Soviética, do Sputnik, o primeiro satélite artificial da Terra. Este tema foi muito discutido nas aulas e os Professores explicaram como aconteceu este marco histórico na vida Humanidade e sua importância futura. Daí em diante acompanhei a corrida espacial, que culminou com a descida de dois homens na Lua, em julho 1969, viajando na nave americana Apolo 11.

14 de maio 1958: Entusiástica recepção ao general Humberto Delgado quando chegou ao Porto vindo de comboio de Lisboa.

Foi uma das maiores apoteoses da sua campanha eleitoral para a Presidência da República. A eleição foi ganha a 8 de junho pelo Almirante Américo Tomas, apoiado pelo regime de Salazar.

Em maio de 1958, durante a Queima das Fitas fui de boleia à Garraiada, em Viana do Castelo, com os meus colegas da Faculdade de Ciências, o Pereira Osório e outros. Depois viemos ao entardecer de comboio até ao Porto, embarcando em Darque, pois não arranjam boleia no regresso. Obviamente os meus tios já estavam muito aflitos com a demora do sobrinho em chegar a casa. Claro que nunca mais repeti a experiência.

30 de junho 1958: Eletrificação dos Caminhos de Ferro Portugueses no sistema 25 KV. 50 Hz-troço Santa Apolónia - Entroncamento (havia de chegar a Campanhã em novembro de 1966).

Em outubro de 1958 inscrevi-me no 4º Ano do Curso de Engenharia Eletrotécnica, da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, na Rua dos Bragas. (atualmente Faculdade de Direito).



Figura 4 - Edifício da Faculdade de Engenharia

Em julho de 1959 fiz o 1ª estágio escolar nos STCP, na estação de recolha da Carcereira, dedicado ao sistema de comando dos novos troleicarros ingleses BUT, (tinham entrado em serviço em janeiro desse ano).

Julho de 1959: O Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, foi impedido pelo regime de Salazar de regressar a Portugal, com grande desgosto de todos os democratas. Era uma pessoa extremamente culta e afável e com uma mentalidade muita aberta ao social. Daí a hostilidade do regime para com ele. Só regressou a Portugal dez anos depois, 1969, já com Marcelo Caetano. Cheguei a conhecê-lo e a ouvi-lo em várias ocasiões.

Em setembro de 1959 o meu Pai foi colocado no Liceu Alexandre Herculano, no Porto. Assim os Pais regressaram de Vila Real e vieram viver para o Porto, em andar alugado na Rua de Santos Pousada.

Em agosto de 1960 fiz o 2ª estágio escolar na CEAL (Companhia Elétrica do Alentejo e Algarve), com o primo Eng. António Moura, então diretor dessa empresa. Fiquei hospedado na casa dos primos em Loulé.

Nessa época, o Algarve estava a ser eletrificado e assim viajava muito com o primo dum extremo ao outro, a ver as obras e reparar avarias na rede elétrica

Na ida fui com eles, de automóvel, e, no regresso, vim de comboio até Lisboa, onde passei uns dias. Depois segui pela linha da Beira Alta, até à estação de Oliveirinha e apanhei o autocarro até Silgueiros (perto de Viseu) onde a família estava a passar férias.

Foi assim a primeira grande viagem que efetuei fora do Porto e a estadia em Lisboa foi uma grande novidade.

Março de 1961- Início da Guerra Colonial em Angola.

Todos ficamos chocados com estes terríveis acontecimentos que iriam continuar até à Revolução dos Cravos, em 1974.

20 março a 15 de abril de 1961 - Viagem de estudo de finalistas de comboio a Berlim (13 colegas, acompanhados pelo Prof. Rui Conceição Nunes e sua mulher). Visitamos as empresas BBC, Siemens, AEG, ACEC e Alstom e as cidades de Geneve, Baden, Zurich, Munich, Berlim, Charleroi, Bruxelas e Paris. Foi um deslumbramento a visita à Cidade Luz, orientada por um guia do Turismo universitário contratado para este efeito.

14 de maio de 1961: Batismo de voo, com o colega Huete Bacelar, numa avioneta monomotora de 2 lugares, Piper Club J3, (CS-AAQ) do Aeroclube do Porto, com embarque no aeroporto de Pedras Rubras. Uma bela experiência.

Os meus Pais não gostaram mesmo nada de não terem sido avisados antecipadamente.



Figura 5 - Avião piper

Maio de 1961 - Queima das Fitas

Não tenho grande lembrança destas festas de finalistas, mas tenho fotos de mim próprio com cartola e bengala com colegas, nas escadarias da FEUP.

No livro de curso, a caricatura era fundamental para ilustrar a página dedicada ao finalista e era colocada do lado direito. No meu caso, o caricaturista escolheu uma vista de perfil, sem motivos acessórios, e da qual nunca gostei.

Dos testemunhos que constam do livro saliento os de meus Pais, o da minha Madrinha (Tia Celeste) e o da Milai.

Também os meus colegas Xico Alvelos e Zé Rebelo escreveram uma pequena paródia, dizendo que “entra insinuante e calado e depois não se cala mais”.



Fig 6 - Minha caricatura



Figura 7 - Na Queima das Fitas



Figura 8 - Na Queima das Fitas

A Bênção das Pastas

Para os estudantes católicos, um dos pontos altos da Queima era a Bênção das Pastas organizada com muito cuidado pela JUC e JUCF. A Missa era presidida pelo Bispo do Porto na Sé Catedral.



Figura 9 - Na Bênção das Pastas

15 de maio de 1961 recebi convite para trabalhar na Efacec, (conjuntamente com o meu colega, Pinto de Carvalho). A carta de convite era assinada pelo Eng. Manuel Viegas, Chefe de Divisão da Soprel. Uma das condições foi estarmos livres do Serviço Militar. Aceitei este convite e comecei a trabalhar a 4 de setembro na Divisão de Elevadores, pelo que, nunca procurei emprego, tendo me reformado na mesma empresa, no final de 1997.

O gosto pela Música

Quando estive em Vila Real tinha tido aulas de piano com uma professora particular. Quando cheguei ao Porto, comecei a frequentar com amigos grandes espetáculos musicais, entre os quais o Messias de Haendel. Em junho de 1960, participei no 4º Festival Gulbenkian de Música, no Teatro Rivoli, de que guardo ainda o programa. No último dia do Festival ouvimos a 9ª sinfonia de Beethoven!!

Também me recordo de um curso breve de História da Música, dado pelo eminente musicólogo João de Freitas Branco.

Visitar obras

Sempre que possível ia visitar importantes obras que então se estavam a desenrolar. Desde 1957 acompanhei muito de perto as obras da ponte da Arrábida na companhia de meu Pai, obra que seria inaugurada em 1963.

Ver passar os comboios

Já nessa altura tinha muito interesse por comboios. Ia muitas vezes ver partir da estação de São Bento para Lisboa o comboio rápido (o “Foguete”). Lembro os ruidosos motores diesel a trabalhar deste comboio da Fiat e as muitas pessoas importantes a nele entrar. Dispunha de ar condicionado e de uma classe única: a primeira classe. Lamento não ter tido a oportunidade de viajar neste mítico comboio.



Figura 10 - Comboio Foguete na ponte Maria Pia

Os Troleicarros do Porto

Acompanhei muito de perto o lançamento desse inovador modo de transporte.

Recordo que avistei os Troleicarros pela primeira vez em outubro de 1958. Foi numa janela do Hospital da Carcereira, onde tinha sido operada uma familiar.

Encontravam-se na estação de recolha dos STCP, com o mesmo nome, cobertos por toldos, pois tinham acabado de chegar de Lisboa, onde foram carroçados na UTIC. Eram 20 unidades do fabricante inglês BUT.

Entraram em serviço em janeiro de 1959, com duas carreiras: a 33 e a 35.

Em maio do mesmo ano, chegaram a Vila Nova de Gaia, para Santo Ovídeo, e às Devesas, com 4 carreiras: 31, 32, 36 e 37. Deste modo acabou a quase centenária carreira do elétrico 13, no qual tantas vezes viajei.



Figura 11- Troleicarros

Mal sabia eu que, uns vinte cinco anos mais tarde, em 1982, ficaria responsável pelos sistemas elétricos de tração Efacec dos 45 Troleicarros Caetano-Efacec, encomendados pelos STCP e SMC.

Os Campos de férias no mosteiro de Singeverga.

Particpei com muito entusiasmo nas atividades da JUC (Juventude Universitária Católica) e tenho muito boas recordações dos seus Campos de férias. Íamos de comboio na linha de Guimarães até à Vila das Aves e depois seguíamos muito divertidos numa carrinha de caixa aberta do Mosteiro de Singeverga dos Beneditinos. Dormíamos numa enorme camarata com muitas camas lado a lado e o tempo era preenchido com atividades lúdicas, de formação e de convívio.

Durante o mesmo tempo, foi lançado o jornal policopiado Poynto-nível, num estilo académico e cheio de humor.

Não me esquecia de comprar o famoso licor de Singeverga para oferecer aos meus Pais.

A sede da JUC era na rua de Cedofeita, 376, onde também funcionava um Lar de estudantes universitários.

Nessa época, a JUC era presidida pelo Américo Santos e depois pelo Jorge Jardim Gonçalves, tendo como assistente o padre Zacarias de Oliveira.

Em 1958 surgiu a revista “Encontro” da JUC, tendo como diretor João Salgueiro, nela colaborando entre outros João Bernard da Costa, Pedro Tamen e Nuno Portas, que iriam marcar a vida política e empresarial após a Revolução de Abril.

Em dezembro de 1959, participei com muito entusiasmo no X Encontro Nacional de Dirigentes da JUC/ JUC F, em Fátima.

Em 30 de junho de 1961, concluí o Curso de Engenharia Eletrotécnica com a classificação final de 15 valores.

Quando entrei em casa, dei essa grande alegria aos Pais, mas, ao mesmo tempo, senti um vazio e inquietude em relação ao futuro embora já tivesse emprego na Efacec.

Terminou assim uma longa vida escolar que tinha começado na escola Primária de Creixomil em Guimarães, aos 6 anos de idade.

10/11/2025

CASIMIRO DE ABREU E A ILUSTRAÇÃO LUSO-BRASILEIRA

Por Isabel Ponce de Leão



A passagem de Casimiro de Abreu por Portugal, se bem que fugaz – uns escassos quatro anos –, deixou marcas que não devem ser ignoradas quer no estudo da sua poética, quer nas relações estabelecidas com escritores portugueses. Tal se deve, em parte, à sua colaboração ativa no I Volume do periódico *A Ilustração Luso-Brasileira* de onde resultou a divulgação em Portugal do seu génio poético, bem como um estreitar de relações com escritores e intelectuais portugueses colaboradores ou não deste jornal literário.

Naturalmente que a situação levanta o problema do seu (re)conhecimento deste lado do Atlântico se não tivesse colaborado na referida publicação. Ignorado nunca teria sido, pelo menos pelas elites culturais ligadas ao romantismo, mas seria ainda mais desconhecido do grande público, ainda que, paradoxalmente, a sua produção agrade sobretudo aos que pedem pouco à literatura.

Há, pois, que fazer justiça às revistas e jornais literárias que em muito contribuíram para a divulgação de certos nomes e estéticas. Este tipo de publicações está diretamente ligado à sociologia da criação, enquanto afirmação grupal, e à da receção, enquanto criação de espaços de divulgação. Nelas se define o *locus* de confirmação e de encontro de criadores já reconhecidos e daqueles que procuram o reconhecimento de forma individual ou coletiva facilitando, obviamente, os mecanismos de produção em grupo como sejam o estímulo mútuo, a hetero-correcção, a hetero-formação bem como a partilha de ideais estéticos. De facto, são muitos os autores que, ao longo da História da Literatura, se deram a conhecer através de revistas e jornais literários prosseguindo ou não, posteriormente, um caminho estritamente individual. Tal depende do génio e das condições de produção e de receção a que, presentemente, não serão alheias determinadas técnicas de *marketing*.

A Ilustração Luso-Brasileira, Jornal Universal foi publicada em Lisboa pela primeira vez a 5 de Janeiro de 1856 e tinha como público-alvo leitores portugueses e brasileiros. Era seu objetivo a promoção das letras e das artes e a divulgação de conhecimentos de índole vária. Publicava poesia, ficção, ensaio crítico, texto noticioso, notas bibliográficas que acompanhava com ilustrações e retratos. Tinha uma periodicidade semanal e a sua publicação estendeu-se até ao fim de 1859, ainda que tivesse sido suspensa em 1857 devido à escassez de papel. Neste espaço temporal foram publicados 3 volumes.



Editada pelo tipógrafo António José Fernandes Lopes, também editor do jornal literário *O Panorama* (1837-1868), o jornal ou revista (encontrei as duas designações) tinha uma seletiva lista de colaboradores portugueses de que destaco Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Lopes de Mendonça, Mendes Leal Júnior, Raimundo António de Bulhão Pato, Francisco Duarte de Almeida e Araújo, Luiz Augusto Palmerim admitindo e desejando também colaboradores brasileiros. Por questões que se prendem com limitações de ordem vária, mormente a distância geográfica dos dois países e a dificuldade comunicacional nestes meados do século XIX, Casimiro de Abreu, que estava em Lisboa desde 1853, foi, aos 16 anos, o único escritor brasileiro a fazer parte do seu corpo redatorial durante o ano de 1856, ficando o seu nome ligado apenas ao I Volume.

Poder-se-á questionar o protagonismo dado pelo editor a um escritor considerado médio com uma pequena produção em tudo inferior à dos seus antecessores / contemporâneos Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo ou Junqueira Freire. A verdade é que, como é recorrente, se verifica aqui uma permuta de interesses. António José Fernandes Lopes legitimava os objetivos e o título da revista com o nome do brasileiro Casimiro de Abreu. Este, por sua vez, tinha acesso a uma série de afamados escritores inscrevendo o seu nome na cena literária portuguesa com a publicação de 11 poemas e 3 capítulos do romance *Camila*¹:

Ilustração Luso-Brasileira	Textos de Casimiro de Abreu
n.º 16	Poema “Minha Terra” *
n.º 17	Poema “Saudades” *
n.º 18	Poema “A Rosa”
n.º 19	Poema “Suspiros”
n.º 20	Poema “Rosa Murcha” *
n.º 22	Poema “Elisa”
n.º 23	Poema “ A Vida”
n.º 24	Poema “O Castigo” * “Cena íntima”
n.º 25	Poema “A Amizade”
n.º 26	I capítulo do romance <i>Camila</i>
n.º 27	II capítulo do romance <i>Camila</i> + Poema “Os meus sonhos”
n.º 28	III capítulo do romance <i>Camila</i>
n.º 52	Poema “Ilusão” *

¹ Dados colhido através da consulta da revista e confirmados pelo artigo de Henrique de Campos Ferreira Lima referenciado na bibliografia final.

Houve, pois, uma colaboração sistemática de Casimiro de Abreu entre os números 16 e 28 – apenas não publicou no número 21 – tendo mesmo protagonizado a página de rosto, normalmente ocupada por vultos já consagrados. Note-se, contudo, que apenas 5 poemas (*), de que a seguir me ocuparei, foram, posteriormente, inseridos na obra *As Primaveras* segundo um critério que o próprio define: “separei muitos cantos sombrios, guardei outros que constituem o meu – livro íntimo”. (Abreu, 1871: 70).

Quanto aos capítulos do romance *Camila*, a que foi dado grande protagonismo, têm a sua génese nas memórias do próprio autor. Trata-se de uma auto-ficção em que o eu vai de Lisboa ao Porto e se mostra fascinado com a cidade invicta – “pérola do Minho que se debruçava graciosa sobre a corrente ligeira do Douro” (Abreu, 1871: 229) – e com as “ribas pittorescas do Douro” (Abreu, 1871: 230). A sua importância está também no facto de estas *Memórias d’ uma Viagem*² ajudarem a reconstituir o deambular de Casimiro de Abreu por Portugal e, porque incompletas, aguçarem mais o interesse do leitor. Mas não só. Nelas se nota uma clara influência³ de Garrett quer na temática quer no estilo coloquial, com rasgos da irreverência característica do narrador de *Viagens*, no apelo sistemático a uma instância narrativa de segundo grau. Há igualmente em *Camila* uma preocupação constante com a entidade ficcional que é o narratário extradiegético – “Ah! É verdade; ia-me esquecendo de lhes dizer que este capítulo passa-se em Lisboa. Eu torno a principiar” (Abreu, 1871: 221) –, não só enquanto garante de verosimilhança, como também naquele jeito exibicionista que tanto marcou a geração romântica. Convoca ainda Casimiro de Abreu a parafernália de escritores franceses lidos à exaustão pelos escritores românticos portugueses. Suportam estes considerandos a introdução de *Camila* onde se pode ler:

Decididamente estamos na época dos romances. Está provado que não se póde passar sem elles; todos são necessários, porque todos são úteis. Uns, deleitam pela suavidade do estylo; outros, são excellentes narcoticos.

Este pertence aos ultimos, e se eu não estivesse convencido de quanta utilidade póde elle ser a um desgraçado que não durma há tres dias, de certo modo não o escreveria.

É verdade que incommódo horrivelmente os pacíficos cidadãos acostumados ás bellezas de Musset ou de Vigny, de Balzac ou Dumas, mas tenham paciência: é preciso provar de tudo. Unicamente para não se assustarem dir-lhes-ei que são apenas cinco ou seis capítulos.

Dado este cavaco, que fica servindo de prologo, eu principio. [Sic] (Abreu, 1871: 221)

Interessantemente os ilustres colaboradores de *A Ilustração Luso-Brasileira* não se detiveram sobre o nosso autor. Apenas Camilo Castelo Branco em *Cancioneiro Popular de Poetas Portugueses e Brasileiros* e *Noites de Insónia*, n.º 4 e Botelho de Andrade em *Quarenta Anos de Vida Literária* (carta dirigida a Teófilo Braga) o referem, mais pelo carácter que pela obra. Posteriormente

² Subtítulo do romance *Camila*.

³ Ao usar aqui o termo “influência”, não o faço com o cunho tradicionalista da “Escola Francesa”, outrossim dentro da perspectiva dos atuais estudos da Literatura Comparada. Perspetivo o texto na sua essência poética sem negligenciar a história contextual. Considero todos os textos em pé de igualdade sem quaisquer resquícios de superioridade, muito menos da superioridade europeia. O que pretendo deixar claro é que a literatura nasce de um constante diálogo dos textos seguindo a perspectiva intertextual a que alude Kristeva e longe da “angústia da influência” de que fala Harold Bloom. De facto, não é possível estudar um autor isolado; é necessário situá-lo por contraste ou comparação. Encaro aqui o texto, numa perspectiva jaussiana, enquanto objeto mutável por efeito das leituras que o transformam.

Pinheiro Chagas e Ramalho Ortigão prefaciariam algumas das várias edições de *As Primaveras*. Fico, pois, pelos poemas recuperados da revista para *As Primaveras*, e nas suas afinidades com autores portugueses, respeitando o critério autoral.

Quando o próprio Casimiro de Abreu escreve “Meu Deus! Que se há-de escrever aos vinte anos, quando a alma conserva ainda um pouco da crença e da virgindade do berço?” (Abreu, 1871: 70), reivindica e legitima, de certa forma, uma leitura carregada de benevolência. A referida benevolência não implica menosprezo, outrossim uma aposta na “promessa dos fructos de outomno” [*Sic*] (Abreu, 1871: 70) que, lamentavelmente, nunca chegaram a existir, uma vez que o poeta parte com 21 anos de idade.

Ora estas poesias, escritas em Portugal, são amplamente denunciadoras de vários parâmetros por que se deve pautar a sua leitura a saber: a idade do autor, a sua circunstância vivencial – bastardo e “exilado” da pátria – e as tendências estéticas predominantes no país de acolhimento. Depois, há que assinalar que Casimiro de Abreu “reduzia a natureza e o próximo a um ângulo visual menor: o do seu temperamento sensual e mineiro” (Bosi, 1995: 127). A sua poesia agradou sobretudo pela coerência manifesta e por “um ritmo cantante, uma expressão fácil, uma palavra brejeira” (Bosi, 1995: 128). Mas agradou a um público médio, pouco exigente que esqueceu ou ignorou escritores, que trataram os mesmos temas, como os já referidos Gonçalves Dias, Junqueira Freire ou Álvares Azevedo. Não quero com isto deixar de ressaltar a sua singularidade no “modo de compor, que remonta, em última análise, ao seu modo de conhecer a realidade na linguagem e pela linguagem” (Bosi, 1995: 127)

Os poemas que colhi foram escritos em Lisboa sendo datados de 1856, andava o poeta pelos 17 anos de idade. Por mais que a vida lhe tenha sido madrasta, agilizando um amadurecimento precoce, soam claros os vestígios de pós-adolescência, irreflexão e inexperiência que apontam para o que Pinheiro Chagas denomina “espontaneidade, ardor muitas vezes irreflectido, expansão fervente de todos os sentimentos que lhe abraçavam [*Sic*] a alma” (Abreu, 1871: 4) ou, em suma, “revelações de criança apaixonada” (Abreu, 1871: 3) que “desfolhava com as mãos febris as flores da sua dupla grinalda de poesia e juventude” (Abreu, 1871: 4).

Quanto às suas circunstâncias vivenciais, quero crer que “Casimiro de Abreu não viu nunca senão a face negra da vida” (Abreu, 1871: 5). Carregando o estigma da bastardia, sofreu também os horrores de um exílio precoce marcado pelo sentimento nativista e pelas saudades da família que a sua poética tão claramente manifesta, como bem refere Justiniano José da Rocha: “A saudade da pátria, a confiança nos destinos d’ella, a saudade da família, a lembrança do affago materno, do berço do irmão, tudo isto inspira o poeta; tudo que é sentimento terno acha-se no seu thesouro” [*Sic*] (Abreu, 1871: 16). São, acrescenta Pedro Luiz de Sousa, “cantos saudosos, aspirações queixosas de quem precisa para viver do embalsamado da sua terra” (Abreu, 1871: 19), confirmados, de resto, pelo próprio poeta que escreve: “nas ribas pittorescas do Douro ou nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei; a nostalgia me apagava a vida e as veigas risonhas do Minho não tinham a belleza magestosa dos sertões” [*Sic*]. (Abreu, 1871: 69).

Convive Casimiro de Abreu através das páginas de *A Ilustração Luso-Brasileira* com a chamada geração romântica portuguesa que desenvolve um movimento literário e cultural de longa duração⁴. Tal convivência está plasmada na sua poética através de práticas intertextuais explícitas e implícitas como sejam a epígrafe, a paráfrase, ou o *pastiche*. Note-se, contudo, que nela respira uma perfeita integração na 2.^a geração romântica brasileira sem que, com isso, as interferências portuguesas sejam postostas.

Os poemas a que me refiro – “Minha Terra”, “Saudades”, “Rosa Murcha”, “Ilusão” e “O Castigo”⁵ – recuperam marcas distintivas do romantismo português como sejam o individualismo, o subjectivismo, a idealização, o sentimento exacerbado, o egocentrismo, a identificação do estado de espírito com a natureza, o contraste entre o grotesco e o sublime e a liberdade formal; vão, no entanto, buscar ao romantismo brasileiro o indianismo, o nacionalismo e o ufanismo – distante, contudo, de qualquer vestígio lusofóbico⁶ – o vocabulário brasileiro, a religiosidade e o escapismo, este uma constante na poética de Casimiro de Abreu.

“Minha Terra” (Abreu, 1871: 74-77) e “Saudades” (Abreu, 1871: 77-78) são, sem dúvida, hinos de amor a uma pátria distante. Neles se encontra aquilo a que Velho da Silva chamou “saudades da pátria; a nostalgia poética” (Abreu, 1871: 49) evocadoras de passagens de *Camões*, de *Flores sem Fruto* ou de *Folhas Caídas* de Garrett:

Saudade! Gosto amargo de infelizes
Delicioso pungir de acerbo espinho (Garrett, 1963; 301)

Terra, a terra da pátria! (Garrett, 1963: 303)

Vira o Tejo suas águas cristalinas (Garrett, 1963: 309)

Lindo vale escuso e quieto
Que banhas os pés do Tejo
(...)
Tuas águas a correr,
A suspirar a tua brisa,
Os teus braços a gemer (Garrett, 1963: 138)

Ai! o negro dos montes erguidos,
Ai! o verde do triste pinheiro!
Que saudades que deles teremos... (Garrett, 1963: 198);

⁴ Refiro aqui a ideia de romantismo que José-Augusto França teoriza em *O Romantismo em Portugal* – um movimento que tem início por volta de 1920 e que ultrapassa os tempos da Geração de 70, vestigiando-se ainda no final do século XIX, princípios do XX, com o chamado Neo-Garrettismo e chegando mesmo a ser referenciado em poemas de Pessoa: “Produtos românticos, nós todos... / E se não fôssemos produtos românticos, se calhar não seríamos nada. / Assim se faz a literatura...” (Pessoa, 1981: 311).

⁵ Publicado em *As Primaveras* com o título “Scena Intima”.

⁶ Garantem esta afirmação passagens como “Um povo ergueu-se cantando / - Mancebos e anciãos - / E, filhos da mesma terra, / Alegres derão-se as mãos; / Foi belo ver esse povo / Em suas glórias tão novo, / Bradando cheio de fogo: / - Portugal! somos irmãos!” [Sic] (Abreu, 1871:76).

do Só de António Nobre

Saudade, saudade! palavra tão triste,
E ouvi-la faz bem:
Meu caro Garrett, tu bem a sentiste,
Melhor que ninguém! (Nobre, 1976: 69)

Ó Portugal da minha infância
Não sei que és, amo-te à distância,
Amo-te mais, quando estou só... (Nobre, 1976: 79);

ou da exaltação pátria de Luis Augusto Palmeirim

Desde então a minha terra
Foi só tudo para mim;
As crenças que o peito encerra,
Depôr-lhas aos pés eu vim.

É, porém, o amor, segundo Justiniano Rocha, “o que mais lhe faz vibrar o coração” (Abreu, 1871: 16). Casimiro de Abreu “tem a habilidade de fallar do amor quasi sempre, como d’ uma matéria nova. O canto do amor é melodioso e sublime” [*Sic*] (Abreu, 1871: 28) como é visível em “Rosa Murcha” (Abreu, 1871: 81-82), “Ilusão” (Abreu, 1871: 86-87) e “O Castigo / Scena Íntima” (Abreu, 1871: 105-107). Aqui recupera uma imagologia por vezes ultra-romântica, usando a retórica do eu como sábio artifício de ocultação de uma amarga auto-condenação nem sempre sentida, ao jeito de Bulhão Pato.

Não sabes que ao ver-te triste,
E pensativa a meu lado,
O rosto na mão firmado.
E os olhos postos no chão,
Calado, ancioso, anhelante,
Quero ler no teu semblante
A causa da dôr constante
Pois não basta o meu amor
Para te dar a ventura? [*Sic*] (Pato, 2008:7-8)

Offendi-te num momento
De terrível desvario;
Era o ciúme violento!
O rubor da castidade
A tua face affrontava,
E eu cego, eu perdido, ousava
Proseguir! oh! por piedade,
Por piedade, anjo do ceo,
Perdoa a quem te offendeu! [*Sic*] (Pato, 2008: 21-22);

o *locus horrendus* de Mendes Leal Júnior

Pálida e triste, a flor, medrada a custo
 Na fenda de um rochedo,
 Pendido o cálice, trémula vertia
 Como um pranto, em segredo!

Do vendaval cortada, foi seu fado
 Nascer, sorrir, findar!...
 Teve por salva o estrondo da tormenta,
 E por sepulcro o mar! (Leal, 1858: 130),

ou a simplicidade rítmica que tem paralelo em João de Deus.

Na temática amorosa coexistem, como se viu as cores alegres e sombrias. “No sorrir do mancebo”, diz Pedro Luiz de Sousa, aparece às vezes uma contracção irónica, um vislumbre de tristeza, fraco lampejo d’ alguma dôr secreta”. É então que jazem “flores spulchraes ao lado de flores festivas” [*Sic*] (Abreu, 1871: 18).

Trata-se de textos programáticos da poética breve de Casimiro de Abreu. Neles se encontram os temas prediletos que o identificam com o lirismo romântico como sejam as saudades pátrias, o gosto pela natureza, a nostalgia da infância, o temor da morte, a ingenuidade religiosa, e a idealização da mulher.

A esta simplicidade semântica vão dar forma versos que Pinheiro Chagas diz “rebeldes à lei do metro, uma folhagem parasita de methaforas que se lhe enroscava à roda das estrophes cinzeladas” (Abreu, 1871: 3) de forma amaneirada, mas que conseguem transmitir a cadência da inspiração. A simplicidade rítmica e rimática, a liberdade métrica e a lhaneza temática sublimam em débil ternura uma sensualidade pujante que faz esquecer o seu exagerado sentimentalismo e que levou Ramalho Ortigão a afirmar:

Desconhece os segredos da linguagem com que se enfeita a pobreza de espírito, não estudou em alheios moldes a fórmula em que tem de vaziar-se a inspiração, não aprendeu a mechanic de palavra nem o contraponto da versificação. Não é um génio desenvolvido nem um grande litterato; é uma grande alma e um grande infeliz. Não verseja, poeta; não canta, suspira-se, lamenta-se, chora. Diz-nos simplesmente o que sente, dá-nos em cada verso um sorriso ou uma lagrima; em cada estrophe um pedaço da sua alma, e, sem o querer, sem o pensar talvez, offerece-nos [...] o completo romance d’ um coração, um poema inteiro cujo heroe é o auctor (Abreu, 1871: 4)

Assim é, de facto. Mas que mais exigir de um poeta cuja breve vida foi ceifada aos 21 anos? Que mais exigir de alguém que carregando o complexo da bastardia sofreu desde cedo as agruras da migração, de alguém a quem coube viver tempos históricos conturbados com ódios à flor da pele e que, mesmo assim, sofreu resignadamente impregnando a sua poética de uma afectuosa lucidez de que dá conta em “Ilusão” (Abreu, 1871: 87):

Quando o astro do dia desmaia
Só brilhando com pálido lume,
E que a onda que brinca na praia
No murmúrio soletra um queixume;

Quando a brisa da tarde respira
O perfume das rosas do prado,
E que a fonte do vale suspira
Como o nauta da pátria afastado;

Quando o bronze da torre da aldeia
Seus gemidos aos ecos envia,
E que o peito que em mágoas anseia
Bebe louco essa grave harmonia;

Quando a terra, da vida cansada,
Adormece num leito de flores
Qual donzela formosa embalada
Pelos cantos dos seus trovadores;

Eu de pé sobre as rochas erguidas
Sinto o pranto que manso desliza
E repito essas queixas sentidas
Que murmuram as ondas co'a brisa.

É então que a minha alma dormente
Duma vaga tristeza se inunda,
E que um rosto formoso, inocente,
Me desperta saudade profunda.

Julgo ver sobre o mar sossegado
Um navio nas sombras fugindo,
E na popa esse rosto adorado
Entre prantos p'ra mim se sorrindo!

Compreendo esse amargo sorriso,
Sobre as ondas correr eu quisera...
E de pé sobre a rocha, indeciso,
Eu lhe brado: - não fujas, - espera!

Mas o vento já leva ligeiro
Esse sonho querido dum dia,
Essa virgem de rosto fagueiro,
Esse rosto de tanta poesia!...

E depois... quando a lua ilumina
 O horizonte com luz prateada,
 Julgo ver essa fronte divina
 Sobre as vagas cismando, inclinada!

E depois... vejo uns olhos ardentes
 Em delírio nos meus se fitando,
 E uma voz em acentos plangentes
 Vem de longe um - adeus - soluçando!

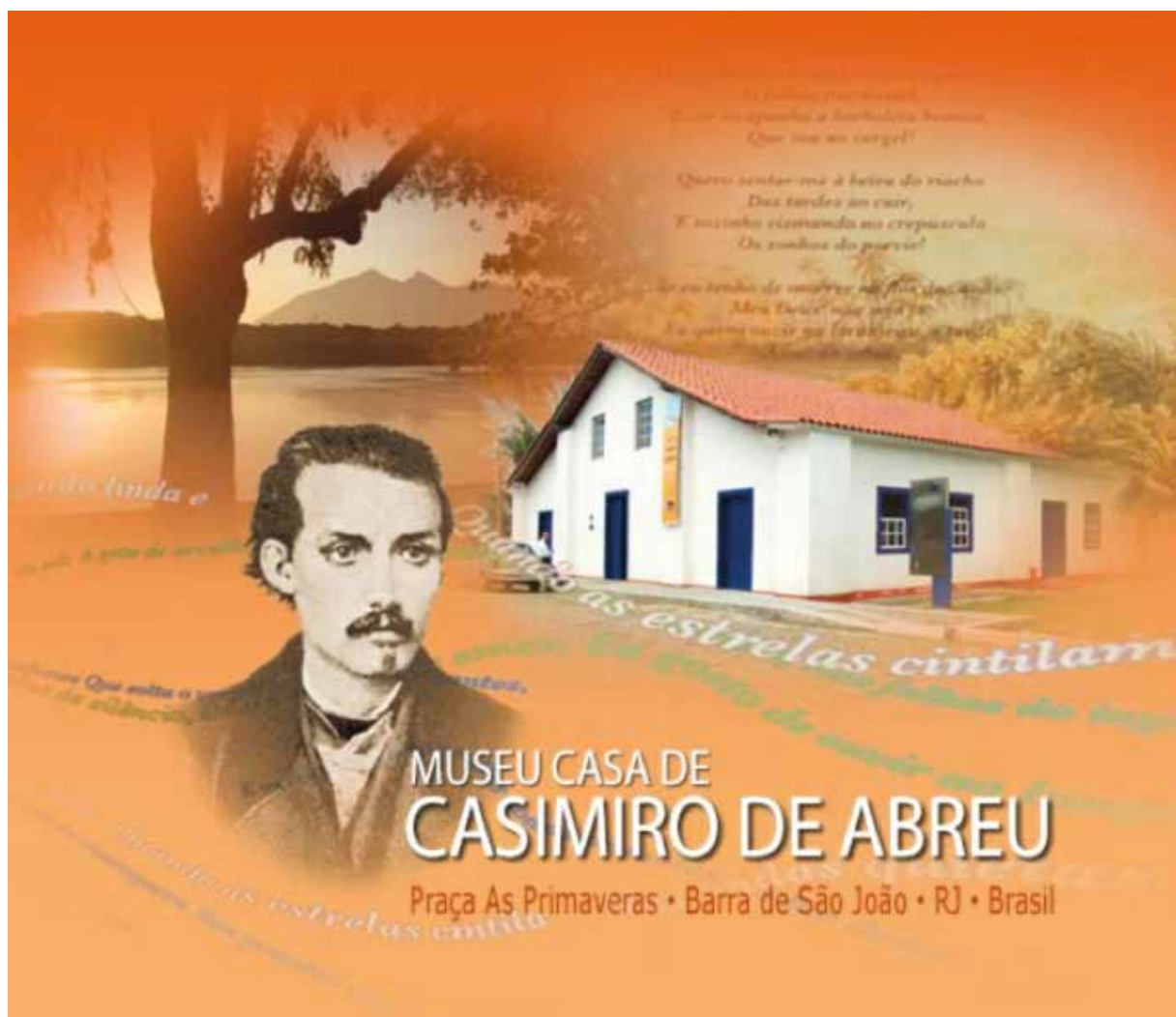
*

Ilusão!... que a minha alma, coitada,
 De illusões hoje em dia é que vive;
 É chorando uma gloria passada,
 É carpindo uns amores que eu não tive! [Sic]

Casimiro de Abreu fez mais do que lhe competia, “foi um d’ estes génios que parecem ter nascido poetas. Espírito de melancólica tristeza, porém forte e ativo, conservou-se puro até o instante de fechar os olhos” (Abreu, 1871: 55). Absorveu os valores geracionais, cooperou com *A Ilustração Luso-Brasileira*, estabeleceu pontes entre portugueses e brasileiros e deixou, em sinal de fraternidade, “os cantos do sabiá” (Abreu, 1871: 75), viabilizando a caminhada pela “alcatifa de flores” (Abreu, 1871: 77) de que a sua obra é feita. Deu e colheu. Assim se faz literatura, assim se faz poesia. Começou bem, acabou demasiado cedo.

E ainda que no Brasil os seus contemporâneos não se refiram com frequência à *Ilustração Luso-Brasileira*, a verdade é que foi através desta publicação que Portugal contactou com o Poeta de *As Primaveras* agilizando o facto de hoje o podermos estudar sem preconceitos de distinção entre poetas maiores e menores. Esta e outras publicações periódicas não podem ser descuradas, porque são o único meio de se fazer justiça a vultos cujo tempo deixou de nomear, mas que são parte integrante do nosso património literário e artístico.

Tentemos, com estas e outras reflexões, remediar aquilo que, como observou Henrique Campos Ferreira Lima (1939: 5), Director do Arquivo Histórico Municipal de Lisboa, não foi feito em 1939, ao passar despercebido o primeiro centenário do nascimento de Casimiro de Abreu, justamente em Portugal, país onde o poeta “compoz as suas mais belas poesias, inspiradas no exílio, pela recordação dos seus primeiros amores, e pelas saudades da pátria distante”. 2039 é já amanhã!



BIBLIOGRAFIA

- Abreu, C. (1871). *As Primaveras*. Lisboa: Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves.
- A Ilustração Luso-Brasileira: jornal universal*. (1856). Lisboa: António José Fernandes Lopes, Vol. I.
- Bosi, A. (1995). *História concisa da Literatura Brasileira*. S. Paulo: Editora Cultrix.
- Garrett, A. (1963). *Obras de Almeida Garrett*. Porto: Lello & Irmãos – Editores.
- Leal, M. (1958). *Cânticos*. Lisboa: Tipografia Panorama.
- Lima, H. (1939). Casimiro de Abreu em Portugal, 1853-1857. *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, Ano V, Vol. LVIII, pp. 5-12.
- Nobre, A. (1976). *Só*. Porto: Livraria Tavares Martins.
- Palmeirim, L. (2011). Poesia. <<http://viciodapoesia.wordpress.com/2011/06/09/luis-augusto-palmeirim-1825-1893-uma-arte-poetica-do-romantismo/>>.
- Pato, B. (2008). *Versos de Bulhão Pato*. [EBook #25840]. <http://www.gutenberg.org/catalog/world/readfile?fk_files=1542124&pageno=12>.
- Pessoa, F. (1981). *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.



A FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

A Fundação Eng. António de Almeida, reconhecida, por lei, em maio de 1969, tem fins artísticos, educativos e de benemerência e desenvolve atividade cultural intensa, nas áreas da arte, da educação e da ciência; realiza ou apoia colóquios, conferências, exposições e recitais de música, com a intervenção de intelectuais e artistas nacionais e estrangeiros. Edita e apoia a publicação de revistas e livros, com vista à promoção e divulgação da língua e cultura portuguesas.

“Um Humanismo Aberto à Transcendência” é a divisa da Fundação: traduz a filosofia subjacente à sua atividade, de harmonia com a formação intelectual e prática de vida do seu Instituidor, o Eng. António de Almeida. A Fundação respeita o pluralismo de ideias, afirma o humanismo personalista e transcendente; por isso, propõe-se contribuir e contribuir para a formação da pessoa, de modo a dotá-la com as virtudes da coragem, do trabalho, da honestidade, da tolerância e do saber inteligente, para que surja, assim, um humanismo fraterno e uma vida justa em sociedade.

A Fundação tem o seu Museu onde reúne várias peças colecionadas pelo Instituidor: de mobiliário, ourivesaria, têxteis, porcelanas, pinturas, relojoaria e moedas, constituindo estas uma importante coleção numismática composta por peças de ouro de origem grega, romana, bizantina, francesa e portuguesa.

Foi primeiro Presidente da Fundação o Dr. Manuel Ribeiro Espírito Santo, que faleceu em 1973; sucedeu-lhe, conforme designação testamentária do Instituidor, o Doutor Fernando Aguiar-Branco, que presidiu durante mais de 50 anos. Na sequência do seu falecimento, atualmente, preside à Fundação o Dr. Augusto Aguiar-Branco.

Rua Tenente Valadim, 325
4100-479 Porto
fundacao@feaa.pt
www.feaa.pt

